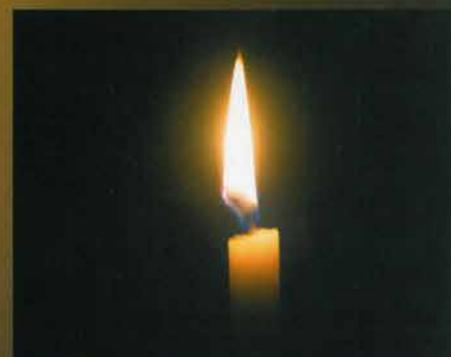


Ano XXX - Nº 67 - novembro/2003

Editada pela APM do Colégio São Vicente de Paulo

# a chama

*Três décadas  
de história  
nas páginas de  
uma revista*



POESIA E PAZ



OS PRIMEIROS PASSOS  
NO CSVP



A HORA E A VEZ DOS  
ALUNOS



EM MEMÓRIA DE  
BETINHO



CIDADE MARAVILHOSA



AQUECENDO O SÃO  
VICENTE



DEDICAÇÃO E AMOR AO  
ENSINO



OLHAR PREMIADO



## EXPEDIENTE

# a chama

Revista editada pela APM  
Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo

Ano XXX – Nº 67  
novembro/2003

Rua Cosme Velho, 241 – Cosme Velho – CEP 22241-090 – Rio de Janeiro – RJ  
Telefone: (21) 2556 0796 e-mail: csvp@csvp.g12.br

*Supervisão Editorial:* Pe. Lauro Palú e diretoria da APM  
*Coordenação Editorial:* Marco Vinícius Bittencourt e João Afonso de M. Teixeira  
*Reportagens, redação, edição e revisão:* Ana Beatriz de Noronha e Cátia Guimarães  
*Projeto Gráfico:* Oswaldo Eduardo Lioi  
*Programação Visual:* Iuri Lioi, Maíra Lioi e Joana Joffily  
*Ilustrações e Capas:* Iuri Lioi  
*Colaboração (fotos):* Gilberto de Carvalho e Antônio Morais (Serviço Audiovisual / CSVP) e Pe. Lauro Palú

### DIRETORIA DA APM

*Casal Presidente:* Sérgio Mourão Castiglione e Denise Maria Braune  
*Casal Vice-Presidente:* Marco Vinícius e Rosária Bittencourt  
*Casal Relações Públicas:* João Afonso de M. Teixeira e Solange Pires de M. Teixeira  
*Casal Tesoureiro:* Edevino Panizzi e Elizabeth Mary Taucei  
*Casal Secretário:* Geraldo Guimarães e Cristiana Andrade Mello  
*Casal Representante dos Professores:* Cristina C. Vellaco e Gerson Vellaco Junior

## Edição de aniversário

A responsabilidade de escrever o editorial de aniversário de nossa revista é grande. Ainda mais por se tratar do seu 30º aniversário. A maioria dos leitores desta revista já viveu mais de 30 anos e sabe o que representa reunir três décadas de vida.

Talvez, por essa razão, a **chama**, tal qual a “crise dos 30” por que muitos de nós passamos, resolveu abrir novos espaços, a novas vozes e, conseqüentemente, a novos talentos. Aquela necessidade mesmo de estar em contato com o novo, repensando e revendo a si mesmo, refazendo sua história, comemorando, brindando suas conquistas.

Neste número comemorativo, a **chama** está editada com 48 páginas e o prazer de estar em contato com as *boas*, as *novas* e as *quentes* da Comunidade Vicentina será ainda maior.

Aproveitamos para agradecer e parabenizar todos que planejam, pensam, ajudam, lêem e fortalecem a **chama** para que esta, sobretudo, esteja sempre incandescente.

Votos sinceros da diretoria da APM 2003.

*Denise Braune*

## SUMÁRIO

<b>CAPA</b>	
30 anos da revista a <b>chama</b>	24
<b>ESPECIAL</b>	
Dez anos de iniciativa e solidariedade por um Brasil mais justo	10
<b>ENTREVISTA: Felipe Fortuna</b>	
“O diplomata e o poeta podem provocar a paz”	2
<b>COMO SE FAZ</b>	
Convivendo e aprendendo	4
<b>ESPAÇO DOS ALUNOS</b>	6
“O movimento estudantil não pode acabar”	8
<b>EJA</b>	
As histórias das pessoas	9
<b>ESPAÇO APM</b>	
Cinema e Filosofia: apoio da APM é fundamental	14
<b>FÓRUM</b>	
A violência nossa de cada dia	15
<b>AÇÃO PEDAGÓGICA</b>	
Feira de Linguagens: o Rio de Janeiro foi a estrela da festa	18
Nosso projeto de formação permanente	20
Campanha da Fraternidade 2004: Água, fonte de vida	22
<b>TEATRO</b>	
No palco tragédia moderna e liberdade	23
<b>AÇÃO PASTORAL</b>	
Despertar para a religiosidade	30
<b>ENSINO FUNDAMENTAL</b>	
Linguagem das formas	32
Rio de Janeiro: imagens e poesias	33
<b>PERFIL: Marlene Bluhm</b>	
Uma vida dedicada à educação e ao São Vicente	34
<b>ENSINO MÉDIO</b>	
Alunos se despedem com lembranças da infância	36
<b>AÇÃO SOCIAL</b>	
Ensinando a esperança	38
Cocos e Guimarães Rosa	38
Nossa caminhada em Nova Sepetiba no ano de 2003	39
<b>SÃO VICENTE</b>	
São Vicente de Paulo, exemplo de amor e justiça	40
<b>ETC...</b>	
Tamanho não é documento, competência sim	43
Uma boa alimentação é o melhor remédio	44
Notas	45
<b>ESPAÇO ABERTO</b>	
A chama que não se apaga	48

# “O diplomata e o poeta”

## Do São Vicente para o mundo: Felipe Fortuna



**Q**uando chegou ao São Vicente, ainda menino,

Felipe Fortuna interessava-se por literatura, poesia em particular. Nessa época, ele foi editor de um jornal dos Alunos e cavou no Colégio a oportunidade de reproduzir seus próprios textos. Gostava das letras.

Hoje, oito livros e muitas experiências mais tarde, ele trocou o Rio pela Embaixada do Brasil em Londres e o São Vicente pelo mundo como espaço de divulgação da sua obra. Aos 40 anos, escreveu poesias, críticas, ensaios e traduções. Mestre em Literatura Brasileira pela PUC-RJ, tornou-se diplomata, crítico literário e ensaísta. Continuou poeta.

Nesta entrevista, ele fala sobre cada uma dessas profissões e habilidades, uma vida que começou no São Vicente.

Nesta entrevista, ele fala sobre cada uma dessas profissões e habilidades, uma vida que começou no São Vicente.

**a chama:** *Poeta, crítico e diplomata, entre outras coisas. Como foi a sua trajetória em cada uma dessas funções?*

**Fortuna:** Comecei a escrever poemas por volta dos 11 anos. A partir dos 15, decidi que seria de fato escritor e comecei, portanto, a escrever regularmente e a ler

de modo muito seletivo os livros mais importantes da poesia brasileira, bem como os da francesa e inglesa, os mais acessíveis para mim. O crítico, creio, surgiu mais adiante, resultado da leitura que vinha realizando e da necessidade de manifestar minha opinião sobre o meu ofício e sobre o ofício dos outros. O diplomata pode ter nascido de um agudo interesse pelo debate político e, certamente, de um interesse em viver em outros países. Refletia muito sobre a alta qualidade do trabalho realizado pelo Itamaraty em diversos foros internacionais, bem como sobre a presença, entre os diplomatas, de escritores como Guimarães Rosa, João Cabral de Melo Neto, José Guilherme Merquior, entre tantos outros.

*“Namorar é muito importante, não é? E isso acontece muito nos tempos de colégio – espero que continue acontecendo”*

**a chama:** *Como diplomata, jogos/combinações políticas. Como poeta, jogos/combinações de palavras e sentimentos. O que essas “funções” têm em comum? Como elas entram em conflito ou se completam?*

**Fortuna:** Essas combinações de fato existem, e muitas outras poderiam ser propostas. Mais importante, para mim, é entender de que modo se pode ser integralmente escritor e integralmente diplomata, sem abandonar alguns princípios éticos e algumas atitudes de natureza política. Sei que, quando escrevo poemas, estou transmitindo algo do meu tempo e do meu espaço, enfim, do conjunto das minhas experiências. Como diplomata, sou também envolvido pelas

circunstâncias que existem numa ação toda pautada na longa tradição da nossa política externa. Não sei se a literatura e a diplomacia são complementares, mas parece que são afins...

**a chama:** *No mundo da informação, da tecnologia e da velocidade, ainda existe espaço para a poesia?*

**Fortuna:** Esta pergunta poderia ser feita em relação a muitas épocas da nossa História, e não apenas agora. Por exemplo, quando Isaac Newton estudou a decomposição da luz pelo prisma, poetas como John Keats disseram que aquele cientista britânico havia matado a beleza com a força da verdade. Durante a revolução industrial, muitos escritores se maravilhavam com máquinas velozes, como a locomotiva, outros afirmaram que a velocidade alterava em demasia a percepção da paisagem, tornando-a sem sentido... Nada disso impediu, e não impedirá atualmente, a resistência da arte e a necessidade de que ela reflita, justamente, a nossa condição. Assim, a informação, a tecnologia e a velocidade são elementos que a poesia deve enfrentar para buscar neles uma consciência.

**a chama:** *Como é atuar em todas essas funções no mundo atual? Em qual delas é mais difícil trabalhar? Em qual você se realiza?*

**Fortuna:** Sou um poeta no mundo, e também alguém que trabalha no mundo. Se tivesse sido jornalista, ou então professor universitário, certamente a minha poesia teria ganhado alguns outros contornos. A poesia não é propriamente um trabalho, no sentido formal da palavra, mas uma vocação que se confunde com a necessidade de refletir sobre as palavras e estruturar um universo a partir delas. O trabalho diplomático me ensina a pensar sobre o meu país e sua impressionante inserção no mundo. Sinto-me realizado

# ...a podem provocar a paz”

## segue o caminho das artes e da política

como o poeta Camões, que vê o engenho e a arte simultaneamente.

**a chama:** *O que você guardou de mais importante do tempo em que estudou no São Vicente? Tem alguma lembrança especial?*

**Fortuna:** Namorar é muito importante, não é? E isso acontece muito nos tempos de colégio – espero que continue acontecendo. Mas sua pergunta também me faz lembrar os professores que tive. O professor Humberto Venuto era excelente no ensino do português, com muita ênfase na literatura brasileira. Escreveu bons poemas, sobre os quais publiquei no *Suplemento Literário de Minas Gerais* uma das minhas primeiras resenhas na imprensa. Perdi o meu contato com ele, e talvez vocês me ajudem a reencontrá-lo. O professor Aquino transmitia com vigor sua visão crítica sobre História do Brasil e também sobre História das Américas. Apesar de a matemática não ser definitivamente o meu forte, recordo-me com gratidão do professor Talvane, que ensinou análise combinatória e muitos exercícios de lógica que, para minha surpresa, servem ainda hoje de subsídios para a minha reflexão sobre poesia. Fiz boas amizades que o tempo dispersou, e alguma que ainda manteenho. Existe sobretudo um sentimento de geração que me faz ficar próximo de pessoas como Fernanda Torres, Cláudio Botelho e Ricardo Basbaum, entre algumas outras, que se tornaram expoentes em suas áreas de atuação.

**a chama:** *Você foi editor de um “jornalzinho” no São Vicente. Conta como isso começou.*

**Fortuna:** Fui editor de um jornal mimeografado que, como acontece, reunia a colaboração de muitos alunos. Depois, passei a editar meus próprios textos, sempre em mimeógrafo, como uma coletânea de contos, outra de poemas e uma

de ensaios sobre temas do cotidiano. Recebi do Pe. Lauro Palú todo o apoio e liberdade intelectuais para essa atividade, e quase sempre recursos.

**a chama:** *Como a sua formação no São Vicente orientou suas opções profissionais (e pessoais) como poeta, escritor, crítico, diplomata?*

**Fortuna:** O São Vicente, como se sabe, reunia muita gente inquieta com a realidade do país. Tive diversos amigos que se filiaram ao PT ainda muito jovens e buscavam atrair outras pessoas para o partido. O Colégio também promovia discussões sobre temas polêmicos — reforma agrária, liberação sexual, jornalismo engajado etc. Um grupo teatral do Colégio apresentou a peça *Liberdade, Liberdade*, com a presença do autor, Millôr Fernandes. Outros intelectuais também compareciam aos debates. Nesse sentido, o São Vicente contribuiu para indicar a importância do intelectual na sociedade.

**a chama:** *Trabalhando como diplomata, você está levando adiante alguma luta ou desejo pessoal em relação ao mundo?*

**Fortuna:** Respondo com simplicidade: o diplomata e o poeta podem provocar a paz. ■



### Poemas à Distância

A

Há uma distância entre as coisas: a cor das coisas, sobre a mesa, não revela, não aparenta.

A maldição é terrível: se as coisas desaparecem, a distância entre elas permanece, gigantesca.

Então destruir as distâncias.

Mas de que modo, se o sonho as alimenta, e as coisas e as distâncias se entrelaçam até no instante em que me ausento?

B

A distância entre as coisas é um problema eterno.

Tu és coisa distante de Deus e Ele é coisa distante do entendimento: sou coisa distante de ti, ó corpo feminino, e mesmo quando nos servimos em festa é com nossa distância que nos divertimos. Sensação e sabor: pura distância. Horizonte e arquipélago: mesma coisa. Quanta estranheza nos abraça e, muito pior, quantas vezes já

tentamos abraçá-la - tudo porque estamos vivos e a morte murmura uma palavra embaçada.

C

À distância, não vejo as coisas. Estão longe até de minha distância. Estou sozinho. Minha profissão é ser distante, porém distante como os fios elétricos e a oculta voltagem, como o telefonema repousando no cabo submarino.

Entre uma distância e outra apareço e já devoro - devoro, por exemplo, a distância entre o assassino e o morto, pois a distância é a despedida mais duradoura, mais imunda e destrutiva.

Felipe Fortuna  
Do livro *Atrito*, 1992

# Convivendo e

**C**onvivência, diz o dicionário, significa familiaridade, relações íntimas, trato diário, vivência em comum. No São Vicente, os dois dias de trabalho pelos quais passam os pequenos candidatos a alunos da 1ª série do ensino fundamental encaixam-se perfeitamente nessa definição. A chamada *Semana de Convivência*, que conserva esse nome embora já não dure cinco dias úteis, é, muito mais do que um processo seletivo, um exercício de conhecimento da Escola, do ambiente, dos futuros amigos.

Muito antigamente, o São Vicente, como ainda faz a maioria dos colégios, aplicava uma prova de conhecimentos específicos também aos pequenos candidatos. Quando Solange Borba, hoje Coordenadora de 5ª a 8ª série assumiu, junto com Pe. José Pires de Almeida, então Diretor da Escola, a reestruturação do ensino fundamental, ela questionou o processo de seleção de novos Alunos, que mais parecia um “vestibulinho”. Quando

hoje. Ela aperfeiçoou o processo, fez com que ele se adequasse à realidade ao longo do tempo e, todos os anos, cuida de cada detalhe, sem esconder que ele é sua verdadeira menina-dos-olhos.

## Crianças em alerta

A convivência começa com um boas-vindas afixado num quadro que recebe Pais e Alunos logo na saída do elevador do quarto andar. Depois, todos se reúnem no auditório para começar as despedidas de Pais, tão orgulhosos quanto aflitos, e a aproximação com as Professoras que, quem sabe, acompanharão o próximo ano de vida e estudo daquelas pequeninas criaturas.

Pe. Lauro começa esse convívio provocando as crianças: “Para que vocês vêm para a Escola?”. Várias vezes desinibidas apressam-se em responder: “Para aprender matemática, português, ciências”. “Para aumentar o cérebro”, grita outro, mais cria-

E aí começam as apresentações. Olhinhos atentos tentam acompanhar nomes e funções de todas aquelas pessoas que falam e sobem ao palco. A Coordenadora de disciplina Marlene Reis, conhecida como Marleninha, chama o grupo de Inspectores, aqueles que vão ficar de olho nas crianças durante todo o ano, apresentados como seus “anjos da guarda”. Muitos outros nomes ou cargos são mencionados — os Funcionários da Secretaria, Tesouraria, Enfermaria... Ninguém é esquecido. Pouco antes de começar o “mão na massa”, uma surpresa para relaxar: no intervalo para o recreio, vão ter gelatina de graça na cantina!

## Hora de estudar e brincar

Chegou a hora. Cada Professora assume seu grupo, identificado por uma cor, que depende da quantidade de candidatos. E lá vão eles, em fila, seguindo a orientação de Marlene Bluhm de levantar a mãozinha



No auditório, os pais se despedem dos filhos. Na quadra, as crianças se divertem e se conhecem um pouco melhor

começaram a montar um novo projeto, pensaram em chamá-lo de *Semana de Adaptação*. Nessa época, Pe. Lauro Palú já era diretor, na sua primeira gestão, e alertou: “Seres humanos não se adaptam, se transformam”. Mas como os seres humanos vivem juntos, nasceu, daí, a *Semana de Convivência*.

Pouco depois, Marlene Bluhm assumiu a coordenação das 1ª e 2ª séries do ensino fundamental, cargo que ocupa até

tivo. E ele concorda. Mas vai além. “Tudo isso é verdade”, explica, “mas o mais importante é que vocês vêm para o São Vicente para serem felizes e bons. Você é feliz se consegue desenvolver todas as suas qualidades, aprender muito, brincar muito, cantar, jogar, fazer teatro, tudo aquilo de que você gosta e que ajuda a crescer. E você é bom se pensa em fazer com que os outros também sejam felizes. Essa é a nossa meta”.

direita e balançá-la num gesto de “até breve”. As Professoras que participam da convivência não são, necessariamente, as mesmas tias que as crianças vão encontrar no ano seguinte em sala de aula. Algumas são responsáveis por outras séries ou ocupam até a coordenação. O critério é ter habilitação para o processo.

Durante todo o turno em que estão na Escola, os Alunos circulam por vários mundos. Têm a hora do trabalho, quando

# aprendendo

fazem atividades de português, matemática, redação, leitura e interpretação de texto; a hora da curiosidade, quando se entusiasma com histórias, fotos e fósseis de diversas espécies no laboratório de biologia e despertam talentos no laboratório de informática; e a hora do lazer, quando jogam e pulam no ginásio, com a Professora de educação física, e viajam no tempo com a interpretação da contadora de histórias na biblioteca infantil.

Isso faz com que, mais do que apenas conhecimentos específicos, aqueles que normalmente se aprendem na escola, a avaliação leve em consideração a capacidade de comunicação, mobilidade, interação, participação em grupo. Enfim, de convivência. Todos esses pontos e muitos outros são observados e anotados pelas Professoras que acompanham os grupos. Quem decide se a criança está ou não apta a ingressar na 1ª série do Colégio é um Conselho, formado por todos os Professores que participam do processo, inclusive os de apoio. E quando é que o Aluno não é indicado a ficar?

Esses casos acontecem quando a criança não apresenta uma capacidade mínima de leitura, escrita e coordenação motora e não mostra conhecimentos iniciais dos números. Mas esses critérios são analisados em conjunto. “Precisamos ver a criança como um todo”, explica Marlene. Se a situação for mesmo séria, o Colégio aponta as deficiências e não aprova a entrada do Aluno. Se os problemas forem solucionáveis a curto prazo, a Coordenação aponta as dificuldades, orienta os Pais e aceita a matrícula da criança, apostando no seu resgate. “Exigimos o básico. Se uma criança não consegue fazer a 1ª série no São Vicente, não tem condições de cursá-la em nenhum outro lugar”, aposta a coordenadora.

## Momento de preparação

A convivência do São Vicente é, até nos objetivos, muito mais do que um pro-

cesso seletivo. Ela serve também, por exemplo, para que Professores e Coordenadores possam observar e planejar melhor o ano seguinte. Outra boa utilidade desse momento é fazer com que as crianças conheçam a Escola com antecedência, o que evita o choro nos primeiros dias de aula. Os Pais também se familiarizam com as instalações do Colégio e escapam do famoso “corre-corre” atrás de salas, no início do ano letivo, comum em muitas instituições.

Há quase 20 anos, tem dado certo. Este ano, pela primeira vez, o processo aconteceu mais cedo, nos dias 13 e 14 de outubro, e foi apelidado de *Convivência da Primavera*. Do auditório ou do saguão, nenhuma criança saiu chorando. Todas se viram rodeadas de amigos que, como avisou Marlene Bluhm logo no início da apresentação, podem se tornar amigos para toda a vida. O primeiro passo eles mesmos deram. No laboratório de informática, gritavam um para o outro, numa disputa saudável: “Fulano, tô no 4”, “Já tô no 8”, “Em qual você tá mesmo?” A caminho do recreio, planejam programas: “Quer bater pênalti com a gente?”, perguntava um. Na conversa que regou o lanche, uma pequena mocinha fazia uma confissão quase pessoal, digna de velhos amigos: “Detesto meu nome”.

Numa prévia do que vão encarar com as crianças no próximo ano, as Professoras ouviram comentários e respostas fantásticos, todos na ponta da língua. Também no laboratório de informática, brincando de pôr roupas e objetos no lugar certo do personagem que aparecia na tela, um deles colocou o polvo na cabeça do pobre mergulhador. Questionado pela Professora, ele não teve dúvida: “Ele mergulhou e, quando subiu, o polvo veio na cabeça dele”. Puxa, ainda bem que não é vestibulinho... Quem é mesmo que pode dizer, com segurança, o que está certo e o que está errado? ■



Amarelo, vermelho, verde e branco: os quatro grupos da *Convivência da Primavera*



Quando vieram contra os  
negros, eu não  
era negro e não fiz nada.

Quando vieram contra os  
favelados, eu não  
era favelado e não fiz nada.

Quando vieram contra os  
homossexuais,  
eu não era homossexual e não  
fiz nada.

Quando vieram contra as  
mulheres, eu não  
era mulher e não fiz nada.

Quando vieram contra os  
desdentados, eu  
não era desdentado e não fiz  
nada.

Quando vieram contra os  
pobres, eu não  
era pobre e não fiz nada.

Quando vieram contra os cegos,  
eu não  
era cego e não fiz nada.

Quando vieram contra os  
aleijados, eu não  
era aleijado e não fiz nada.

Quando vieram contra os outros,  
o assunto  
não me dizia respeito e não fiz  
nada.

Quando vieram contra mim,  
ninguém me  
defendeu.

O que nos faz iguais é que  
somos, todos,  
diferentes uns dos outros.

*Felipe Amorim*

Adaptado do texto "Pense  
nisso", escrito por Góris,  
inspirado em "Olhos azuis", de  
Jane Elliot.

## Sorria. Você não está sendo filmado... será?

Tudo tem um começo, mas onde isso começou? A hora de "dar uma espiadinha" ou ser "espiado" todo o dia depois da novela já virou rotina e já é tão comum que até boa parte dos "revoltados com a sociedade" está lá todos os dias, em frente à TV achando muito interessantes os profundos pensamentos dos participantes sobre religião ou a "compreensível" choradeira de um dos participantes pela perda da boneca de lata.

No mundo de hoje em dia isso é tão comum que a gente nem percebe. Mas um exemplo simples disso é a nossa audiência. A gente liga a televisão, põe no canal de sempre, senta a bunda no sofá e desmorona ali mesmo, levando consigo o resto daquele biscoito que você não terminou de comer ontem e lá está você, sem perceber, levando 0,000001 pontos de audiência pro canal, você muda e o 0,000001 vai com você para o canal escolhido. Enquanto você estiver com a TV ligada, você vai ser isso mesmo: 0,000001.

Será que num futuro próximo nossa vida será um reality show? Você vai imitar o Michael Jackson na frente do espelho do banheiro e centenas de pessoas vão estar assistindo. Por que as pessoas têm tanta necessidade de aparecer a ponto de mostrar todas as suas intimidades na frente de milhões de pessoas? Por enquanto, essas são perguntas difíceis de se responder. É mais fácil até se a gente perguntar onde está Wally... sorte a dele de ainda não ter sido achado.

*lane*

## Paradigmas de amor

Amor, segundo os pessimistas,  
é abstrato. Não tem cheiro nem  
cor, nem gosto nem dor. Não é  
palpável, é sentimento inerte.

Amor, segundo os otimistas,  
está em tudo e em todos. É  
colorido, é transitivo, tem cheiro  
de flor.

Amor, segundo os realistas, tem  
som, gosto e cor. Tem encanta-  
dores olhos verdes, tem corpo,  
tem dor. Tem cheiro de... ser  
vivo! É intransitivo. É vivo! É  
visível! Viva o vivo amor! Este  
amor tem residência, fax e  
telefone. Ele tem nome.  
Dizem que sou realista.  
Para o meu vivo amor.

*Renata Bley Oliveira*

## Uma beleza

naquela noite  
todas usavam vestidos  
mas ela estava de jeans

*Marcelo Neder*

## Daqui

A gente não entende o ali  
Porque estamos olhando daqui

Daqui estamos olhando  
Através dos óculos daqui  
Pré-fabricados com os conceitos  
daqui

Veja, caro intelectual daqui,  
Com todo o respeito ao aqui,  
Inúteis suas conclusões sobre  
o ali

Ora, ali você não está  
Muito menos no lá, no acolá  
Ou mesmo no logo ali  
Não compreende a língua dali  
Nem o que falam sobre o aqui

Total perda de tempo  
Dizer daqui, sobre o ali  
Sem viver aquilo ali

*Bruno Menezes*



"uma noite no circo" 30/06/02  
 Cecília Sampaio Rodrigues  
 Turma: 2º C

## Pó que foi pó, e pó tornará a ser

Ela nasceu das cinzas.  
 Das cinzas de cigarro batidas no  
 chão,  
 da garrafa já vazia de vinho  
 barato,  
 do sexo mal feito no sofá, enfim,  
 nasceu do final da festa.  
 Ficou com isso marcada, quase  
 predestinada:  
 sua vida nunca seria uma festa,  
 seria sempre a parte que  
 ninguém lembra  
 ou quer lembrar.

Fruto de um pecado sem prazer,  
 não foi parida, ela caiu do pé.  
 E vendo a árvore, sua mãe,  
 abandoná-la  
 e arrancar do chão suas raízes  
 de remorso e instinto materno,  
 ela engoliu o choro comum aos  
 bebês  
 e bebeu cada gota de lágrima  
 de fruta bichada jogada fora  
 que lhe vinha aos olhos.

Lágrimas milagrosas a  
 mantiveram semi-viva  
 até ser encontrada.  
 Lágrimas desgraçadas! Se não  
 a tivessem  
 hidratado,  
 a teriam libertado de uma vida  
 sedenta de  
 amor atento e carinhoso.

Escolheram para ela o nome da  
 Virgem,  
 não por ela ser pura, mas por  
 sua primeira  
 palavra ter sido "mãe"  
 em uma tentativa de chamar  
 pela mãe, que  
 não a Santa mãe de Cristo,  
 mas aquela que lhe crucificou  
 por uma vida.

Maria, como seu nome já  
 indica, é comum.  
 Ordinariamente normal passou  
 em branco,  
 apesar de mulata, por toda a sua  
 vida.  
 Para ser notada, Maria, agora  
 Madalena,  
 tornou-se meretriz.  
 Mas nem mesmo os muitos  
 homens que com  
 ela se deitavam  
 se davam conta de sua  
 existência humana  
 pois, para eles,  
 ela era bicho.

O mundo não olhou Maria ao  
 nascer,  
 o mundo não olhou Maria ao  
 viver,  
 mas quando Maria foi alvo de  
 vingança  
 o mundo parou seu movimento  
 tão  
 importante.

Carbonizada Viva! diziam as  
 manchetes  
 Quem era a pobre prostituta?  
 Dizem que se chamava Maria...  
 Morreu queimada para nascer  
 para o mundo  
 nas capas dos jornais.  
 Mundo imundo matou a menina  
 que não  
 conhecia.  
 Mundo imundo apresentou a  
 menina ao  
 mundo  
 quando era apenas uma estátua  
 de cinzas.  
 Fazendo assim Maria (re)nascer  
 e cumprir  
 seu destino de fênix.

Bernardo Barcellos

# “O movimento estudantil não pode acabar”

**N**o dia 2 de maio de 2003, tomou posse a nova diretoria do Grêmio do Ensino Médio (Greco), composta pelos Alunos: Raul Branco, Marina Praça, Laura Amaral, Pedro Valente, Laura Addor e Mariana Saad. Dentre as 22 propostas que formavam a plataforma da diretoria eleita, estava a de ampliar, por meio do Grêmio, a participação dos Alunos do Colégio na Associação Municipal de Estudantes Secundaristas (Ames).

Promessa feita, promessa cumprida ou, pelo menos, uma visível tentativa de cumpri-la. A disposição dos Alunos, no entanto, esbarrou num sério problema que há muito interfere diretamente no movimento estudantil: a partidarização política das entidades estudantis. Atentos ao enorme potencial de luta dos estudantes, os partidos políticos investem forte no movimento estudantil e o resultado desse esforço pôde ser visto na última eleição para a União Brasileira de Estudantes Secundaristas (Ubes), que foi disputada por sete chapas, todas ligadas a algum partido. A chapa ganhadora *A gente faz um país!* reuniu, por exemplo, os movimentos: *Até quando?*, da Articulação Estudantil, do PT; *Legalidade 40 anos*, da Juventude Socialista do PDT; *Livre pensar, livre viver*, da Juventude do PPS; *Educação e trabalho*, do Movimento da Juventude Trabalhista, do PTB; e *Juventude em movimento*, também do PT. O quadro nacional reflete o que acontece em todos os níveis do movimento e há algum tempo começa a gerar indignação entre aqueles que acreditam numa nova forma de atuação dos estudantes e que se dispõem a lutar por isso. Com a palavra, Laura Amaral, do Greco. ■

## NOVO COMEÇO

O movimento estudantil tem história na vida política do país. Alguns momentos importantes foram: na década de 50, a campanha “O Petróleo é nosso”; nas décadas de 60 e 70, a luta contra a ditadura militar; na década de 80, a luta pelas “Diretas Já”; e, na década de 90, o “*impeachment*” de Collor. Um dos braços do movimento estudantil no Rio de Janeiro é a Ames (Associação Municipal dos Estudantes Secundaristas). No entanto, ela está vivendo um momento de grave crise.

A Ames é uma entidade que tem o papel de representar os estudantes, promover debates, eventos culturais e passeatas, incentivar a formação de grêmios, entre outras coisas. Sua diretoria é eleita em um congresso, o Conames, no qual cada escola é representada por delegados.

Os últimos Conames, atualmente o único espaço para debate dos estudantes, têm reafirmado a desorganização e o enfraquecimento da entidade, além das disputas de partidos políticos que cada vez mais afastam a Ames dos estudantes.

Todos me falavam sobre o Congresso, sobre a bagunça, sobre as brigas. Mas, mesmo assim, fui ao XVII Conames, realizado no dia 13 de setembro de 2003. O que vi foi tudo, menos estudantes debatendo e elegendo nova diretoria: comida no chão, janelas que foram quebradas, início de brigas, estudantes separados por correntes gritando slogans, desrespeito, um grande caos.

Não nos esqueçamos: o estudante é sempre quem está sugerindo novas idéias e buscando soluções. O movimento estudantil não pode acabar. Se os jovens não opinarem, reivindicarem, lutarem pelas coisas de seu país, quem irá fazê-lo? Estaremos mais vulneráveis à dominação.

Assim, insatisfeito com a não atuação da Ames e com a vontade de mudar, um grupo de alunos (do Colégio São Vicente, CAP-Uerj, Pedro II, Colégio Laranjeiras, Instituto Guanabara, entre outros) resolveu criar um movimento estudantil sem vínculos com nenhuma corrente, com nenhum partido político. Um grupo de estudantes independentes.

O objetivo desse movimento é criar espaços para debater sobre temas ligados aos estudantes e, a partir dessas discussões, promover passeatas, eventos culturais, entre outras coisas. Aos poucos, conscientizaríamos os estudantes de que a sua participação é essencial, não apenas para a reestruturação e manutenção do movimento estudantil, mas também para a formação de um Brasil mais crítico, que opine, que discuta. Um Brasil brasileiro.

O movimento estudantil começa dentro da escola até atingir as ruas, podendo mesmo transformar a história. O grupo é aberto e qualquer um pode dele participar. As reuniões ocorrem semanalmente no São Vicente. Caso alguém queira entrar em contato com o movimento, é só mandar um e-mail para [nossomovimento@grupos.com.br](mailto:nossomovimento@grupos.com.br).

A sua participação e a sua opinião são fundamentais.

Laura Beraldo Amaral  
Aluna do 2º C e diretora do Greco



# AS HISTÓRIAS DAS PESSOAS

EJA

**N**a música *Caminhos do coração*, Gonzaguinha canta: “E aprendi que se depende sempre, de tanta, muita diferente gente. Toda pessoa sempre é as marcas das lições diárias de outras tantas pessoas”. Entre essas tantas pessoas, certamente estão Edson e Silvânia, alunos da 8ª série da Educação de Jovens e Adultos (EJA), que nos dão de presente algumas de suas “lições diárias”.

Ao fazer uma retrospectiva madura de suas vidas, Edson e Silvânia nos brindam simultaneamente com um olhar crítico e poético sobre temas como a família, a cidade natal e o teatro.

Seus textos, como explica a professora Rosiara Cavalcanti, são fruto de um trabalho reflexivo que norteia a ação pedagógica desenvolvida no curso noturno do CSVP. “A finalidade desse trabalho é promover, nos Alunos, a tomada de consciência do seu universo e o fortalecimento da autoconfiança, reafirmando sua possibilidade de interferir no mundo e a responsabilidade de abrir seus próprios caminhos”, diz Rosiara.

## EJA RECEBE NOVO COORDENADOR

Lembrando do antigo e, em suas palavras, insubstituível coordenador do EJA, Professor José Fernandes, o novo coordenador do curso noturno, Professor Hécio Alvim, falou à **chama**, que, dentre seus planos, estão aprimorar a coordenação pedagógica, estimulando a troca de idéias e experiências entre os Professores; aumentar a relação do EJA com os turnos diurnos, integrando-o no projeto pedagógico do Colégio, por meio do fortalecimento do projeto de monitoria e do estímulo à participação do EJA nas feiras e projetos do São Vicente; e, principalmente, continuar a luta pela implantação do Ensino Médio. ■



Ao centro, a Professora Rosiara, com seus Alunos Maria Silvânia e Edson

### Hei de estudar até a morte

Nasci numa cidade no interior da Paraíba, em 6 de agosto de 1972. Meu pai era policial militar e minha mãe, dona de casa. Sou o único filho homem da verdadeira “Casa das sete mulheres”, pois tenho sete irmãs. Meus pais também eram da mesma cidade. A cidade não era bonita nem feia, e nem pequena demais. Com apenas um banco e uma igreja, tinha aproximadamente 20 mil habitantes. Também não era pobre demais, pois vive até hoje da agricultura da cana de açúcar, produzindo álcool, cachaça e açúcar.

Fui alfabetizado ainda criança, aos cinco anos de idade, por uma professora particular. Meus pais tinham a preocupação de que fôssemos para o colégio já alfabetizados, minhas sete irmãs e eu. Desisti do colégio aos 13 anos, para trabalhar como ajudante de tratorista em uma das usinas de álcool e açúcar. Depois em outra e depois em outra, passei a tratorista e nada de voltar a estudar, não porque estivesse cansado, mas porque trabalhava uma semana de manhã e outra de noite.

Aos 19 anos, resolvi vir para o Rio de Janeiro passear e fiquei até hoje. Quando cheguei, trabalhei numa fazenda em Rio das Ostras (Estado do Rio de Janeiro) e, dois anos depois, passei a trabalhar aqui no Rio, como segurança. Trabalhei também como *office boy* e, há quatro anos, trabalho aqui nas Laranjeiras como porteiro. Casei-me e tenho dois filhos.

Há dois anos, resolvi voltar a estudar, não com a cabeça de adolescente, mas agora adulto, sei o que quero. Eu só fiquei convencido de que o estudo pode melhorar minha vida depois de ficar tantos anos sem estudar. Infelizmente foi assim.

Na minha família, não tem muita gente tímida, não somos o tipo de pessoa que pede desculpas por ser nordestino. Minha experiência de vida, eu consegui perguntando, procurando e experimentando. Quando não sei, pergunto. É assim que estou fazendo a minha experiência de vida. Continuarei estudando nas duas escolas: na da vida e nesta. Me formarei em uma, duas ou mais faculdades. Vou saber mais do que sei hoje e mais do que saberia se nunca tivesse parado.

Mas quero saber pelo menos o suficiente para poder conhecer os meus direitos e deveres, poder saber conversar com pobres e ricos, cultos ou não. Ninguém sabe tudo e, se eu chegar aos 70 ou 80 anos, é certeza de que ainda não saberei o bastante. Mas vou ser melhor do que sou, porque a educação faz as pessoas melhores e eu quero melhorar. Hei de estudar até morrer!

*Edson Correia dos Santos*

### TEATRO

É uma magia que nos leva a conhecer histórias incríveis. Percebi que o teatro é um grande aprendizado, pois foi através dele que descobri várias coisas diferentes. Senti em mim várias mudanças, principalmente na parte da leitura e da comunicação. Antes eu não sabia dialogar com as pessoas. Hoje, percebo que sou mais segura do que digo e acredito mais em mim e na minha capacidade. Deixei de lado a timidez, que me fazia sentir medo de me aproximar das pessoas. Hoje não, vejo o mundo completamente diferente.

Antes, achava que o teatro era só para quem quisesse ser ator. Hoje, acredito que não, porque descobri a importância que tem: você aprende a cada dia a ser você mesma, a se valorizar mais e a viver no mundo da imaginação. Enfim, é uma arte linda, que leva a pessoa a um mundo imaginário.

Infelizmente, o teatro não é valorizado como deveria, pois poucas pessoas se dão conta de como ele é importante. Se todos pudessem fazer arte como no teatro, o mundo seria diferente.

*Maria Silvânia Soares*

# Dez anos de iniciativa e solid

**T**udo começou no dia 19 de maio de 1993.

Cerca de 300 pessoas lotaram o auditório do São Vicente para ouvir Herbert de Souza, o Betinho, falar sobre o movimento contra a fome que ele havia lançado e levava adiante. Daquela fala empolgada, comprometida e, sobretudo, esperançosa, nasceu, por iniciativa dos próprios Alunos, o Comitê Graúna, batizado em homenagem a um dos principais personagens do cartunista Henfil.

Naquela palestra, Betinho, incentivando a criação de grupos engajados no projeto, deu a receita para a formação de um comitê: criatividade, novidade, decisão e juventude. Coisas que os Alunos de 5ª série ao ensino médio, envolvidos no projeto, tinham e, dez anos depois, continuam tendo de sobra.

## Antecedentes

Trabalhos e projetos sociais sempre foram cultivados e incentivados num Colégio que tem como lema formar agentes de transformação social. O Graúna tem o diferencial de ter nascido e se desenvolvido por iniciativa dos Alunos. O lançamento do comitê, du-

## De novo o Betinho na Escola

A manhã de 20 de outubro foi solenizada com a presença do sociólogo Herbert de Souza que escolheu pessoalmente o mesmo colégio como ponto de lançamento da campanha "Natal Sem Fome" no meio estudantil do Rio de Janeiro. Em um grupo de 500 jovens presentes no Ginásio de Esportes, vindos de quatro ou cinco estabelecimentos, previamente contatados, além de nossos próprios alunos do 1º e 2º graus, por representantes.

Recebido efetivamente às 10:30h, Betinho foi bem recebido por vários estudantes artísticos, poesia, conjunto musical, canto, a cargo de cada escola participante.

Pelas 11:30h, ele tomou a palavra para mostrar o sentido da presença dos jovens no movimento nacional pela cidadania e contra a miséria e a fome.

A vitalidade de nosso Comitê Graúna, criado no dia 19 de maio de 1993, por ocasião de sua visita ao Colégio, deve ter estimulado Betinho a enfrentar o apelo a todas as escolas representadas pelas cinco presentes.

Emocionado, contou vários episódios de participação, antes imprevisíveis, de crianças e adolescentes na Ação da Cidadania. No interior de Goiás, disse, um grupo de crianças cobrou pedágio dos passantes à entrada de uma cidade. O dinheiro destinava-se ao "movimento do Betinho". Um alto funcionário público, após dar a contribuição, continuou a viagem reativo: "Estas crianças estão fazendo a sua parte, eu, até agora, nada fiz para diminuir a fome no país". Solicitou e obteve uma área de terreno. Plantou um arrozal e colheu 270 toneladas. Ao remeter tal produto aos comitês, afirmava que o merecimento era todo das crianças do pedágio.

Os alunos que escutavam Betinho devem ter assumido também a mensagem e o propósito de passá-la adiante. Dias depois, na Assembleia Patronal dos Estabelecimentos de



O Ginásio de Esporte ficou lotado para receber o sociólogo Betinho

Ensino, os diretores foram, por sua vez, desafiados a transmiti-la a suas escolas. Se cada aluno contribuísse com um quilô, umas cem toneladas seriam acrescentadas ao "Natal Sem Fome". Possa o Betinho visitar, muitas vezes, nossa escola e muitas outras, pois serão sempre proveitosas as lições de vida desse "Profeta de Nova Cidadania".



Betinho

a chama - nº 28

ue?...  
sa!

Graúna, uma idéia que não pode morrer



Em maio de 1993, o Colégio São Vicente de Paulo recebeu a visita do sociólogo Herbert de Souza, o Betinho. Na ocasião, Betinho veio divulgar a Campanha da Ação da Cidadania contra a Miséria e pela Vida. Engajado com a campanha, os alunos criaram o Comitê Graúna, nome dado em homenagem ao cartunista Henfil. Embora o Comitê Graúna tenha sido criado em maio de 1993, sua atuação começou em agosto, após o contato com o projeto "Natal Sem Fome". Hoje, temos cinco escolas parceiras: São Vicente, Santa Helena, Santa Helena, Santa Helena e Santa Helena. O Comitê Graúna tem como objetivo promover ações de solidariedade e cidadania, além de arrecadar recursos para o projeto "Natal Sem Fome".



Betinho e Caio Ferraz junto com os alunos participantes do Comitê Graúna

Graúna em 1998



Betinho, que inspirou a criação do Comitê Graúna, na última visita ao São Vicente, em outubro de 1995, noticiada pela chama nº 28, de março de 1996



# ariedade por um Brasil mais justo

rante a palestra de Betinho, foi apenas o momento de culminância de uma série de ações que já vinham acontecendo havia, pelo menos, três anos.

O coordenador Artur Motta, que acompanhou de perto essa movimentação, conta que, em 1990, o Colégio estava mantendo uma relação muito boa com o Cerro-Corá, favela localizada nas proximidades da Escola. A comunidade queria transformar a Associação de Moradores num espaço mais social. Dentre tantas opções de obra, decidiram fazer um posto de saúde. No ano seguinte, a renda da Festa Junina do Colégio foi destinada à construção do posto. A Mãe de um Aluno, que era arquiteta, fez o projeto, como voluntária. Com o dinheiro da festa, foram montados os alicerces.

Chegou-se a pensar em como desenvolver o aspecto mais pedagógico desse projeto, mas houve um momento a partir do qual o trabalho não evoluiu mais. E ficou um gostinho de frustração no ar. Em 1993, a palestra do Betinho era o argumento que faltava para liberar todo esse desejo contido de fazer pelo outro.

## Do vínculo à independência

No início, o Graúna ficou muito ligado ao comitê central da campanha "Ação pela Cidadania contra a Fome e a Miséria", o que significava colaborar com as ações que já estavam sendo desenvolvidas. Poucos meses depois, já constituído como um grupo com identidade e reconhecido no Colégio, o Graúna trouxe Betinho para dar outra palestra no São Vicente.

As ações eram dos alunos e o Colégio participava dando apoio e oferecendo uma pessoa para ajudar a coordenar os trabalhos. Algum tempo depois, o Professor Sérgio Maia, então coordenador pastoral, assumiu essa função, que manteve até deixar o São Vicente para se tornar presidente da Associação de Educação Católica (AEC/RJ), em 2002. Sua chegada foi um empurrão para que o grupo tivesse mais auto-



Coleta de alimentos, uma prática que se repete no auxílio aos necessitados

nomia e passasse a desenvolver projetos próprios, tendo como base também a filosofia de São Vicente de Paulo, santo dos pobres e patrono do Colégio. O comitê começou a procurar instituições para ajudar, das mais diversas formas. Hoje a coordenação está a cargo do Professor José Eduardo, o ZéDu, e o trabalho continua.

## Gerando filhotes

Também no início da década de 90, Edna era Professora de religião do Ensino Fundamental no Colégio. Sua preocupação, pedagógica e social, era levar a mensagem de São Vicente para os Alunos. E ela achava que, para isso, deveria partir para a ação. Aconteceu, então, um convite de uma freira da creche Cristo Redentor para que as crianças visitassem a instituição. Os Alunos se animaram com o que viram.

Logo depois, um Inspetor do Colégio falou sobre uma comunidade em Vila de Cava, no município de Nova Iguaçu, Baixada Fluminense, que estava passando por sérias necessidades. Ao visitar o local, os pequenos Alunos do São Vicente ficaram muito impressionados quando viram crianças crescidas dormindo em berços. Tal como ocorreu com o Graúna, parecia que esse era o empurrãozinho que faltava.

Começaram a vender docinhos e lembranças no recreio. "Fizeram um verdadeiro rebuliço no Colégio", lembra Edna. Arrecadaram quase R\$ 2 mil, compraram 12 beliches e 24 colchonetes. Vendo a disposição da turma, outras instituições começaram a entrar em contato e pedir ajuda. Como o fôlego de solidariedade das crianças não passava, aquela movimentação começou a chamar atenção no Colégio.

Seguindo o exemplo dos mais velhos, os pequeninos fundam o Grauninha e trabalham com disposição de gente grande





Grauninha em visita à Creche Tia Amália



Artur, que nessa época estava muito próximo das ações do Graúna, começou a chamar o grupo de Grauninha. Pouco depois, o nome e a existência do comitê foram oficializados.

Pai e filho na história de ação social do São Vicente, Graúna e Grauninha são hoje quase uma coisa só. Mas, segundo Edna, as crianças do Ensino Fundamental fazem questão de manter a identidade do grupo, mesmo que seja no diminutivo.

### Comunidade Vicentina

O Graúna, com todas as suas ações e desdobramentos práticos, completa este ano uma década de vida. Esse marco é uma conquista de Alunos, Professores, Coordenadores, Funcionários e Famílias, que, em diferentes níveis, vêm se envolvendo com os tra-

balhos ao longo desse tempo. Só o Grauninha conta, hoje, com a participação direta de 25 Mães.

Os voluntários ajudam com o que podem e têm para oferecer. Como não se trata de uma única ação contínua, o importante é que os interessados procurem as coordenações dos comitês e se coloquem à disposição para ajudar quando os projetos estão acontecendo. No início do ano, por exemplo, o Graúna está sempre com campanhas de doação de livros usados. Pelo menos duas vezes por ano, acontece o Domingão Vicentino, uma manhã em que o Colégio abre as portas para receber as comunidades e instituições que são ajudadas pelo Graúna e pelo Grauninha (ver página 40).

A relação do Graúna e do Grauninha com as instituições com as



Alunos do Graúna com o Professor Sérgio Maia no Centro Social Cristo Redentor e em Acari



quais colaboram envolve diferentes níveis, como visitas, doação de materiais, tempo, atenção e afeto.

Como esses grupos são constituídos e institucionalizados dentro do Colégio como movimentos de ação social, eles estão envolvidos em todas as campanhas lançadas pelo São Vicente com esse cunho. Um exemplo recente é a Campanha da Globalização da Caridade, um esforço da Família Vicentina no mundo todo para a erradicação da fome e da miséria. Todos os Alunos do Colégio foram mobilizados para desenvolverem um trabalho em prol do outro necessitado — de dinheiro, de recursos, de carinho. E a dupla Graúna/Grauninha estava lá.

Um dos trabalhos mais frutíferos dessa campanha foi exatamente o desenvolvido pelas crianças do Grauninha no Dispensário São Vicente de Paulo. Crianças ajudando crianças, envolvidas, como voluntárias: essa foi uma das mais bonitas faces do São Vicente na solidariedade.

### O mesmo Brasil

Quando visitou o São Vicente, Betinho apresentou números que ajudavam a mobilizar as pessoas para a luta contra a fome. Segundo ele, 150 mil crianças morriam de fome por ano no Brasil, 1700 só no Rio de Janeiro. Hoje, dez anos depois, segundo Frei Betto, assessor especial da Presidência da República para o Programa Fome Zero, a quantidade de crianças vítimas da fome chega a 400 mil na América Latina e, no Brasil, esse número continua ultrapassando os 100 mil.

Betinho morreu em 1997, mas os núcleos de mobilização que ele criou continuam se reproduzindo em todo o país. E, o que é mais importante: o sonho de criar “outro país e outro mundo”, que inspirou o nascimento do Graúna há uma década, continua vivo, com a mesma criatividade, novidade, decisão e juventude que ele um dia recomendou. ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães

## APELO À CONSCIÊNCIA SOCIAL E À PREOCUPAÇÃO COM OS FILHOS

Quando escolhi o São Vicente para o meu filho, não pensei só no lado pedagógico, busquei também uma instituição que se preocupasse com o social. Por isso, participo do Graúna desde que meus filhos começaram a estudar aqui e faço isso, especialmente, pensando em despertar neles esse interesse.

Meus filhos ainda não participam dos projetos como eu gostaria. Mas, sabendo do meu interesse, eles atuam, pelo menos, como portadores das informações sobre tudo que acontece no São Vicente referente ao trabalho de voluntariado. Isso faz com que eles estejam pelo menos atentos.

Esse tipo de atitude me parece importante porque nós, pais, vemos os adolescentes cada dia mais consumistas, vulneráveis aos apelos da televisão, dos *shoppings centers* e de tantas outras coisas. Mas poucos são os apelos pelo envolvimento com a realidade do nosso país.

Quando reclamamos da falta de controle sobre alguns tipos de comportamento e atitude dos filhos, nós, pais, deveríamos contabilizar o que fazemos por eles além de trabalhar e sustentá-los da melhor forma possível. Será que só isso é suficiente? Os alunos do São Vicente vivem, de um modo geral, com conforto. Por isso, mais do que falar sobre pobreza e miséria, é preciso fazê-los vivenciar essa realidade. Delegar toda a responsabilidade à Escola não é o caminho. A parceria, tão cultivada no São Vicente, mostra-se, a cada dia, mais fundamental.

Vejo, no São Vicente, um potencial muito grande de pais e mães de alunos, que deveria ser aproveitado em prol dessa proposta social que o Colégio tem. Em todos os Domingões Vicentinos, trabalho na cozinha, ajudando a preparar o almoço das crianças que visitam o Colégio. Dão aquilo que sei. Há espaço para pais ensinarem diversas coisas, contarem histórias, promoverem recreação ou até simplesmente conversarem com as crianças. Nessa trajetória com o Graúna, muitas vezes encontrei crianças que só precisavam de um colo. Por isso, não tenham dúvida, há lugar para todos nesse trabalho.

Às vezes, sinto um certo vazio, uma solidão nesse trajeto. Quantas vezes me vi sozinha, no meio de professores, das Voluntárias da Caridade ou da diretoria da Associação de Pais e Mestres (APM). Penso se todos os pais e mães de alunos do São Vicente, como formadores de opinião, não deveriam assumir responsabilidades com um trabalho voluntário mais consciente e orquestrado.

Apesar disso, da minha parte, só tenho colecionado crescimento pessoal e resultados positivos. Sou católica e vejo nesse trabalho a manifestação da minha religiosidade. Essa tem sido a forma mais satisfatória que descobri para exercer a minha fé.

Mariley Iusten Prohmann

Mãe do Mateus (t. 81) e da Ana Clara (t. 74)

# Cinema e Filosofia:

## apoio da APM é fundamental

**P**or tradição, a APM sempre apoiou as diversas atividades artístico-educacionais desenhadas no Colégio, como os corais, o teatro e, a partir de 2001, o curso de Filosofia e Cinema, ministrado pelo Professor Patrick Pessoa. O curso tem sido um sucesso absoluto e os resultados estão aí para provar.

Repetindo a trajetória do filme *Novela Vaga*, produzido pela turma que se formou em 2001, escrito pelo Aluno Tomás Prado e dirigido por Patrick Pessoa, que foi exibido no cinema Odeon, em 18 de junho de 2002, durante a 1ª Ação da Organização (ver box), o curta *Mulheres esperando*, produto final da turma de 2002 do curso, integrou a programação da 2ª Ação da Organização, realizada no dia 7 de agosto deste ano também no Odeon.

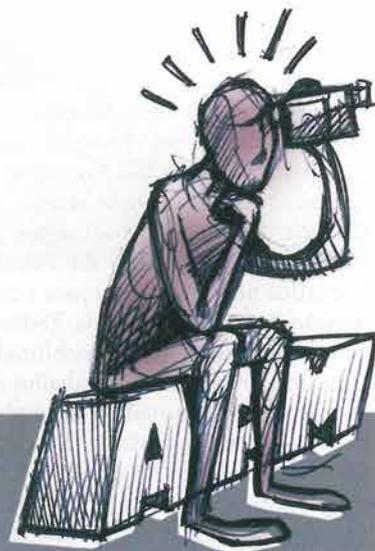
Mas isso não foi tudo. *Mulheres esperando* foi um dos 12 selecionados, dentre os mais de 80 curtas-metragens apresentados na 2ª Ação da Organização, para ser exibido no Canal Brasil, o que ocorreu na madrugada do dia 6 de setembro.

Para Patrick, isso mostra que, com o apoio da Escola e da APM, os Alunos são capazes de fazer filmes de alta qualidade. “Os três filmes produzidos no âmbito do curso de Filosofia e Cinema já finalizados — *Novela Vaga*, *Incubação* e *Mulheres*

*Esperando* — têm sido apresentados em mostras e festivais de cinema e vídeo por todo o país, o que é muito gratificante”, diz o professor, lembrando ainda que a turma de 2002 está finalizando mais um curta (*Uma noite, um bar*) e que a turma de 2003 filmou, no dia 9 de novembro, *O original*, que tem tudo para repetir o sucesso das produções anteriores. “Como se vê, o projeto continua a pleno vapor e espero que possamos continuá-lo no ano que vem, com o indispensável apoio da APM”, conclui Patrick. ■

### A ORGANIZAÇÃO

A Organização é uma cooperativa de cineastas, cujo objetivo é viabilizar a apresentação de curtas-metragens em vídeo digital para um público mais amplo. Para realizar esse propósito, a Organização oferece a cada espectador um real ao fim de cada sessão assistida. “Dessa forma, conseguimos mobilizar um público que normalmente não frequenta os cinemas, como, por exemplo, a população de rua da Cinelândia”, explica Patrick, que faz parte da cooperativa, cujo “padrinho” é o ator e diretor Antônio Abujamra.



### SEGURANÇA DE ALUNOS PREOCUPA PAIS E ESCOLA

Atendendo a pedidos dos Pais, preocupados com a segurança de seus Filhos, a APM se juntou à direção do Colégio para organizar uma série de palestras, realizadas nos dias 11 e 13 de agosto, pela equipe de palestras da Guarda Municipal, que esteve no São Vicente falando sobre medidas preventivas de segurança. Em horários previamente organizados pelas Coordenações do Ensino Fundamental, do Ensino Médio e do EJA, e utilizando linguagem adequada a cada faixa etária, o grupo passou aos Alunos informações importantes de como se portar em diversas situações de risco. ■

### FICHA TÉCNICA:

**Título:** Mulheres esperando

**Sinopse:** Fragmentos da vida de cinco mulheres ilustram a relação entre o amor, a espera e o silêncio. “Estou apaixonado? Sim, pois espero. O outro não espera nunca.”

**Duração:** 7 minutos

**Direção e roteiro:** Clara Cunha, Maria Pandolfi e Clara Dias (turma de 2002)

**Produção:** Patrick Pessoa

**Produção executiva:** Marcelo Néder Cerqueira

**Direção de fotografia:** Júlio Constantini

**Edição:** Clara Cunha, Júlio Constantini e Marcelo Néder Cerqueira

**Figurinos:** Julia Liberati

**Continuidade:** Pedro Tomé

**Assistente de produção:** Pedro Costa

**Apoio:** APM e Colégio São Vicente de Paulo

Equipe da Guarda Municipal dá aos Alunos dicas importantes sobre segurança



# A violência nossa de cada dia

**V**iolência é um tema que, cada vez mais, desperta o interesse de todas as pessoas. A violência do assalto logo ali na esquina, do homicídio no bairro vizinho, do tiroteio da Linha Vermelha, do tráfico de drogas no morro e no asfalto, da polícia despreparada para atender cidadãos. Mas existe um outro tipo de violência que se discute muito pouco: aquela do dia-a-dia, das pequenas coisas, aquela que não mata, não rouba e não sai nos jornais, mas fere e abre terreno para o ambiente de agressividade mútua que o mundo vem vivendo.

Para colocar o dedo na ferida desse verdadeiro tabu, a **chama** reuniu a aluna Laiz Trambaioli, da turma 81, a professora Flávia Coutinho, da 8ª série, Maria Ângela Pimentel, mãe de dois alunos do Colégio, e uma das orientadoras do SOE, Heloísa Carvalho, para discutir a violência na escola. Quem selecionou essa turma foi a própria Heloísa, que vem tentando adaptar ao São Vicente estudos sobre o que nos Estados Unidos vem sendo chamados de *bullying*. Leia com atenção, mesmo se não for estudante: você pode se descobrir uma pessoa muito mais violenta do que pensava.

**Helóisa:** Nós estamos aqui reunidas para falar sobre o comportamento agressivo na escola, na vida. Esse assunto vem nos mobilizando e incomodando. Queremos tratar disso e ver como podemos melhorar. No meu caso, quero buscar um projeto para prevenir e atacar o problema.

**Laiz:** Eu não sei se isso acontece nas outras turmas, mas pela discriminação que existe, a minha pode ser dividida em pelo menos dois grupos: o dos que falam mais e o dos que falam menos, dos que dominam e dos que não dominam... E isso eu venho percebendo há muito tempo. Eu já sofri um tipo de discriminação que não é muito percebida, que se refere às notas. Cheguei a diminuir as minhas notas para poder ser aceita no grupo. Esse texto que nós lemos sobre

*bullying* diz que esse tipo de comportamento causa dor e angústia e eu me sentia assim: para baixo. Isso é um dos tipos de discriminação que existe.

**Helóisa:** Laiz já sofreu muito. Eu acompanhei esse sofrimento. Ela chegou a fazer mudanças nas características que ela tem naturalmente para atender aos códigos do grupo. Ia deixar de ser estudiosa para seguir aquilo em que o grupo acreditava: que o *nerd* é um cara absolutamente doente, que só estuda, não sai de casa.

**Maria Ângela:** Como é que você conseguiu vencer isso, Laiz?

**Laiz:** Não sei. Acho que eu percebi que ser inteligente não era um defeito, era uma qualidade. Eu achava que até podia ser uma qualidade, mas eu não me enturmava, era excluída, não falava com ninguém. Tinha o meu mundo.

**Helóisa:** Ela era também muito tímida e educada, o que é um padrão pouco comum na relação entre eles, em que todo mundo invade todo mundo. E ela ficava esperando ser aceita. Na medida que reforçou que conhecimento, o ser boa aluna, não era uma coisa ruim, ela ganhou segurança para começar a se relacionar com todo mundo e é respeitadíssima, representante de turma. Hoje ela é a pessoa que disponibiliza o tempo dela, o estudo.

**Laiz:** O meu conhecimento hoje eu aplico ajudando as pessoas. Tanto que eu falei para a Solange para ela não repetir ninguém porque eu gosto de todo mundo.

**Flávia:** Eu acho que essa história dela só reforça o papel da escola no contexto social. Porque uma coisa que me incomoda muito é ver a escola reproduzindo o que a sociedade é. A gente vive numa cidade hiperviolenta e a violência passa dos muros. Eu me lembro de uma ocasião, eu era nova no



São Vicente, trabalhava com a 4ª série primária, e roubaram o dinheiro da mochila de um menino no pátio. E eu vim aqui feito uma leoa falar com a Nina. Ela me disse: “Minha filha, a escola reflete o que está lá fora”. Ele dizia assim: “Isso aqui é uma escola! Eu não posso ser roubado aqui dentro!” E, apesar de entender o que a Nina me falou, aquilo me bateu forte. Porque eu acho que a escola tem que ser um espaço privilegiado para a gente mudar o que está lá fora. Então, Laiz, por que essa desvalorização? O conhecimento vale muito, mas a sociedade diz que não vale nada e isso é refletido aqui dentro. O nosso desafio é não deixar que isso reine aqui: o conhecimento vale muito sim, o professor também. A gente tem que ser um modelo para a sociedade e não repetir o que ela faz. Uma vez me incomodou muito também uma menina da 5ª série, que era uma graça, mas era “hiponga”. Mesmo com uniforme, ela mantinha uma maneira muito própria de se vestir. Tinha um cabelão enorme e um dia o cortou, bem curtinho. Passaram a dizer que ela era sapatão. Começaram a chamá-la de Cássia Eller. Os pais vieram conversar comigo porque ela estava muito triste. Eles disseram que a filha teve sempre, desde muito pequenininha, uma forma característica de se vestir e eles estavam incomodados de achar que a filha teria que ser diferente para ser aceita no grupo. Eu acho que nós tínhamos que fazer um trabalho nas disciplinas. Eu gostei desse texto aqui porque ele diz: “A violência não é só chutar. Zoar, sacanear, botar apelido, tudo isso é violência”. Na sala de aula, sem querer, a partir de um texto literário, tivemos essa discussão. O texto, do Paulo Mendes Campos, falava de uma pessoa que ia para o centro da cidade com uma camisa de manga curta e uma pasta e foi maltratada o dia inteiro. Até que se tocou, que estava com uma roupa de *office boy*. Começou a discussão, falaram belas frases, até que uma menina levantou e disse: “Peraí, vocês estão falando isso tudo, mas, na prática, não é assim não. Eu sofro porque eu venho com



uma roupa diferente e vocês não aceitam...”. Corajossíssima! Falou no meio da turma.

**Maria Ângela:** Eu tenho uma filha na 1ª série e um filho na 8ª. Na reunião da turma da minha filha, surgiu uma questão que nada mais é do que uma forma de discriminação. Na 1ª série do ensino fundamental, estão surgindo clubinhos, que serão mais tarde as tribos, gangues. Tem clubinho de que você tem que pagar para fazer parte. Os clubinhos lancham separadamente. Isso surgiu trazido por um pai numa reunião e eu sugeri que a coordenação tocasse esse assunto de uma forma mais objetiva. Porque isso, na minha leitura, já é uma forma de discriminação que pode me preocupar mais adiante. Quando o pai se pronunciou, outros tantos começaram a fazer ligações com o que estava acontecendo. Além da discriminação, vem junto uma questão financeira, de envolvimento com dinheiro, que vai num crescendo. Então, eu acho importante que a Escola fique atenta a essa questão desde o início, não só com o adolescente.

**Flávia:** Junto com o tal texto do Paulo Mendes Campos, nós trabalhamos um texto jornalístico, que foi fornecido pela professora de matemática, falando sobre a sandália havaiana. Num dia de prova, eu comecei a olhar para o pé deles, todos com havaiana. Que bonitinho! Mas, na minha época, aquilo era horrível! Depunha contra você usar havaiana. E o texto mostra que houve uma mudança de público-alvo, uma estratégia, manipulação. Então, por trás dessa discriminação, estão os interesses do capitalismo.

### Violência e intolerância

**Heloísa:** Eu estou no São Vicente há 23 anos. Essa dificuldade de lidar com a diferença vem num crescendo, mas me chama atenção há muito tempo. O que mais me incomoda é que o aluno acaba saindo daqui da mesma forma que entrou e a gente não consegue intervir. Temos que fazer alguma coisa. Aí eu

recebi o texto sobre *bullying*. Eu não sabia nem que isso tinha um nome, que era um comportamento observado em diversos países e já com algum trabalho e muitas pesquisas realizadas. Tive acesso a um questionário que foi elaborado pela Abrapia com patrocínio da Petrobrás. Peguei esse material com uma mãe de aluno de outra escola, que estava aflita porque teve que tirar o filho de um colégio porque ele não era aceito. Resolvi que eu ia aplicar esse questionário nas minhas turmas de 7ª e 8ª séries, para que eu pudesse levantar isso e produzir um projeto para começar a trabalhar essa questão desde sempre. Eu comecei, nas 7ª, mostrando um vídeo com depoimentos de pessoas que sofreram esse tipo de discriminação ou opressão. Depois, conversando com as turmas, eu perguntei se alguém ali tinha sofrido esse tipo de violência. Os meninos disseram assim: “Heloísa, você acha que alguém vai responder?” Aí eu perguntei: “Por que não? A gente não fica à vontade para falar sobre isso aqui?” Eles disseram: “Claro que não. Quem já sofreu isso não vai falar; se não, ele vai ser ainda mais sacaneado”. Eu disse que isso era o que me deixava muito triste. Porque, como instituição de educação, mais do que o português, a matemática, as disciplinas em si, a gente privilegia as relações. Eu não preciso amar uma pessoa, mas tenho que respeitá-la como ela é. Esse é o princípio da liberdade. E, quando não fazemos isso, cerceamos a liberdade. O cara pode ser diferente de mim, mas é ser humano e tem coisas boas. Mas a gente nem olha, não quer nem conhecer. Eu acho que, na medida que esta Escola tem como lema educar para a transformação social, mais importante do que passar no vestibular é mexer diretamente com isso e mostrar para esses jovens que valorizar o ser humano é ser sensível, companheiro, solidário.

**Flávia:** A Maria Ângela tem razão quando diz que essas coisas só aparecem na parceria. Naquele dia em que nós trabalhamos os textos e debatemos na turma da Laiz, acabou a aula e todo mundo veio atrás de mim, dizendo: “Vá lá embaixo, no pátio, que você vai ver as tribos”. É em momentos privilegiados que essas coisas vêm à tona. A gente tinha que criar um espaço especial para discutir essas questões. Eu sou vista como uma professora lenta. E não sou, mas eu me atraso no conteúdo porque paro para



discutir essas questões. Eu sou professora por causa disso.

### Linguagem e diferença

**Heloísa:** E foi chamada aqui por isso. Porque, através da matéria que escolheu ensinar, ela trabalha o ser humano e a linguagem, que faz parte de tudo isso.

**Flávia:** Veio um pessoal da guarda municipal aqui e deu várias palestras sobre segurança. Na primeira, eles cometeram algumas inadequações em relação ao uso da língua e os alunos não respeitaram.

**Heloísa:** Eu fiquei preocupada e pedi ajuda na sala dos professores, para que falassem sobre isso com os alunos das outras séries. Flávia, na mesma hora, assumiu essa função.

**Flávia:** Nos trabalhos atuais, a gente nem fala em erro, mas sim em inadequação, porque existem várias línguas. Aproveitei para conversar sobre isso e eles tiveram um comportamento exemplar.

**Heloísa:** Aí a gente vê como é importante preparar para a ação. Como a Escola deve assumir mais essa preocupação com o humano que, muitas vezes, pela necessidade de dar conta do conteúdo, a gente deixa passar. A gente até trata, mas não privilegia.

### Parceria Escola-Família

**Maria Ângela:** Eu sou muito a favor e o Ministério da Educação está pensando agora em incluir no currículo obrigatoriamente o Estatuto da Criança e do Adolescente, porque já é uma forma de você entender o seu direito e o seu dever. Porque, na verdade, a escola não é apenas o segmento que forma para o conhecimento, é formadora do cidadão. Isso a gente tem no São Vicente e é por isso que meus filhos estão aqui até hoje. Os pais precisam entender que a escola não é hoje mais o depósito do filho para que ele obtenha conhecimento, como era na concepção antiga. Nas reuniões, a gente vê, dependendo do segmento, as preo-

cupações dos pais, que perpassam as questões do consumismo, da modificação da cultura de família. Isso tem muito a ver com a mudança social e vai trazendo à tona esses problemas. Eu acho que esta coisa da solidariedade, do companheirismo, de ser parceiro de graça é fundamental.

**Heloísa:** Eu observei na aplicação do questionário, já com as 7<sup>as</sup> séries, um fato curiosíssimo. Eles começaram assim: “Gente, eu acho que eu faço *bullying* a cada minuto”, “Heloísa, o que eu respondo aqui?”, “Tudo é *bullying*”. Eles não conseguiam preencher o questionário sem reagir. Tiveram uma dificuldade de escolher, afirmar. Porque são a geração do mais ou menos, todo mundo e ninguém. Esses dois são os mais graves porque você perde identidade, o que é mais uma forma de opressão. “Todo mundo estava conversando”. Que necessidade é essa de ser grupo e de perder as suas características? Isso é terrível. Os adolescentes são um pouco uma reprodução do que a gente é. Temos que ter coerência entre o que dizemos e o que fazemos. Começa com a gente essa coisa de não cuidar do outro. Eu acho que uma dose de egoísmo é ótima, mas individualismo não. A gente não vai construir nada dessa forma. Quando Maria Ângela fala da parceria, cada vez mais a gente percebe que precisa estar com as famílias; se não, não vai construir nada.

**Maria Ângela:** A Escola abre espaço para os pais virem conversar com os professores sobre dificuldades dos filhos. Às vezes a criança não tem dificuldade naquelas matérias, mas tem outros tipos. E o número de pais que vêm é muito pequeno.

**Heloísa:** Mas é preciso também que a família venha desarmada. Porque muitas vezes o comportamento da família é violento, porque está fora, trabalhando, asoberbada, e vem cobrando, não assumindo suas parcelas de responsabilidade, distante de uma posição de compartilhar. Vem sem disposição de reconhecer as dificuldades que encontra na educação do seu filho, principalmente na hora de reagir ao comando que vem do filho e do seu grupo e que é uma coisa muito preocupante.

**Maria Ângela:** A família vem armada porque desconhece que essa parceria com

a escola traz benefícios para os dois lados. Hoje, com essa cultura de escola depósito de conhecimento, a família pensa que, se o filho não precisa de nota, não precisa ir conversar com a professora. Ou vem quando o filho está envolvido com violência, droga, mas já no momento final. Vocês tinham que estudar um mecanismo para trazer a família para dentro da escola. Estou aqui porque minha opção foi por ser mãe; sou profissional porque tenho que sobreviver. A gente tem que tentar trazer a família de uma forma atrativa. Porque reunião de pais é uma coisa muito chata. Tem que desenvolver o prazer. A Escola precisa ser pedagógica com os pais para fazê-los entender que a parceria vai livrar o filho de certos precipícios.

### Violência e o politicamente correto: limites

**Flávia:** Eu acho muito chato esse negócio do politicamente correto, que não tem nada a ver com a nossa cultura. Agora, se for feita essa distinção, a gente vai encontrar a medida certa desse trabalho. O que não pode é ficar essa coisa solta, machucando as pessoas.

**Heloísa:** O “politicamente correto” é, muitas vezes, um comportamento de omissão. Você vê e não fala, sofre e não sente, passa pela rua onde uma pessoa está nua e não vê. É toda uma preparação para um comportamento de omissão. É o ninguém, o todo mundo.

**Flávia:** Esse tipo de trabalho me preocupa um pouco por causa da padronização. Mas eu acho que a gente é capaz de conseguir adequá-lo à nossa realidade.

**Heloísa:** Eu tive dúvidas quando trouxe o questionário, inclusive com o nome em inglês. Claro que eu tenho uma crítica a tudo isso. Agora, novamente, surge a necessidade de compartilhar. Sabe o que é o consolo de saber que isso já está sendo percebido e não só aqui? Que bom que isso já tinha um nome, uma pes-

quisa! Porque me incomodava e eu não sabia por onde começar.

**Flávia:** Eu já vi muitos alunos como a Laiz deixarem o São Vicente porque não conseguiam ficar. Esse trabalho que a Helô está propondo vai ser muito legal porque vai dar um suporte para a gente poder trabalhar. Eu tive uma aluna que perguntava “por que” e a turma gritava, caía em cima dela porque ela estava questionando perto da hora do intervalo. São essas pessoas, que fazem a diferença, que nós estamos perdendo.

**Heloísa:** É a contracultura. Porque existe a cultura, estabelecida, que quer tudo dentro e igual. E a gente tem que fazer parte de um movimento que diga que não é por aí, que isso dilacera, esfacela, traz um mundo cruel. A violência não está lá fora, está aqui, com a gente. A gente tem que cuidar do outro. Eu não vivo só.

### Tribos estabelecidas

**Heloísa:** As tribos têm vários nomes. Eu, volta e meia, reúno pessoas na minha sala para tentar entender essas tribos. As diferenças entre elas são sutis. Não sei como eles conseguem discriminar.

**Flávia:** Eu corriji um trabalho de redação e disse que o texto estava muito bom. A aluna me respondeu: “Grunge é inteligente, você não sabia?”.

### Diálogo e mudança

**Flávia:** No São Vicente, a gente tem um espaço privilegiado. Quem dá aula em outras escolas percebe essa diferença. Aqui a gente conversa. E onde há conversa, há saídas.

**Laiz:** Eu acho que a violência que está lá fora influi muito na daqui de dentro e a daqui influi na de lá de fora. Eu acho que a discriminação tem que ser abolida desde que somos pequenos porque depois não adianta chegar e falar “Vamos acabar com isso”, porque as pessoas não vão me ouvir. ■

N

ormalmente, dizemos que o Colégio São Vicente fica no Rio de Janeiro. No dia 31 de maio, no entanto, foi o Rio que acabou indo parar dentro do São Vicente. Era o dia da Feira de Linguagens e a cidade foi eleita como tema dos inúmeros trabalhos apresentados. Cada um dos visitantes presentes no Colégio pôde se sentir como um dos cerca de 1,3 milhão de turistas que, segundo a Riotur, visitam a nossa cidade anualmente para desfrutar de suas belezas naturais e seus bens culturais, conviver com seu povo e, até mesmo, vivenciar seus inúmeros problemas.

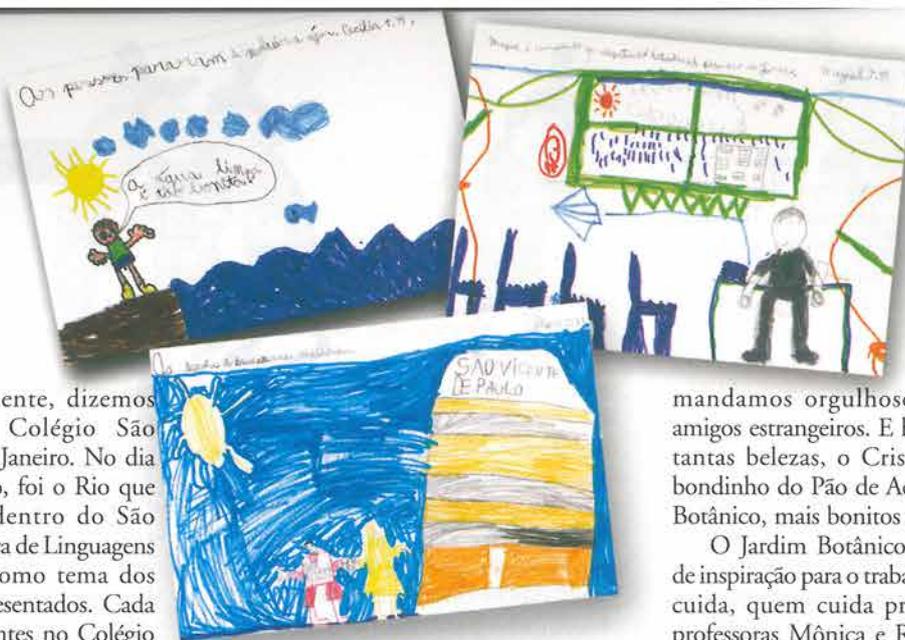
**No tempo e no espaço, a multiplicidade do Rio**

“ Cidade de tantos bens  
Deste a todos, e tão pouco,  
Em gratidão e carinho,  
Agora te dão em troco.

Rio antigo, Rio eterno,  
Rio-oceano, Rio amigo,  
O governo vai-se? Vá-se!  
Tu ficarás, e eu contigo.”

O fragmento do poema *Canção do Fico*, que Carlos Drummond de Andrade escreveu por ocasião da transferência da capital do país para Brasília estava exposto no pátio, anunciando o que se encontraria na Feira, onde o passado, o presente e as expectativas para o futuro da cidade se misturavam numa riqueza de linguagens que espelhava, certamente, a própria riqueza da realidade.

Os Alunos da 1ª série do Ensino Fundamental mostraram, em textos e muitos desenhos, o Rio de Janeiro de



Desenhos que representam as machetes que os alunos Cecília (T. 11), Miguel (T. 11) e Davi (T. 14) gostariam de ler

ontem e hoje, pelo olhar dos seus avós: do que se brincava, que roupas as pessoas usavam, como se locomoviam pela cidade, como se comunicavam e até mesmo como era a paisagem do Rio antigo. Mas isso não foi tudo, e, com muito bom humor e esperança, as crianças retrataram suas preocupações em machetes que gostariam de ler nos jornais: “As pessoas pararam de poluir a água”, escreveu Cecília (T. 11); “As escolas do Brasil estão sendo melhoradas”, afirmou Davi (T.14); e houve até mesmo aqueles que se colocaram como atores importantes das possíveis mudanças, como o Miguel (T.11), cuja manchete foi “Miguel é candidato a deputado estadual pelo Rio de Janeiro”. Que os céus e a terra os ouçam!

Com muita arte e sensibilidade, os Alunos da 2ª série do Ensino Fundamental desenharam cartões postais da cidade que nada ficaram a dever aos que

feira  
o RIO

mandamos orgulhosos para nossos amigos estrangeiros. E lá estavam, entre tantas belezas, o Cristo Redentor, o bondinho do Pão de Açúcar e o Jardim Botânico, mais bonitos que nunca.

O Jardim Botânico também serviu de inspiração para o trabalho “Quem ama cuida, quem cuida preserva”, que as professoras Mônica e Renata desenvolveram com as Turmas de 3ª série, também do Ensino Fundamental. Dava gosto entrar na sala 11 e se sentir juntinho da natureza, tão bem representada pelos Alunos, com apoio dos Professores, sem contar a inesperada presença de um Tom Jobim feito com muito carinho pela Professora Vera Teles, de música, que, ajudada por um coro de Alunos, colocou todo mundo para cantar sucessos inesquecíveis de um gênero musical bem carioca: a bossa-nova.

E se estamos falando de música e de Rio de Janeiro, não dá para não falar dos sambas de enredo das Escolas de Samba, que foram o objeto de estudo do trabalho sobre multiculturalismo desenvolvido pelos Professores Marco Antônio e Patrícia com os Alunos da 7ª série. Em meio a muito confete e serpentina, muita música, fantasias e adereços supercoloridos de antigos carnavais, era possível perceber a importância dos sambas na transmissão de fatos e aspectos da história e da cultura do país e da cidade. Dez! Nota dez, para Alunos e Professores.

Mas nem só de samba vive, por exemplo, a Estação Primeira. Pelo menos foi o que mostrou o coral Loas e Luas, ao trazer para o São Vicente a Folia de Reis da Mangueira, que desfilou pelo Colégio mostrando como se juntam arte e religiosidade na cultura popular.

Adultos aproveitam a ocasião para “pintar o sete” com as crianças



Pão de Açúcar (Cecília, T. 24), Corcovado (Gabriel, T. 24) e Jardim Botânico (Nara, T. 24)



# de linguagens: DE JANEIRO foi a estrela da festa



Na Feira, houve tempo para o samba e para o esporte

Como se pode perceber, valeu de tudo para se falar do Rio. Que o digam os Alunos da 6ª série que, seguindo os passos de Carlos Drummond de Andrade, um dos mineiros mais cariocas que já se viu, optaram pela poesia (ver página 33), afirmando, entre outras coisas, que “o Rio é o manjar dos deuses”.

## Falem mal, mas falem de mim

Que a cidade é linda, todos sabem; que tem grandes problemas, todos concordam. Não era de se estranhar, portanto, que muitos trabalhos tratassem de seus males de maneira construtiva e crítica, buscando soluções.

A partir do livro *Cidade partida*, de Zuenir Ventura, e do seriado *Cidade dos homens*, exibido pela TV Globo, os Alunos da 4ª série fizeram uma bela análise da exclusão social que existe na cidade, mostrando suas causas e conse-

quências. Por que a cidade está partida? Na opinião de Luiza (T.44), “porque os pobres são excluídos pela maioria da sociedade, porque são analfabetos e não conseguem emprego”.

Com os Alunos da 8ª série, foi possível entender o processo de favelização da cidade e até aprender que a palavra *favela* para denominar as comunidades pobres dos morros foi introduzida no nosso vocabulário pelos soldados que, voltando da Guerra de Canudos e sem receber as moradias prometidas pelo governo em troca dos serviços prestados, foram morar no morro da Providência, que chamaram de favela em alusão ao morro da Favela, no qual estavam alojados durante a guerra.

Como sempre, o tempo foi curto para tantas atividades e tanto aprendizado e diversão e o espaço foi pouco para tantas coisas que, certamente, mereceriam estar presentes em qualquer revista, como a palestra do deputado Antonio Biscaia sobre violência e a apresentação da peça *Perdemos todos*, do grupo de teatro do Colégio, sobre o mesmo tema, a música dos corais, a oficina de pipa, o espetáculo circense dos Meninos da Lua e muito mais.

Usando algumas gírias dos morros cariocas, aprendidas na Feira, é claro, não é “caô” (mentira) dizer que um “mulão” (grupo de muitas pessoas) “vazou” (foi embora), com aquele gostinho delicioso de quero mais. ■

Na exposição *Casarios do Rio*, Sergio César, o “Arquiteto de Papelão”, usou e abusou das sucatas para trazer para dentro do Colégio um pouco da arquitetura carioca



Folia de Reis, canto coral e muita bossa-nova: a Feira das Linguagens encheu o São Vivente de música



# FORMAÇÃO PERMANENTE

## NOSSO PROJETO

**E**ncaminhar o ensino para uma aprendizagem significativa, objetivando a compreensão da complexidade nas relações societárias e a definição de valores que devem predominar nessas relações é tarefa das mais difíceis e que propõe aos educadores inúmeros desafios. Daí a necessidade de estarmos permanentemente em processo de reflexão, participando de encontros, congressos, jornadas pedagógicas, promovendo reuniões onde partilhemos dúvidas, angústias e experiências com colegas que atuam em outros espaços e esferas e, ainda, recebendo subsídios e informações de profissionais que há muito se debruçam na reflexão e na pesquisa pedagógica.

### Por onde andamos

Nós, educadores do São Vicente, temos buscado diversas oportunidades para realizar nossa formação permanente e o Colégio nos tem incentivado a participar de variadas iniciativas de atualização que ocorrem no Rio de Janeiro e mesmo em outros estados, divulgando e subsidiando parte dos custos que acarretam.

Foi assim que pudemos estar presentes, durante o nosso recesso de julho, com uma equipe de 12 profissionais, entre Professores e Coordenadores, no Congresso Internacional de

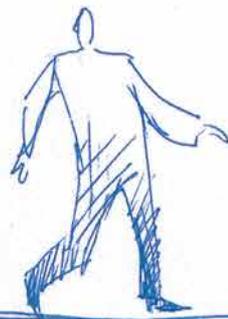
Educação, realizado aqui no Rio de Janeiro, no Rio Centro, cujos temas de referência foram a *Avaliação, as Relações Pedagógicas na sala de aula, o Letramento e a Hiperatividade*. Foram palestrantes os pedagogos portugueses Antônio Nóvoa e Almirando Afonso e os espanhóis Miguel Zabalza e Rafael Yus. Entre os brasileiros, podemos ouvir Sandra Bozza (PR), Isabel Parolin (PR), Nilbo Nogueira (SP), Celso Antunes (SP), entre outros.

Ainda durante o mês de julho, a professora Maria Isabel Cabrera, da 3ª série, participou de um Congresso em São Paulo, patrocinado pela Escola da Vila. Seu interesse recaiu sobre o temática de Língua Portuguesa, com propostas orientadas numa perspectiva piagetiana, discutindo a questão do “erro lingüístico” e, ainda, um projeto de trabalho com ortografia, que não afete o prazer de redigir com espontaneidade.

Estivemos também no III Encontro do SINEPE (Sindicato das Escolas Particulares de Ensino) realizado em

*conquista de melhoria da qualidade de ensino.*

Pudemos nos enriquecer com a ida de nossos Coordenadores Pedagógicos aos Encontros Instigantes promovidos por iniciativa da Professora Lourdes Atié, ouvindo a palestra de César Coll, da Universidade de Barcelona, um dos teóricos responsáveis pela reforma de ensino na Espanha e contratado pelo MEC para assessorar nossa reforma. Dedicou-se a nos trazer dois temas importantíssimos: “Práticas de Avaliação”, num enfoque construtivista, e



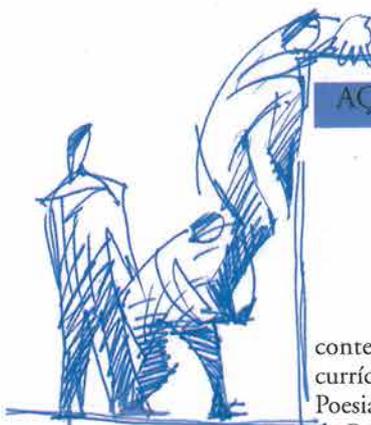
“Processos de Interação Professor/Aluno”.

Nossas colegas Heloísa Carvalho, Maria Clara e Eleonora Caldeira estiveram em Florianópolis, num Congresso de Informação Profissional, apresentando um trabalho pautado na experiência de suas atividades nesta área, aqui no Colégio São Vicente.

Anualmente, a cada semestre, fazemos a Jornada Pedagógica das EscolasRio (instituição que congrega mais de 40 escolas particulares no Rio de Janeiro, com finalidade de troca de experiências e estudo cooperativo). Desta vez, no mês de setembro, a proposta se referia ao tema *Incertezas em Educação*, orientado por Rosiska Darcy de Oliveira. Após a palestra, com o envolvimento de 40 de nossos professores, estivemos em minicursos e oficinas que trataram de temas variados sobre a prática docente. Alguns profes-

Curitiba, no período de 1 a 4 de julho, representados pelo Professor Helcio Alvim, coordenador da EJA (Educação de Jovens e Adultos) e membro da nossa equipe ComPasSo (Coordenação Comunitária, Pastoral e Social). O Professor Helcio pôde participar de reflexões voltadas para os seguintes temas: *A Escola Comunitária – um esforço de tornar a Escola mais aberta para a Comunidade e Avaliação Institucional – um desafio para a*





sores orientadores desses cursos eram colegas nossos, aqui do São Vicente: Arthur Motta, com *Leitura Crítica dos Meios de Comunicação*; Nina Maria Cunha, com *Elaboração de Provas*, e Patrick Pessoa, com a *Construção de Valores Morais e Éticos*.

Nossa equipe de Artes Plásticas, que já fora contemplada com um curso sobre Arte Contemporânea, com a Professora Sheila Dain, agora, está realizando outro curso, com o tema *Senhas*

ao Professor de Arte Pesquisador, patrocinado pelo Tear (Escola de Arte) e orientado pelo Espaço Pedagógico, de São Paulo.

As conferências dos pedagogos suíços Philippe Perrenoud e Monica Thurler, que estiveram aqui no Brasil, no mês de Setembro, foi outro ponto alto de nossas oportunidades de formação permanente. Desenvolvimento de Competências, Pedagogia de Projetos e Organização do Trabalho Escolar foram os assuntos que estimularam nosso questionamento e promoveram debates enriquecedores.

Os temas da Violência e do Conflito foram revisitados num Encontro patrocinado pelo Centro Cultural de Saúde e pelo Instituto Noos. Fizemos lá duas oficinas: *Bullying* e *Gerência de Conflitos*.

### O que estamos fazendo

Em nossas noites de segunda-feira, quando quinzenalmente nos reunimos para planejamento, estudo e reflexão, troca de experiências, pudemos ouvir colegas que trouxeram contribuições valiosas para ampliar nossos horizontes culturais, numa perspectiva da multidisciplinaridade. Patrick nos apresentou com uma visão filosófica de Interpretação do Texto; a equipe de Geografia, professores Alexandre, Isaura, Marco Antônio, Mônica e

Roseli, viajou conosco, numa noite, pelas entranhas de nossa realidade brasileira, valendo-se das estatísticas e dos estudos mais atuais sobre os diferentes Brasis com que convivemos e suas possibilidades de integração e desenvolvimento.

### O que ouvimos e o que estamos aprendendo

Algumas idéias que têm orientado os diversos discursos que temos lido e ouvido e as assimilações que têm estruturado nosso novo pensar pedagógico apontam as seguintes propostas:

- incorporar os problemas cotidianos ao currículo escolar na busca da ressignificação dos conteúdos, de acordo com as exigências de uma nova realidade e do interesse dos alunos;
- interligar os saberes, orientando uma outra organização curricular, que possibilite a interdisciplinaridade e a visão global dos problemas humanos;
- priorizar o desenvolvimento de competências cognitivas como recursos para adquirir conteúdos informativos: pesquisa, leitura crítica, planejamento e realização de projetos, leitura e utilização de variados códigos de linguagem, capacidade de planejar, trabalhar e decidir em grupo, habilidades fundamentais para atuar no mundo de hoje;
- enfrentar o desafio de preparar pessoas para lidar com a incerteza, o imprevisível, a contradição, elementos que vêm trazer à tona a necessidade de ultrapassar uma visão de mundo excessivamente racionalista e separatista da lógica formal e da metodologia científica, na busca de alcançar uma apreensão global da realidade, pela valorização do psíquico, do indutivo e do transcendente; tudo isso apontando para mudanças fundamentais na metodologia de ensino e dando relevo a

conteúdos que estiveram sempre no currículo como acessórios: a Música, a Poesia, as Artes Plásticas, as Dinâmicas de Relações Pessoais, a Religião;

- aplicar os princípios de uma avaliação democrática, que não esteja centrada somente no Aluno, mas no todo das relações ensino-aprendizagem e, ainda, objetive captar uma visão global do aprendente e não, somente, de seus aspectos cognitivos;

- firmar a idéia de que a formação continuada não se faz numa ação solitária, mas num trabalho coletivo e solidário e que depende da experiência e da reflexão como instrumentos contínuos de análise;

- desvelar que há na Escola um currículo oculto que passa pelas relações sociais que se estabelecem, pelo ambiente que se cria e pela estrutura organizacional construída, que devem confirmar os princípios filosóficos e as propostas pedagógicas declaradas;

- revitalizar a função da ética e dos valores que nos estão exigindo trabalhar num sentido contracultural, numa corrente inversa a da sociedade excludente, permissiva, consumista em que vivemos e que queremos transformar;

- ultrapassar a discriminação numa luta em favor da inclusão, do respeito ao multiculturalismo, pela aceitação do diferente, pela valorização do rejeitado;

- vislumbrar um trabalho pedagógico organizado numa metodologia de projetos (ação do aluno) e num currículo enriquecido com temas transversais (conteúdos extraídos da realidade atual e trabalhados numa visão multidisciplinar), tais como: Paz, Ecologia, Saúde, Cidadania, Sexualidade, etc.

São tantos os desafios, os sonhos, as propostas...

Nosso Projeto de Formação Permanente nos tem estimulado a transformar esses sonhos em realidade. Estamos dispostos a começar. ■

Nina Maria Cunha  
Coordenadora Acadêmica

# Campanha da Fraternidade de 2004: ÁGUA, FONTE DE VIDA\*

**O**s temas da Campanha da Fraternidade são sempre escolhidos por causa do seu alcance social, do seu valor, da sua necessidade, de sua urgência. Por conta disso, é esperado que todos os professores possam desenvolvê-los em profundidade, utilizando-os fortemente no seu conteúdo programático e na sua metodologia de ensino. O tema de 2004 é a água. O lema é *Água, Fonte de Vida*.

Como já foi dito na **chama** anterior: se os alunos forem literalmente 'bombardeado', ano após ano, com o estudo dos temas das Campanhas da Fraternidade, não é possível que saiam do Colégio sem um pensamento altruísta, um mínimo de consciência social e de engajamento crítico na transformação do mundo; sem hábitos de solidariedade e preocupação com os excluídos e com as massas miseráveis.

## I - Ver

No mundo, só 3% da água são potáveis e, desse total, apenas 1% fica na superfície. Segundo a ONU, 1,2 bilhão de pessoas não têm água de qualidade para beber e 2,4 bilhões não têm serviços sanitários adequados. A cada ano, 2 milhões de crianças morrem por doenças causadas por água contaminada.

No Brasil, estão 12% de toda a água doce dos rios da Terra. Além disso, é o único país de dimensões continentais no qual chove em todo o território nacional. A má distribuição dessa água — 70% na região Norte, 15% no Centro-Oeste, 6% no Sudeste e no Sul, e apenas 3% no Nordeste —, no entanto, demanda um cuidado maior com os mananciais da Amazônia e um trato muito delicado com a água na Região Nordeste, cujo maior problema não é a falta d'água em si, mas a coleta e armazenagem adequada da água disponível.

Infelizmente, as fontes hídricas de vários estados brasileiros estão comprometidas pelo lixo e pelo uso de agrotóxicos e fertilizantes. Em alguns rios pouco poluídos, como o Cuiabá e o Paraguai, o problema são os altos índices de contaminação por mercúrio, metal utilizado pelos garimpos clandestinos.

A situação se agrava ainda mais quando se sabe que quem dá as cartas no uso dos recursos hídricos do país é o setor hidroelétrico e que, com a desculpa do "apagão", estão programadas mais 497 barragens para este país. "O sofrimento humano e a destruição ambiental que vêm por aí não têm tamanho", afirma Roberto Malvezzi,

no texto *Direito humano à água como alimento*.

## II - Julgar

A água é fundamental em quase todas as dimensões da vida e da cultura dos povos; e o trabalho pesado de buscar água, em boa parte da humanidade, fica reservado às mulheres e crianças.

A água não é escassa na natureza. A dificuldade de acesso à água por grande parte da população pode ser creditada à sua contaminação, poluição e concentração nas mãos de algumas empresas e de algumas atividades específicas. O problema, portanto, não é a escassez, mas a falta de cuidado para não poluir, de políticas e ações para recuperar os mananciais poluídos e de um bom gerenciamento para que todos possam ter acesso à água de qualidade.

Muitos defendem as 'leis do mercado' como a melhor forma de se cuidar da questão da água, ou seja, dotar a água de valor econômico, com alguns vendendo e os demais comprando, mas deixam de dizer que isso é especulação com um bem natural. Quem tiver dinheiro compra, quem não tiver passa sede? Isso é inaceitável. Água é um direito fundamental do ser humano e tem que ser gerenciada pelo poder público, com participação de toda a sociedade.

A questão do direito humano à alimentação, está relacionada à idéia dos direitos humanos universais, ou seja, que se estendem também aos pobres, e que englobam os direitos econômicos, sociais e culturais. Esse núcleo dos direitos é recente e veio para enriquecer e complementar os direitos políticos e civis declarados pela ONU em 1948 e que eram tidos como direitos dos burgueses.

## III - Agir

"A última fronteira de investimento para o setor privado é a água", disse um estrategista da Monsanto, empresa das sementes geneticamente modificadas e agora quer dominar toda a cadeia de produção de alimentos, dominando também a água. Não é possível ficar em paz quando se sabe disso. É preciso ver que a oligarquia internacional pretende transformar a água no negócio mais fabuloso que a humanidade já conheceu, com a conivência de diversos governos nacionais, dentre eles o do Brasil, e intermediação do FMI, OMC e Banco Mundial.

A atual lei brasileira de recursos hídricos, feita sobre os fundamentos do neoliberalismo, fala claramente que a "água é um

bem escasso, dotado de valor econômico e que, em caso de escassez, a prioridade é para o ser humano e os animais", num recuo em relação ao código de águas de 1934, que afirmava a prioridade humana em qualquer circunstância.

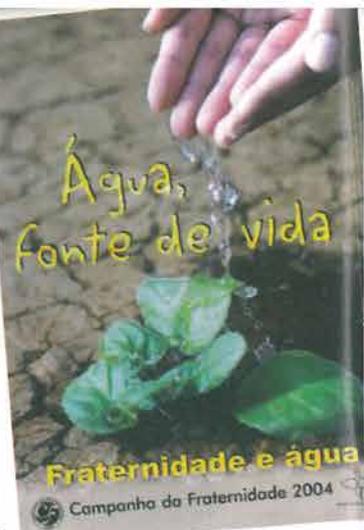
A lei implanta também os Comitês de Bacias que irão planejar o gerenciamento e, principalmente, estipular o valor da água e conceder as outorgas para os usuários. Como os Comitês têm composição tripartite (um terço do governo, um terço dos usuários e um terço da sociedade civil), é fundamental que a sociedade participe de forma muito crítica: exigindo, entre outras coisas, que se aumente o número e melhore a formação de seus representantes; que se enfrente todos os que poluem os rios e derrubam as matas ciliares; e que o cuidado e gerenciamento sejam feitos pelo poder público.

Diversas iniciativas de preservação da água estão surgindo no mundo inteiro e no Brasil, como por exemplo, o projeto em favor da construção de um milhão de cisternas de captação de água de chuva para que o povo do semi-árido nordestino tenha água de qualidade para beber e cozinhar.

Para os professores, fica a provocação de trabalharem o tema de inúmeras formas, dentre elas, estudos de casos, como do navio Exxon Valdez, que protagonizou um dos maiores desastres ecológicos do mundo, ou dos transgênicos; uso de textos literários, músicas e filmes que tratem a questão de forma engajada, como *Morte e Vida Severina*, *Lata d'água na cabeça* etc.; e discussão de conceitos como de florestania, de cidadania planetária e de desenvolvimento sustentável.

Certamente, como foi visto na reunião sobre o tema, não faltam possibilidades de levar os alunos a discutirem os aspectos éticos da questão e a perceberem que suas atitudes com relação à água terão reflexos no Colégio, em casa, na cidade, no país e no mundo.

*\*Resumo do texto apresentado por Pe. Lauro Palú aos Professores, em 10 de novembro. Por questão de espaço, foram suprimidas as referências bibliográficas.*



# No palco, tragédia moderna e liberdade

Nos dias 24, 25, 27 e 28 de outubro e 1 e 2 de novembro, o novo grupo de teatro do São Vicente, o *Lambanunmai*, apresentou a peça *Gota d'água*, uma das maiores produções teatrais brasileiras de todos os tempos. No palco do Colégio, 13 Alunos dos Ensinos Médio e Fundamental deram vida mais uma vez à tragédia escrita por Paulo Pontes e Chico Buarque de Holanda.

*Gota d'água* é, originalmente, uma adaptação moderna da peça *Medéia*, de Eurípedes, escrita em 431 a.C. Foi encenada pela primeira vez em 1975, em plena ditadura militar. Conta a história de Joana, mulher da periferia, que sustenta Jasão, o marido sambista e muito mais jovem do que ela, com dinheiro e força. Abandonada por Jasão, que firma compromisso com a filha do dono do conjunto habitacional onde Joana mora, a personagem principal é dominada pelo ódio e, por vingança, suicida-se e mata os dois filhos com veneno.

Por trás de uma tragédia pessoal, a peça é uma crítica explícita às relações sociais que marcavam o país da década de 70 e que, como ficou claro na montagem dos Alunos do São Vicente, continuam compondo a tragédia

urbana brasileira. “Antes de ser a luta de classes, os explorados e o explorador, ‘Gota d’água’ é a história dorida de duas almas, uma alma vendida e uma alma perdida. A alma vendida é Jasão, que aprende rápido demais o molde daquela cadeira e as manhas devidas do ofício de genro. A alma perdida é Joana, cega, incapaz de ver a ajuda dos outros, que vê tudo deformado pelo ódio”, discursou Pe. Lauro Palú, no final do espetáculo.

*“Deixe em paz meu coração, que ele é um pote até aqui de mágoa e qualquer desatenção, faça não, pode ser a gota d’água”*

*Chico Buarque*

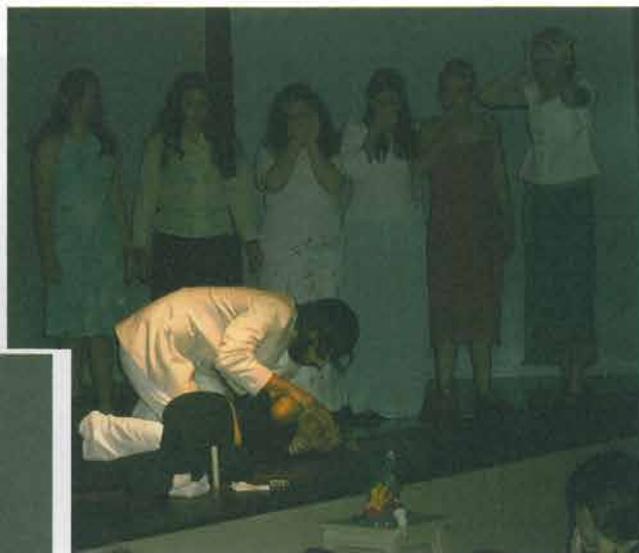
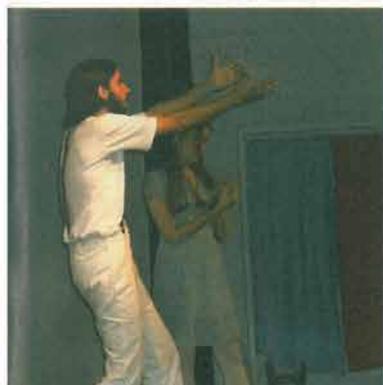
## Teatro-educação

Na adaptação assistida por um auditório lotado nas únicas seis noites de apresentação, o espetáculo tornou-se ainda mais contemporâneo. Antes que se “abrissem as cortinas”, foi projetado um vídeo, feito pela própria

equipe, no qual os Coordenadores Nina Cunha e Artur Mota, o Professor de filosofia Patrick Pessoa, o Diretor da Escola, Pe. Lauro Palú e o Professor de teatro e Diretor da peça, Mario Sergio Medeiros, comentaram o trabalho do grupo e a importância da obra. Mario Sergio fez um agradecimento especial a Pedro Struchiner, produtor e iluminador, e Guilherme Stutz, diretor de cena, ambos ex-Alunos do Colégio, que continuam colaborando com o grupo e foram fundamentais, segundo o professor, no desafio de montar um texto denso e complexo como *Gota d’água* com atores tão jovens.

Na sua fala, Pe. Lauro explicou que sua expectativa é que o teatro tenha, no São Vicente, um papel como o da enfermagem, ajudando alunos que tenham problemas como inibição, dificuldade de expressão e muitos outros, e como o da informática, oferecendo subsídios e ferramentas que podem ser aproveitados por todas as disciplinas do currículo escolar. “O fundamental é que o teatro seja procurado por todos”, concluiu.

A apresentação deste ano do *Lambanunmai* foi resultado de um esforço coletivo, trabalho em equipe, meses de dedicação, estudo e ensaio e muito amor pelo teatro. E que deu certo. Na interseção dos dramas pessoais e sociais, a peça parecia ter sido feita sob medida para ser encenada no palco do Colégio São Vicente de Paulo. “O que temos que aprender desta tragédia é a liberdade”, resumiu Pe. Lauro. ■



Ao fundo, o Professor de teatro e diretor da peça, Mário Sérgio. Em primeiro plano, Pedro Struchiner



# a chama: 30 anos

**E**la nasceu no dia 27 de setembro de 1973, após

cerca de sete meses de gestação, como resultado da crença que a então vice-presidente da Associação de Pais e Mestres (APM), Maria Célia Bustamante, tinha na comunicação como doação e como elemento de integração entre as pessoas, e do amor que Pe. Almeida, na época diretor do São Vicente de Paulo, tinha pela Educação, pelo Colégio e por sua Comunidade.

Da "mãe" orgulhosa e esperançosa, recebeu o nome de **a chama** e não foi à toa. "Para mim, a chama é o maior símbolo da comunicação. Ela expressa calor, aconchego e bem-estar, além de poder ser comparada ao conhecimento que, ao se dividir, se expande e se propaga", explica Maria Célia.

A data do "nascimento" também foi planejada. Lançada no dia em que se celebra a festa de São Vicente de Paulo, patrono do Colégio, homenageava aquele que transmitia em seus ensinamentos a importância da ação e do amor, buscando ainda, como explicado no primeiro número da revista, a ajuda do Santo para se transformar em realidade.

Desta vez, por conta de seu 30º aniversário, a homenageada será a própria revista e todos aqueles que, de uma forma ou de outra, contribuíram para que ela sobrevivesse por tantos anos

## a chama 2003

**A CHAMA**  
a chama  
**A CHAMA**  
**A CHAMA**  
**A CHAMA**  
**A CHAMA**



1973

e ganhasse identidade, em meio a tantas mudanças ocorridas nela mesma, na APM, no São Vicente e até nos contextos mais amplos do país, do mundo e da Comunicação, como área de estudo e prática social.

### Um laço contra as forças de desagregação

Em 1972, aos 44 anos e com nove filhos, Maria Célia Bustamante resolveu prestar vestibular para jornalismo, e passou. No mesmo ano, junto com o marido Ivan, assumiu a Vice-Presidência da APM, cujo casal presidente era formado por Plínio e Léa

Mendes. Em março de 1973, estudante empolgada e idealista, propôs numa reunião a criação de uma revista ou jornal que retratasse o que acontecia no Colégio, divulgasse as ações da Associação e servisse para estreitar as relações entre as quase duas mil pessoas, entre Padres, Alunos, Professores e Funcionários, que integravam a Comunidade Educativa do São Vicente.

A sugestão foi aceita e a idéia contagiou o Diretor da escola que via a revista como uma força de reação aos movimentos de desagregação social. "Nunca são demais os laços, quando

a chama 12, dezembro de 1975



a chama 35, setembro/dezembro de 1982



# lado a lado com o Colégio



Primeira foto publicada na **chama** (nº 11, setembro/outubro de 1975)

existem tantas forças de desagregação”, escreveu Pe. Almeida na primeira edição da revista, desejando que ela fosse um desses laços e que, iluminando e aquecendo as pessoas, pudesse aproximá-las, servindo de ponte entre elas e, mais do que isso, servindo de instrumento para que todos pudessem refletir em conjunto sobre os próprios processos e projetos pedagógicos desenvolvidos no Colégio.

Com total apoio de Pe. Almeida e muito trabalho de uma equipe de colaboradores comandada por Maria Célia, a idéia começou a se materializar. O dia do lançamento se aproximava e, como já era sabido que a “propaganda é a alma do negócio”, inúmeros cartazes foram espalhados pelo Colégio anunciando: “A Chama vem aí!”.

**E o patinho feio começou a virar cisne**

“A gráfica entregou a revista em cima da hora da festa de São Vicente, e

quando eu olhei aquelas folhas datilografadas, com cara de mimeógrafo, quase chorei de tanta decepção”, conta, com bom humor, Maria Célia, completando: “Não era nada do que eu estava esperando”.

Feio ou bonito, no entanto, filho é sempre filho. E, mais importante que a beleza, eram a proposta que a revista trazia consigo e o compromisso assumido por seus fundadores, tão bem explicitados no primeiro editorial publicado: “Nossa vida é feita de experiências. Não necessariamente de grandes experiências, mas de pequenas e sucessivas experiências do cotidiano, que vão nos enriquecendo, nos enrijecendo e preparando para a vida. (...) Tudo isso para lhes falar da experiência que estamos começando hoje. Mais uma experiência na multiplicidade de nossa vida tão cheia de tarefas, obrigações e compromissos. Mas é justamente em nome de um compromisso que estamos tentando essa experiência. Um compromisso de



a **chama** 43, setembro/dezembro de 1984



Vinte e cinco anos? Foi assim mesmo: No casamento do Cordeiro Velho pessoas olhavam para Regina e diziam: "é assim o Padre".

A CHAMA. Na inauguração do São Vicente, em março de 1959, Juscelino estava presente? R. DORVAL: Com certeza, ele está lá no primeiro número.



Ilustração publicada na **chama** 31, de junho de 1981: uma das contribuições do cartunista Ziraldo para a revista

abertura, de diálogo, de comunicação. Um compromisso de prestação de contas, de informação, de transmissão de fatos e idéias”.

Sempre com grandes dificuldades financeiras, mas com muita dedicação para compensar, o trabalho continuou. A pequena revista, com cara de boletim, ganhou um novo formato já no número seguinte e, aos poucos, foi ficando mais bonita. Na quarta edição (março de 1974), ganhou capa colorida. Na oitava, um sumário. Como um ser vivo, ela incorporava novidades e se modificava constantemente, mas mantinha sua essência. Mudavam as diretorias da APM, mas a revista se firmava como um patrimônio de todos. Mudavam a forma e o estilo de apresentar as matérias, mas permaneciam os objetivos originais.

Em suas páginas, textos de Professores, Alunos e Funcionários tratavam de temas variados; levantavam bandeiras; discutiam assuntos polêmicos na época, como o divórcio, por exemplo; apoiavam movimentos culturais do Colégio; divulgavam pequenas notas sociais sobre os membros da Comunidade; e propunham até mesmo melhorias, como a instalação de ar-condicionado nas salas de aula e um sinal de trânsito em frente à Escola, que trouxessem mais conforto e segurança para Estudantes, Professores e Funcionários. Serviam, enfim, para fazer pensar e para unir a Comunidade em torno de objetivos comuns, fortalecendo-a cada vez mais.

Graficamente, ao longo dos anos, a **chama** mudou muito, tanto para acompanhar as constantes evoluções das técnicas de impressão quanto para atender às suas próprias necessidades editoriais. Na edição de setembro/outubro de 1975, dois anos portanto após seu lançamento, foi publicada a primeira foto nas páginas da **chama**. O assunto era a visita do Superior Geral da Congregação dos Padres Lazaristas, Pe. James Richardson, que, entre outros, aparece na fotografia juntamente com o Pe. Joaquim Horta, fundador do Colégio.

No final de 1977, por conta de compromissos pessoais que envolviam desde as responsabilidades com filhos e netos até demandas profissionais, e certa da missão cumprida, Maria Célia Bustamante, que fora responsável pelas primeiras 22 edições da revista, foi obrigada a se afastar. Chegava ao fim o que se pode chamar de primeira fase da **chama**.

## Rumos novos, dificuldades antigas

Com cinco anos de idade, a revista deu uma verdadeira guinada. Mudou de formato e assumiu uma nova proposta editorial, mais adequada ao contexto que se vivia na época. Entre as novidades, um Conselho Editorial, que, na edição de abril de 1978, explicava as mudanças na apresentação gráfica e no conteúdo da revista: “Acreditamos que, com tais mudanças, estaremos ajustando a revista às novas condições surgidas na Comunidade do São Vicente e na sociedade em geral. A **chama**, a partir de agora, perfila-se mais à vontade com a linha filosófica e educacional adotada pelo Colégio, expressa nos princípios da educação libertadora e do humanismo cristão”.

Para aqueles que se dispunham a manter viva a revista, as dificuldades eram quase sempre as mesmas: muito trabalho, pouco dinheiro e pouca gente. O número de edições anuais, que oscilava entre quatro e cinco nos primeiros anos, caiu para duas ou três e assim permaneceu até 1983.

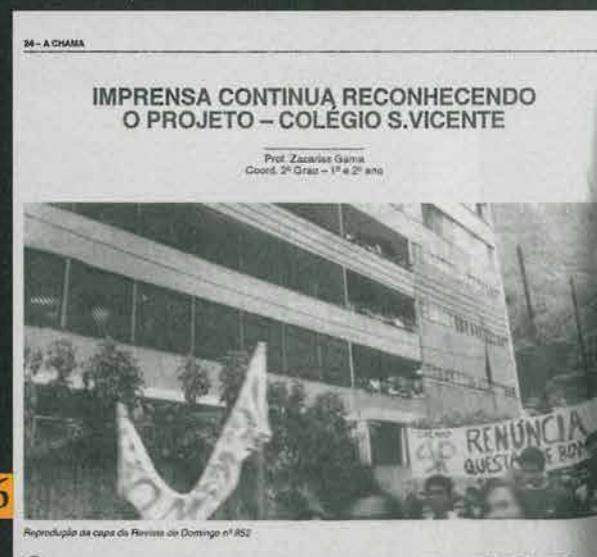
No editorial da edição de dezembro de 1979, publicada mais uma vez com a ajuda de Maria Célia Bustamante (que também fora chamada para a edição anterior), um alerta — “Por motivos alheios à nossa vontade, a **chama** correu o risco de se extinguir. Estamos tentando reavivá-la” — e um questionamento: “Terá sentido a **chama** se não mergulhar na vida do Colégio e se não for uma reflexão dessa própria vivência? (...) Vale a pena continuar com a **chama**?” No corpo da revista, a tristeza pela partida de Pe. Almeida, o “pai” da **chama**, designado para ser Diretor da

a **chama** 46, setembro de 1989



a **chama** n° 67

a **chama** 49, dezembro de 1992



26

Reprodução da capa da Revista de Domingo nº 182

Província de Belo Horizonte das Filhas de Caridade (Irmãs Vicentinas), e as boas-vindas ao novo diretor, Pe. Lauro Palú, que assumiu também a direção geral da revista.

### Novos planos em 1981

Em 1980, Pe. Lauro, junto com alguns colaboradores, conseguiu publicar três números da revista, sempre buscando ampliar o contato entre a Família e a Escola e destacando as atividades realizadas no Colégio.

Os planos, no entanto, apontavam para uma nova direção e, em junho de 1981, numa edição histórica ilustrada, entre outros, por Ziraldo e Laerte, Pe. Lauro anunciava que, dali para frente, com auxílio da Equipe da Revista, formada por Mães de Alunos, as coisas mudariam: "Teremos uma apresentação mais leve, variada, jornalística, cobrindo todos os setores de nossas atividades educativas e com publicidade que possa ir barateando os custos, até financiar a revista". Dito e feito, a revista de agosto já saiu diferente.

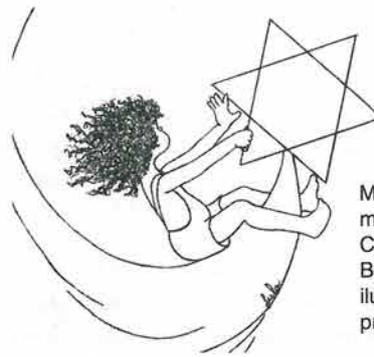
A expectativa era de se chegar a cinco edições anuais, o que só foi efetivamente realizado no ano de 1983. Em 1984, foram três revistas, totalizando 16 sob a direção de Pe. Lauro, que conta como foi o seu trabalho à frente da **chama**: "Entrei de mansinho, como colaborador, e fui substituindo aos poucos algumas pessoas que se iam do Colégio, pelas mais variadas razões, como aposentadoria, término do curso do último filho ou da última filha, etc".

Das dificuldades que enfrentou, mesmo lembrando do grupo de

colaboradores competentes e dedicados, que trabalhavam dia e noite para fazer a revista, como a Zezé, o Horácio, a Regina (Vanice) e o Damião, o Laerte e a Mariana, ele destaca a falta de um número maior de pessoas que topassem colaborar e o fizessem a tempo: "Às vezes, é mais rápido você fazer do que esperar que outros tenham tempo de fazer. Se você escreve com facilidade, isso acaba acontecendo, mas não é bom. A revista sairá no prazo, mas com uma cara muito uniforme, sobretudo quando não é mesmo a cara dos agentes da educação, dos Professores ou dos Alunos".

### Reacendendo o fogo

A ameaça, muitas vezes anunciada, acabou se concretizando e as dificuldades levaram à suspensão da revista por dois anos (1985 e 1986). Talvez tenha sido a tão temida crise da adolescência que todos os pais enfrentam.



Maria Lúcia (Lula), filha mais velha de Maria Célia e Ivan Bustamente, foi ilustradora da **chama** da primeira até a 22ª edição



### CAPA

Em 1987, no entanto, após a partida de Pe. Lauro e a volta de Pe. Almeida, a **chama** foi relançada com um novo formato, bem maior que o anterior, e sempre contando com a abnegação de algumas pessoas, dentre elas Anamaria Prado, que recorda um pouquinho da luta: "No reinício, a gente contava, entre outros, com o Pe. Marcelo, que era vice-diretor do Colégio; com o Joka e com a Solange Borba. Com muita garra, conseguimos fazer dois números da revista. Depois, nos demos conta do quanto aquilo ficava caro e de que não podíamos mais continuar".

O maior problema, segundo Anamaria, era dizer ao Pe. Almeida que era preciso parar. "A **chama** para ele era muito mais do que uma revista. Ela era a proposta de vida do Pe. Almeida. Ela representava a **chama** da espiritualidade e do amor. Era a própria **chama** de São

a **chama** 55, dezembro de 1997



Como já chegou de milênios do MST a Brasília, dia 17/04/97. Crianças de Jussara Brito e Antonina Cruzadas. A edição 55.

## Caros amigos 'SEM-TERRA' estou torcendo por vocês!

"Hoje, 17 de abril, chega a Brasília a marcha dos Sem-Terra. Caminhando 20 quilômetros por dia, 1500 lavradores saíram de São Paulo, Mato Grosso e Minas Gerais para mostrar ao

trabalhar nas terras que estão improdutivas.

Sentimos que não poderíamos ficar indiferentes. Afinal, são 500 anos de história neste país, em que a área agrícola é quase

para a reforma agrária. No momento em que, no Brasil, só se fala em Internet,

deve nos levar à reflexão de que é nosso dever também engrossar essa marcha, procurando meios

a **chama** 57, dezembro de 1998

Edição Especial: 400 anos do nascimento de S. Vicente de Paulo



"Todas as pessoas desejam ser tratadas com docura."

"Sejam misericordiosos e façamos misericórdia a todos, de tal sorte que não nos encontremos jamais com um pobre sem o consolar, se po-

Pais vão à escola para aprender a educar melhor os filhos

Uma "Escola de pais" realizada em São Vicente de Paulo, no Rio de Janeiro, em 1998. O grupo de pais e mães de alunos do Colégio Vicentinos de São Vicente de Paulo, em São Vicente de Paulo, RJ, em 1998. O grupo de pais e mães de alunos do Colégio Vicentinos de São Vicente de Paulo, em São Vicente de Paulo, RJ, em 1998.

Debate com agita o Colégio

As eleições de fevereiro. Brasília, Marcelo, Celso Borba e Antônio, no sétimo, que comemoramos.

POLÍTICA

a **chama** nº 67

Missa na Catedral reúne 2 mil

O São Vic

Vicente transformando todas aquelas crianças no dia-a-dia e transformando os pais em agentes críticos da sociedade e sujeitos da própria ação. Eu acho que, se pudesse, ele andaria com o missal, a Bíblia e a chama debaixo do braço”, explica Anamaria, contando que a opção foi lançar a *Chamativa*, um boletim informativo, sem ilustrações ou fotos, montado artesanalmente, que deveria ter periodicidade mensal e que, sem substituir a revista, preenchesse o intervalo entre suas duas ou três edições anuais.

A idéia parecia boa, mas, com a falta de colaboração, nem isso foi possível fazer. Em 1988, a *chama* também não foi publicada e do boletim só foram feitas quatro edições. “Eu cheguei a publicar uma poesia de um sobrinho meu, já falecido, na primeira página da *Chamativa 2* (abril de 1988) — ‘Entre duas pegadas, há um espaço que chamamos passo. Há um espaço que, pisando em falso, chamamos queda’ (Luiz Alberto Gomes Angeiras) — para ver se as pessoas se percebiam que se não houvesse união tudo rui, mas não adiantou”, lembra Anamaria.

### A importância da brasa

O risco de a chama se apagar de vez sempre esteve muito presente e a solução encontrada foi manter ao menos uma brasa acesa enquanto não fosse possível jogar mais lenha na fogueira. O resultado é que em dez anos (de 1989 a 1998) foram publicadas apenas 12 revistas que seguiam padrões e critérios diferentes, conforme a diretoria da APM. “Do número 47 até o presente, de passo variado, quanto à direção e à ocasião das edições, a *chama* vem se

arrastando, em contraste com a facilitação dos meios de produção na atualidade”, escreveu Pe. Almeida, na matéria sobre os 25 anos da revista, publicada na edição de dezembro de 1998.

De dezembro de 1996 a abril de 1999, a revista começou a esboçar um certo padrão gráfico e ganhou definitivamente, cor na capa e, eventualmente, em algumas páginas do miolo.

### Reforma total

Em 1999, a nova diretoria eleita decidiu, junto com Pe. Almeida, que a revista tinha que mudar, precisava se profissionalizar e se tornar mais atraente.

Por ironia do destino, Pe. Almeida não pôde participar de mais essa etapa da revista que tanto amava. Sua morte, que pegou todos de surpresa, deixava órfã a revista. Sua herança, no entanto, estava lá, na luta de todos para manter a chama acesa.

Sob a supervisão de Pe. Lauro, que reassumiu a direção da Escola, foram contratadas jornalistas para o trabalho, que contou com a participação decisiva de Oswaldo Lioi, então vice-presidente da APM, e apoio de toda a diretoria da Associação, presidida, na época, por Jorge e Maria Cristina Faulhaber. A revista foi dividida em seções, ganhou cores em todas as páginas e o padrão gráfico que se mantém desde então.

De lá para cá, mesmo com a mudança de diretoria na APM, a revista conseguiu manter sua identidade gráfica e a periodicidade semestral. Visualmente, ficou mais bonita. Digamos que, hoje, aos 30 anos, ela pode ser consi-

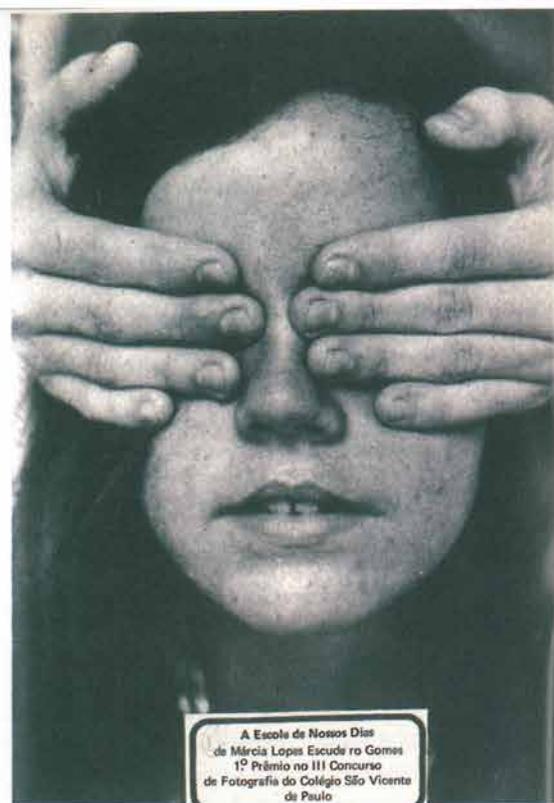
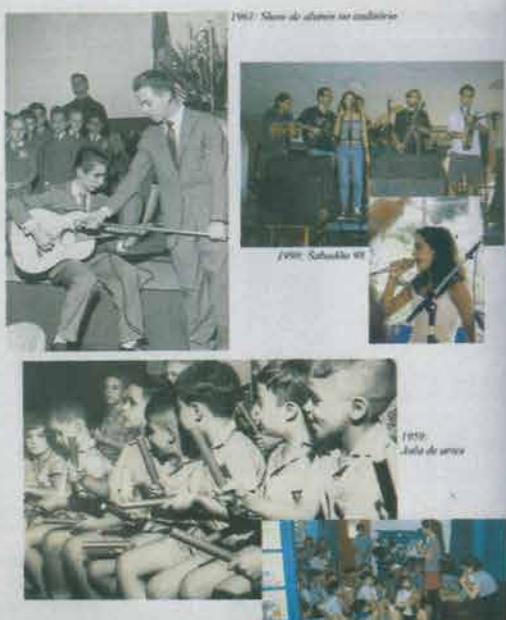


Foto de Márcia Gomes, que ganhou o III Concurso de Fotografia do CSVP, publicada na *chama* nº 12, de dezembro de 1975

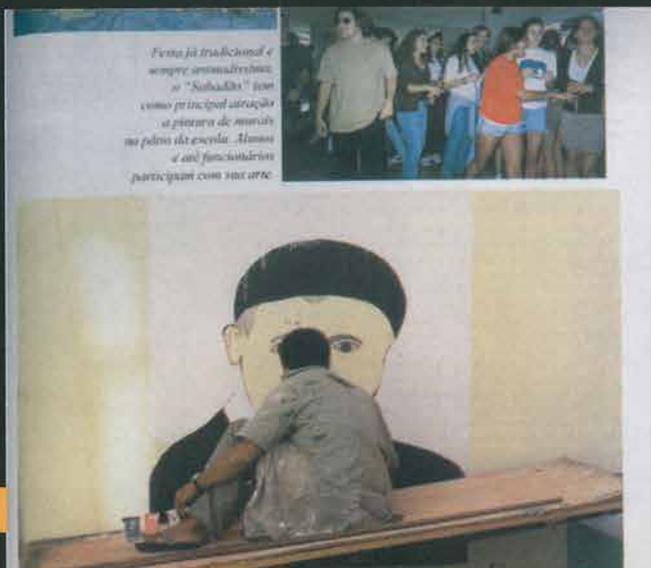
derada uma bela balzaquiana, madura, mas cheia de charme e de graça.

Para Anamaria Prado, a revista ganhou beleza, mas perdeu o calor humano que era sua marca principal. “A revista ficou mais bonita, igual ao colégio, mas perdeu o calor que passava do dia-a-dia do colégio para as páginas da revista. Hoje ela brilha, mas, na minha opinião, não aquece o coração da gente”.

De acordo com Pe. Lauro, que pôde acompanhar todas as fases da revista, como leitor ou responsável, a questão é que nem sempre as mudanças realizadas ao longo do tempo foram para melhor. “Ao ser mais elaborada”, diz ele, “a



### a chama 57, dezembro de 1998



revista corre o risco de ficar muito cara e perder a agilidade, uma vez que demora para ser feita". Em sua opinião, a criação de seções com assuntos definidos representa um ponto positivo, pois permite que se acompanhe o progresso a cada edição. "O ideal, no entanto", completa Pe. Lauro, "é que houvesse quatro edições por ano, menores, mas saindo com mais frequência. Isso ajudaria a dar mais continuidade aos assuntos e a manter o interesse que cada edição desperta". Para Pe. Lauro, é preciso que os alunos e os pais participem mais. "A revista ainda é muito editorial e o fundamental é que seja lida, não apenas linda", conclui.

### Apesar dos pesares

Seria impossível em tão poucas páginas falar de todos aqueles que, em alguma medida, tornaram possível que a **chama** conseguisse sobreviver a tantos percalços e dificuldades.

Seria ótimo que não fosse mais preciso repetir as palavras de Maria Célia Bustamante no primeiro editorial, convocando os pais a participarem mais ativamente da APM e da revista: "(...) Nós da direção da APM estamos aqui para servir, para colaborar, para participar, mas para isso precisamos de você. Precisamos conhecer os pais, tê-los presentes ao nosso lado. Necessitamos do seu apoio em nossos empreendimentos, das críticas construtivas e das sugestões que possam nos apresentar".

Seria maravilhoso se toda a comunidade do Colégio São Vicente compreendesse a importância da revista que, como acredita Pe. Lauro, "é um arquivo cheio de muitas informações, de bons textos de formação, além de

curiosidades e estímulos de todo tipo; é um modo bastante vivo de arquivar coisas importantes, conservando os fatos mais destacados, de maneira permanente, diferente da *homepage* do Colégio, que atualizamos sempre mas que também devemos desativar progressivamente. Essa revista dá gosto de trabalhar no São Vicente, tanta coisa boa ela mostra".

Parafrazeando e atualizando o que disse Pe. Almeida, nos 25 anos da revista, se a publicação ainda não é do

## CAPA

agrado de todos e não consegue atrair todas as atenções que deveria, ela é, pelo menos, "um precioso documento que faz história e propaga a filosofia do Colégio. Imaginem o vazio destes 30 anos se não fosse a **chama**". ■

Ana Beatriz de Noronha  
Cátia Guimarães

## MUDANDO PARA MANTER A TRADIÇÃO

Dentre os significados da palavra "chama" que encontramos no dicionário, aquele que melhor nomeia a revista da Associação de Pais e Mestres do Colégio São Vicente de Paulo, segundo o que o muito saudoso Pe. Almeida comentava em nossas reuniões, é "clareza intensa", "luz". Estava certo o nosso querido diretor, que nos deixou pouco tempo depois, pois nossa primeira tarefa na APM, como membros da nova diretoria, foi trabalhar coletivamente para manter acesa a chama que por tantos anos ele fez forte, vibrante e luminosa.

Era o ano de 1999. Com a chegada do novo diretor, o Pe. Lauro Palú, iniciamos um projeto de reestruturação editorial da revista pensando que, para a **chama** permanecer ativa, era preciso dar continuidade à tradição da sua mensagem, inspirada na proposta pedagógica do Colégio, e promover uma ação coletiva dos pais, mestres, alunos, direção, coordenações, a comunidade vicentina em geral, nas diferentes tarefas ligadas à revista. Era nosso objetivo também torná-la mais atraente do ponto de vista gráfico e jornalístico e para tal foram contratados os serviços de jornalistas, além de empregados os conhecimentos próprios dos membros da equipe da APM e do Colégio.

Reuniões muito animadas e participativas da nossa Associação deram origem ao novo projeto gráfico e editorial da **chama**, que se manteve dali em diante. O número saiu em novembro de 1999, dedicado à memória do Pe. Almeida, ressaltando também a chegada do Pe. Lauro.

Relembro esse período com muito prazer e saudade, porque ele me remete a um espaço — o Colégio São Vicente de Paulo — onde nós e os nossos filhos convivemos com práticas e ideais de liberdade, participação e transformação de nós mesmos e da nossa sociedade. Que a **chama** continue sempre a brilhar... intensamente!

Regina Maria Marteleto  
Ex- coordenadora editorial da **chama**

a **chama** 62, março de 2001

a **chama** 59, novembro de 1999



# Despertar para a RELIGIOS

**N**o dia 13 de outubro deste ano, o São Vicente realizou a primeira cerimônia de crisma de um grupo formado por mães e irmãs de alunos da Escola: um marco na trajetória de um Colégio que busca sempre a parceria com as Famílias no trabalho pedagógico e agora consegue atingi-las também na ação pastoral.

Solange Teixeira, Dionê Borgli Massá, Antonella Flávia Catinari, Sonia Guimarães Barcellos, Andréia Delgado Esper e Sabrina Bozko Chagas só tinham em comum a ligação com o São Vicente. Mas descobriram, por acaso, que compartilhavam o desejo de desenvolver sua religiosidade. E o Colégio ajudou. Elas passaram por um curso de três meses com os padres Lauro Palú e Geraldo Mól. “Foi um grande bate-papo. Falamos sobre a nossa vida pessoal, a família, a educação dos filhos. Pe. Lauro dizia que éramos muito tagarelas”, comenta Sonia. Mais do que uma educação religiosa formal, o objetivo do curso foi, segundo o grupo, ensiná-las a aplicar os ensinamentos católicos na vida diária.

Durante a missa, o bispo, Dom Filippo Santoro explicou que a crisma é o sacramento do cristão adulto, maduro, que renova as promessas do batismo. “Pela força do Espírito Santo, Jesus não é passado. O que Ele viveu, nós vivemos agora: a vitória da vida sobre o nada, uma batalha que nós não podemos vencer sozinhos. A esperança do presente é por toda a eternidade”, explicou.

## De leigas a missionárias

“A beleza da nossa fé é que ela aprofunda a amizade”, disse o bispo, na cerimônia, tendo as seis crismandas como um bom exemplo. Encontraram-se por acaso, confirmaram juntas sua religio-

sidade e tornaram-se amigas por intermédio da fé. “Meu maior sonho era fazer todos os sacramentos e agora o Colégio nos deu essa oportunidade”, diz Andréia. Solange confirma: “Sempre esteve faltando isso na minha vida”. Até que elas tomaram uma decisão. “Fui batizada aos 18 anos, fiz a 1ª Comunhão aos 40 e me crismei agora, com 48 anos. Fiz tudo tarde na minha vida, mas foi por opção”, testemunha Antonella.

Da cerimônia e do coquetel que aconteceu logo depois, elas guardaram a emoção da realização do sonho e uma sensação de acerto de contas com o tempo. “Eu me senti uma menininha, deslumbrada”, explica Dione. Dos ensinamentos do curso, ficou a necessidade de serem mais humanas e caridosas, mas, sobretudo, de desenvolverem o perdão. “Entendi o que é perdoar e pôr isso como meta de vida”, conta Solange.

Na celebração, Dom Filippo parabenizou essa iniciativa inovadora e orientou as crismandas a levarem adiante a palavra de Deus como mães, na criação dos filhos, fazendo da sua casa uma igreja doméstica. “O cristão deve ser missionário em todas as circunstâncias da vida, a começar pela família”, disse. Mas elas querem ir mais adiante.

A idéia é que o grupo continue se encontrando regularmente, aprendendo cada vez mais sobre a vida cristã, e possa ajudar os Padres com as próximas turmas de Mães e familiares que, certamente, virão.

## Ação pastoral do Colégio

“Todo ser humano tem uma dimensão religiosa que deve ser despertada, cultivada, desenvolvida”, diz o Projeto Pedagógico do Colégio. Para isso, o São Vicente conta com aulas de religião e toda uma infra-estrutura de orientação



Dom Filippo Santoro realiza a primeira cerimônia de crisma de um grupo formado por mães e irmãs de alunos do São Vicente



# SIDADE

*“Toda educação é, pelo menos implicitamente, a procura do transcendente, na medida em que visa fazer-nos avançar para além de nossos limites presentes, rumo à realização de nossas potencialidades”*

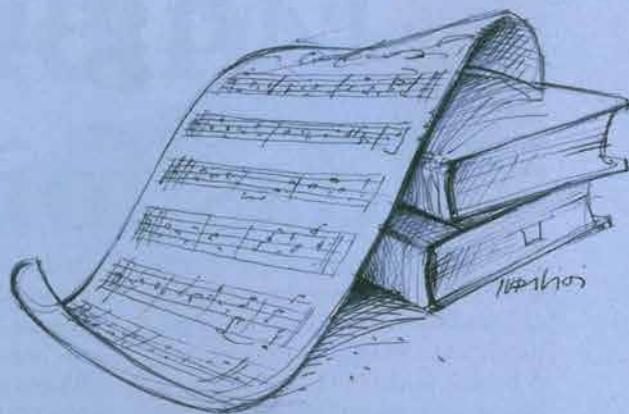
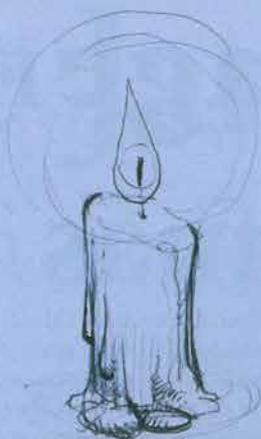
*Projeto Pedagógico do CSVP*

religiosa. Embora a crisma das Mães tenha sido uma grata novidade, faz parte do cotidiano da Escola batizar, fazer a 1ª Comunhão, crismar e casar Alunos e ex-Alunos. E tudo isso é antecedido por um curso que os prepara para receber os sacramentos.

Festas e eventos no Colégio são sempre abertos por uma missa minuciosamente preparada para a ocasião. Isso sem contar todo o trabalho de formação e ação social que o Colégio desenvolve e no qual tenta envolver o Aluno desde pequeno e que representa a operacionalização da caridade e do amor pelo próximo, princípios da fé católica.

Este ano, o Colégio preparou ainda outra novidade para ajudar na formação religiosa dos alunos. O Pe. Geraldo Barbosa, Diretor das Filhas da Caridade do Rio e que também ajuda no São Vicente, visitou as salas, falou um pouco sobre a crença vicentina e se colocou à disposição de todos para dialogar sobre a fé.

Juntas, essas iniciativas configuram ações pedagógicas, sociais e pastorais, já que tudo isso faz parte das estratégias que o São Vicente julga necessárias para formar agentes de transformação social. ■



## Jeito novo de olhar

Tomando São Vicente como exemplo, podemos dizer:

Há quem olha e não vê.  
São Vicente olhou e viu.  
Vendo, se comoveu.  
Comovendo-se, agiu.

Deus lhe concedeu a graça de, com a iluminação da fé, ver Cristo nos pobres. Ele aprendeu a ver a revelação divina nos acontecimentos, nas coisas e, sobretudo, nas pessoas. De um modo particular, foi na imensa legião dos pobres da França do seu tempo que ele contemplou e venerou o mistério do Verbo que se fez carne e veio habitar entre nós.

Há visões na vida de muitos santos. Para São Vicente, os pobres foram sua visão e a decisão de sua vida. Neles encontrou Jesus Cristo: “Não devo considerar um pobre... apenas pelo exterior... Vede o outro lado da medalha e vereis que o Filho de Deus, que quis ser pobre, nos é apresentado nesses pobres...” Como, pois, alguém pode ter essa visão?

A raposa diz ao Pequeno Príncipe: “É só com o coração que se vê corretamente. O essencial é invisível aos olhos”.

Um mestre diz ao discípulo: “O gênio do compositor encontra-se nas notas de sua música, mas a análise das notas não mostrará seu gênio”.

A grandeza do poeta está em suas palavras, mas o estudo de suas palavras não mostrará a sua inspiração.

Deus revela-se na criação, mas é inútil analisar a criação para encontrar Deus, da mesma forma que não adianta analisar o corpo para encontrar a alma.

Um camponês tenta encontrar a beleza no pôr do sol. Mas tudo o que consegue ver é sol, nuvem, céu, horizonte. Custa-lhe entender que a beleza não é uma coisa, mas um jeito novo de olhar.

O mesmo acontece com quem busca a Deus até entender que Ele não pode ser visto como coisa. Aos olhares atrevidos, Eles se esconde. Mas se revela aos simples que O procuram de coração sincero. Neste ponto, São Vicente se tornou mestre. Qual é o seu segredo?

Um sábio e santo do nosso tempo nos lembra: “É mais fácil crer num Deus que não vemos do que no Deus que vemos todos os dias. É mais fácil ser arrebatado por Deus num mistério longínquo do que em pessoas humanas, especialmente quando estas sofrem e morrem aos nossos olhos”.

São Vicente preferiu não o mais fácil. Seguiu o caminho da encarnação. Por isso superou a barreira que tanto dificulta ver o Senhor nas pessoas mais próximas de nós. Trata-se de verdadeira conversão da mente e do coração. Como consegui-lo, a fim de que possamos fazer a experiência de Jesus Cristo nas pessoas de nossa casa?

É possível que muitos de nós ainda padeçamos de cegueira. Por isso, faz bem rezar sempre; “Senhor, eu quero ver de novo” (Mc 10,51), para ouvirmos a voz suave do Mestre que diz: “Felizes os puros de coração, porque verão a Deus” (Mt 5, 8).

Pe. Geraldo Barbosa, C. M.

# Linguagem das formas

O verbo esculpir vem do latim *sculpere* e significa “trabalhar pedra, madeira, barro, etc., imprimindo-lhe uma forma particular”. A história da escultura, no entanto, começou ainda no período pré-histórico. Muito antes de escrever, o homem já esculpia.

A escultura trabalha o tridimensional, aguça a percepção da forma e a visão do belo, trazendo equilíbrio, autoconhecimento e expansão cultural. Não foi à toa, portanto, que a Professora Cacau resolveu aprofundar o trabalho de escultura com seus Alunos de 7ª série.

## O trabalho passo a passo

Quem vê as esculturas dos Alunos e os ouve falando com orgulho de suas obras de arte muitas vezes não imagina todo o processo educativo que está por trás disso. De acordo com Cacau, o trabalho começou bem antes da modelagem em si e envolveu diversas fases.

Primeiramente, os Alunos usaram objetos para fazer montagens, dando título e significado a elas. “Essa etapa trabalhou as questões da tridimensionalidade e das mensagens que o artista deseja transmitir com o seu trabalho”, explicou a Professora.

O passo seguinte foi uma aula sobre história da arte, desde a pré-história, quando a escultura estava fortemente ligada à magia e à fertilidade, até chegar à escultura contemporânea, passando por várias épocas e artistas.

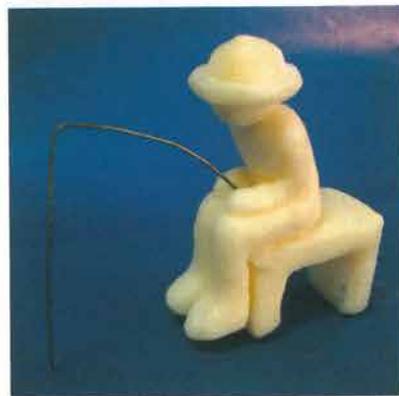
Num terceiro momento, a Professora lançou um desafio: a partir da foto

de dez esculturas famosas da cidade, os alunos deveriam descobrir onde elas estavam instaladas e quais os seus autores. Segundo ela, o objetivo era fazer os Alunos perceberem que aquilo que fazem em sala de aula tem ressonância na sociedade e que as esculturas da cidade, apesar de serem um importante patrimônio histórico e cultural, muitas vezes passam despercebidas e sofrem com a falta de educação e o vandalismo de pessoas que chegam a roubar as placas com o nome da obra e do autor para vender o material.

Depois de tudo isso, os Alunos puderam por a mão na massa, ou melhor, na argila, no arame, no papel machê ou no sabão de coco, que foram os materiais selecionados para o trabalho. A escolha era livre e foi feita pela afinidade, favorecendo a autoria, como explica Cacau: “O material traz suas próprias informações e propõe um ‘diálogo’ com o artista”. Ao final do projeto, foi feita a “leitura” dos trabalhos. Que elementos da linguagem foram utilizados? O que cada autor quis passar e que significados despertaram? A experiência foi gratificante: “Hoje, se estes alunos forem visitar uma exposição de arte, já são capazes de buscar aquilo que está por trás do objeto em si. Além disso, eles puderam expor seus sentimentos e suas opiniões, desenvolvendo simultaneamente mais respeito pelos Colegas, em sua individualidade, diferença e forma de expressão. Foi um momento muito rico para mim e para eles, tanto do ponto de vista artístico quanto social”, garante a Professora. ■



“A silhueta do meu trabalho tem a ver com o contorno dos prédios. Além disso, eu represento a poluição, a sujeira dos muros pichados e, com algo que se parece com uma teia de aranha, a falta de cuidado com a cidade”. Pedro (T. 72)



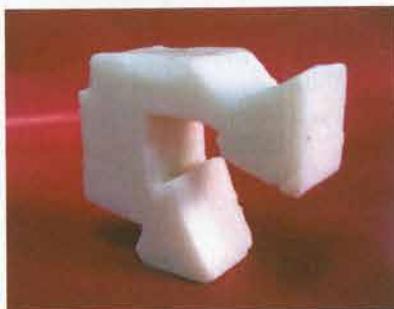
“Pensei em fazer um pescador, mas nem era pra ele ficar desse jeito. Enquanto eu fui fazendo, ele foi ficando assim”. Beatriz (T. 71)



“Meu trabalho, *Consciência*, é meio perturbador. Ele representa uma casa que está sendo ‘devorada’ por algo que não sei o que é e que impede a nossa visão da casa em si”. Gabriel (T. 72)



Cláudia Marçal (Cacau) e Beatriz (t. 71).



“A escultura é muito melhor do que a pintura, porque dá para trabalhar melhor as formas”. João Gabriel (T. 72)

# Rio de Janeiro: imagens e poesias

**F**onte inesgotável de inspiração para poetas, prosadores e músicos, a cidade do Rio de Janeiro sintetiza os elementos culturais que compõem a brasilidade, tão almejada e defendida pelo modernismo.

Capital durante o Império e a República, palco de eventos históricos, local de inegável vocação cultural, “berço do samba”, cidade maravilhosa, são diversas as alcunhas que, ao longo do tempo, procuraram traduzir seu encanto único, que também faz dela, ao mesmo tempo, a mais cosmopolita e mais genuína das grandes cidades brasileiras. Sua beleza, aliada ao crescimento urbano do início do século XX, não escapou aos olhos do movimento modernista.

Sendo assim, minha proposta foi de, junto às turmas da 6ª série (61, 62, 63 e 64), procurar escrever poesias e encontrar imagens que captassem o sentimento do carioca diante de suas belezas naturais e da realidade que nos cerca.

Ao final, podemos concluir que, se o Rio já não conserva mais alguns traços de outrora, continua irradiando um charme próprio, que faz de si, ainda, um lugar especial de se viver, síntese da brasilidade. ■

Luciana Gomes  
Professora de Língua Portuguesa

## O irritado e o descansado

Juliano (T. 61)

### O irritado

O Rio é uma cidade quente  
Tem muita gente

O Rio é agitação e muvuca  
Ficar aqui esquentada a nuca

À noite, mais agitação  
e bebedeira de montão

Não agüento mais  
Não dá para suportar

Irritado, estou ficando  
Eu vou estourar

### O descansado

Calma, amigo  
Você tem que relaxar

Irritação só ajuda  
para mais irritado

Aproveite a cidade que estamos  
que é de rio, sol e mar

Para você relaxar  
na praia vai ter que estar

Força e esperança  
ajudam sem vingança.

Vá ao Corcovado,  
meu caro.

Vá ao Maracanã  
e seja fã!

Vá ao Jardim Botânico,  
natureza te tira do pânico.

E não beba,  
relaxe em Ipanema.

## O Rio

Pedro Nort (T. 64)

O Rio é uma verdadeira beleza.  
O Rio é mesmo uma grandeza.  
O Rio é o manjar dos deuses.  
O Rio é a melhor opção.  
Por isso, é chamado de lindão.  
O Rio é meu.  
As praias são minhas.  
Na verdade, não.  
O dono é Deus.  
E eu sou filho do dono.

## Rio de Janeiro

Felipe Sut e João Carlos (T. 62)

O Rio de Janeiro continua lindo.  
As ruas são como palcos,  
com seus moradores atuando  
num grande pano,  
que é o céu do Rio.

O Rio de Janeiro continua lindo.  
Os governantes relutantes,  
com suas propostas: “Paz e amor”.  
Os músicos retratando  
todo o nosso pavor.

O Rio de Janeiro continua lindo.  
Traficante indo e vindo.  
Nossa segurança caindo,  
ônibus incendiado,  
PM todo quebrado.

O Rio de Janeiro continua lindo.  
Cristo Redentor todo  
modernizado.  
Lindo, lindo...  
Nossas ruas, todas esburacadas.  
Lindo, lindo...  
As prisões arrombadas...  
Lindo, lindo...  
Tirando isso tudo,  
o Rio de Janeiro continua lindo.

# Uma vida dedicada à educação e ao São Vicente



Orientada por uma amiga, às pressas, no meio da rua, ela chegou à Escola para pedir emprego sem ter muita certeza do nome da pessoa que deveria procurar. Decidida, pediu para falar com a D. Patriota. Perguntada por um atendente se não seria o Pe. Horta, então diretor do São Vicente, ela respondeu: “Serve”.

E serviu mesmo. Quarenta e quatro anos já se passaram, muita gente chegou e partiu, e Marlene Bluhm, Coordenadora das 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental, continua aqui, não só como a memória viva do Colégio, mas, principalmente, como a experiência que faz com que ele continue a formar agentes de transformação social.

## A grande mãe

Seja na vida profissional ou pessoal, o que salta aos olhos em Marlene é o jeito mãezona, daquelas que tomam

conta de detalhes, brigam quando julgam necessário, mas não deixam ninguém de fora ameaçar a cria. A sobrinha Veruscka Mainhard, que a considera uma segunda mãe, se diverte lembrando que um dia passou de carro com uma professora, rapidinho, na porta do prédio em que moravam juntas para pegar um envelope, quando deu de cara com a tia carregando, além do documento, um enorme copo de vitamina, alegando que, sem se alimentar, a menina, que garante que estava acima do peso, ia ficar subnutrida.

No São Vicente, a história se repete. “O lado mais bravo da Marlene aparece quando alguém da equipe dela é criticado ou ameaçado. Ela se coloca, imediatamente, como a galinha que abre as asas para defender seus filhotes”, diz Edna Cardozo, professora do Colégio e amiga da coordenadora há 25 anos. Luci Moura, que trabalha diretamente com ela há cinco anos, também avisa: “Não fale mal de quem ela gosta, ou você vai ganhar uma inimiga”. Sinara Vaz, professora que chegou ao Colégio há apenas um ano, também destaca sua preocupação de elogiar e mostrar o quanto está satisfeita com o trabalho. Mas todos concordam que essa disposição existe, na mesma medida, para apontar os erros e descuidos.

Rigorosa, detalhista, capaz de ficar muito brava e dar uma bronca daquelas de fazer chorar e, dez minutos depois, agir como se nada tivesse acontecido. “Inclusive com as crianças: a conversa começa com uma bronca e termina com um pirulito e um beijo”, conta Edna. Perguntada pelo defeito de Marla, Solange Borba, Coordenadora de 5ª a 8ª série, só encontra um que mereça destaque: “Ela às vezes é muito alemã”, define, apontando uma característica que normalmente é motivo de alguns choques iniciais e muita admiração depois. “Marlene é muito clara e transparente com as pessoas. Para mim, é sua maior virtude. É uma pessoa com quem se pode discutir,

brigar e falar o que pensa, porque você sabe que tudo vai morrer ali”, diz Artur Motta, que vive implicando com ela por causa da paixão pelos pequenos. “Quando tenho que participar de alguma atividade do Ensino Fundamental, brinco dizendo que quero adicional de insalubridade. Ela sempre aceita a provocação e me pergunta: ‘Por acaso você já nasceu grande?’”, conta.

Na raiz de tudo isso, está uma personalidade dedicada e apaixonada por tudo que se propõe a fazer. Na Escola: “Cada criança é um desafio para a Marlene”, analisa Marleninha, coorde

Cozinhar é, aliás, um dos seus maiores *hobbies* e aptidões. “É uma excelente cozinheira”, garante a sobrinha. Outra talento, menos exercitado nos últimos anos, é o de guia de viagem. Dona de uma cultura invejável, ela já viajou e conheceu muitos lugares, mas nunca como um turista comum. A trabalho ou a lazer, sempre estudou muito e observou os lugares por onde esteve, o que, aliado a uma memória que Veruscka classifica como impressionante, faz dela a melhor companheira de viagem que qualquer pessoa pode querer, mesmo à distância. “Na minha primeira visita à Europa ela preparou para mim um caderno-roteiro, com todo tipo de dicas. Durante a viagem, eu e meu marido começamos a ler. Lá pelas tantas, o senhor que estava sentado atrás de nós perguntou quanto cobrávamos pelo caderninho”, lembra Solange.

Memória por um lado, distração por outro. “Ela é campeã em perder as coisas. Principalmente dinheiro”, conta a professora Márcia Vieira. “Ela enrola o dinheiro num paninho e guarda dentro do sutiã. Quando a gente entra na sala dela e encontra Marlene se apalmando e com cara de moribunda, já sabe que ela perdeu uma quantia alta”, completa Edna.

Depois de tanto tempo juntos, Marlene já rendeu também muitas histórias engraçadas ao São Vicente.

Artur conta que era tradição nas festas juninas do Colégio devolver o dinheiro do ingresso para quem fosse à festa vestido a caráter. Num determinado ano, Marlene se produziu toda porque ia a uma cerimônia de casamento à noite, mas antes resolveu prestigiar a festa. Quando passou pela portaria, o porteiro correu atrás dela gritando: “Dona Marlene, a senhora esqueceu de pegar o dinheiro de volta”. “Ela contou para todo mundo, fula da vida”, diverte-se.

Engraçada, divertida, exímia contadora de casos, dramática como ela só: definições como essas são dadas por todos os amigos que a rodeiam. Se conta uma história, faz muitos gestos, representa, dá um verdadeiro *show*. Se tem um problema ou uma alegria, vive tudo com muita intensidade. Desde um siso com problemas, como lembra Edna, até a elaboração de cartões de Natal personalizados, com imagens e textos diferentes para cada um. “Desde que aprendeu a mexer com computador, ela produz os próprios cartões e escreve no verso ‘by Marla’”, diverte-se Veruscka, que resume essa capacidade dramática com a metáfora típica de uma musicista: “Minha família é uma mistura da trama da ópera de Mozart com o drama da ópera de Puccini”.

### Em família

Marlene no registro, por iniciativa do pai; Marla para amigos e parentes, por desejo da mãe; Bluhm, para todos, em referência à família e à ascendência que ela tanto cultivava, fez do São



Marlene com sua turma, em 1969

Vicente a sua segunda casa. Não há muita diferença entre a coordenadora, a irmã, a filha, a tia. Tudo converge para uma coisa só: a dedicação extrema que ela sempre teve à Família, seja a Bluhm ou a Vicentina. “Para Veruscka, no São Vicente, ela é a ex-Professora de religião. Em casa, ela é a “tante lala”. É que, para praticar o idioma, os sobrinhos sempre foram incentivados a chamá-la de “tante”, que significa tia em alemão. Juntando com o nome, daria “tante marla”. Mas Veruscka, quando pequenina, não conseguia pronunciar esse palavirão e falava “tante lala”. O nome pegou.

Carinhosa, dedicada, apaixonada, corajosa, sincera, perseverante, teimosa, divertida. Vaidosa, nunca sai de casa se sapato e bolsa não estiverem combinando. Gosta muito de ler, principalmente livros de História e Religião. Cuidadosa e ciumenta com as suas coisas, faz da sala no São Vicente um território sagrado. Às vezes, quando não quer que alguma observação nas fichas dos alunos seja lida por pessoas não-autorizadas, escreve em alemão. “O resultado é que eu também não leio”, brinca Solange.

Hoje, aos 63 anos, Marlene está, certamente, num dos momentos mais ricos da vida. No ano passado, foi aprovada no concurso da Fundação de

Apoio à Escola Técnica e assumiu a função de supervisora na Escola Técnica Estadual Ferreira Viana. Um verdadeiro chamego na auto-estima. Para completar, conseguiu realizar um sonho de muitos anos: comprar um apartamento com varanda.

Segundo a sobrinha, ter o seu trabalho reconhecido é uma das coisas que mais a deixa feliz. Que essa homenagem da *chama*, na sua edição de aniversário, seja lida como um agradecimento sincero do Colégio à “tante lala” que ajudou a construir e concretizar esse sonho e dedicou sua vida a ele. ■



Marlene, nas páginas da *chama* nº 32, de agosto de 1981

# Alunos se despedem com lembranças da infância

Eles brincaram de pique e bambolê, pularam elástico, jogaram queimado. Comeram biscoitos, beberam todyinho, desenharam e pintaram. Exatamente como faziam alguns anos atrás, quando chegaram ao São Vicente, a maioria ainda muito criança. Logo eles, que agora estão tendo que se despedir.

Foi para que os Alunos do 3º ano do Ensino Médio lembrassem e revivessem essas experiências que a Orientadora Maria Clara e a Professora Jéssica organizaram o *Dia da Memória*. “Neste período de muitas mudanças — vestibular, universidade, novos amigos —, é importante proporcionar aos Alunos momentos de percepção da sua realidade, consciência do fechamento de um ciclo e também — por que não? — relaxamento das tensões”, explica Maria Clara.

No dia 29 de agosto, esses quase adultos que agora se despedem do São Vicente chegaram ao Colégio com fotos de quando eram pequenos, cadernos antigos, e muitas outras coisas que lembravam seu passado na Escola. Professores prepararam poemas e textos sobre a memória, recuperando autores como Mário Quintana, Fernando Pessoa e Rubem Alves.

Depois, o momento de maior nostalgia: todos viram as fotos, mostraram os objetos, falaram sobre as lembranças do primeiro dia no Colégio e sobre o que o São Vicente significou na vida de cada um. Como nos bons tempos de papel e lápis de cor, externaram as emoções com textos e desenhos. Uma verdadeira catarse. “Quando estudamos

em uma escola por um longo tempo, ela faz parte da nossa vida. É onde conhecemos nossos amigos, nossos amores, nossos professores fascinantes, de quem nos lembraremos como grandes mestres. É onde formamos nosso caráter, onde amadurecemos. Eu estou saindo do São Vicente com 12 anos de vida vicentina. Esse Colégio foi praticamente toda a minha vida. Minhas alegrias e minhas dores. Saio realizado, pois considero que me superei como pessoa”, escreveu Luís Eduardo Dias Gai, do 3º C.

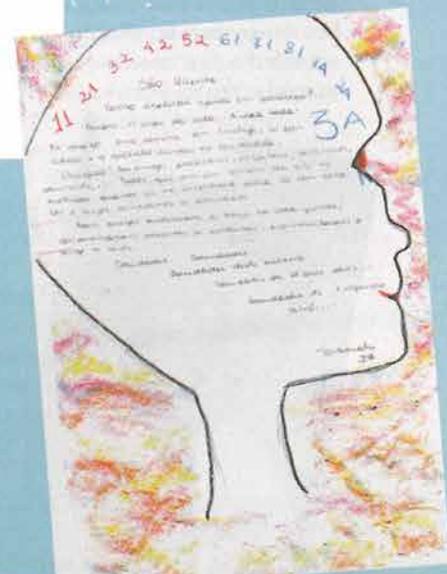
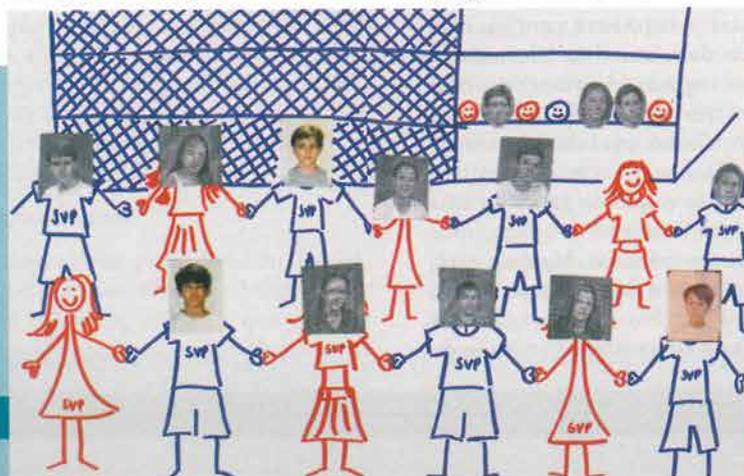
Teve agradecimento, brincadeira, desabafo. E se é verdade que o bom filho à casa volta, não podia faltar a proposta de um recomeço: “Foi o CSVP que despertou em mim o desejo de escrever, ler, ensinar. Assim eu descobri que nasci para ser professora! É muito bom se descobrir! Quero agradecer e retribuir dando aula aqui, revivendo e vivendo o São Vicente”, registrou Alluana Barcellos, também do 3º C.

No resumo, havia uma mistura de muitos sentimentos, nem todos expressos, quase todos grandes demais para caber numa folha de papel. Deborah, do 3º A, concluiu: “Como explicar apenas com palavras? Foram 11 anos da vida... A vida toda! Obrigado aos amigos, professores, inspetores, cantineiros, faxineiros... todos que, com um simples ‘bom dia’ me acolhiam quando eu me encontrava fraca ou com abraços e beijos dividiam felicidades. Aqui amigos descobriram a beleza da vida juntos, compartilharam momentos de descobertas, experimentaram o perigo de viver. Saudades”. ■



2003

NÃO SEI DESENHAR MUITO, PREFIRO  
ESCREVER; E FOI O CSVP QUE  
DESPERTOU ISSO EM MIM. O DESEJO DE  
ESCREVER, LER, ENSEJAR. ASSIM QUE  
DESCOBI QUE NASCI PRA SER  
PROFESSORA!! QUE DESCOBERTA!!  
QUE FELICIDADE!!  
É MUITO BOM DE DESCOBRIR.  
QUERO AGRADECER AO CSVP E  
PODER RETRIBUIR DANDO AULA  
AQUI ~~REVIVENDO~~ REVIVENDO E  
VIVENDO O SÃO VICENTE!!  
UM BEIJO, SAUDADE,  
ALLUANA BARCELLOS  
3C





## MINHA FILHA NO SÃO VICENTE

Sábado chuvoso de início de Primavera.

Logo cedo recebo um telefonema solicitando meu depoimento para a **chama**, sobre a passagem de minha filha pelo São Vicente, onde ela conclui a 3ª série do ensino médio.

Tarefa delicada. Porém, tão importante e necessária como são todas aquelas que norteiam nossas vidas. Por outro lado, seria impossível negar ou disfarçar a satisfação de ter estado ao seu lado, apoiando e acompanhando-a, desde o momento da decisão — significativa — de deixar o colégio anterior, onde concluíra o ensino fundamental, e fazer o exame de ingresso no São Vicente. A partir daí, tudo ficou mais “fácil”.

Seu interesse em estudar no Colégio suplantou alguns momentos difíceis: da expectativa inicial de ingresso até o resultado positivo do exame; do convite para o primeiro “crêpe”, logo nos primeiros dias, num shopping da vida, em companhia daqueles que viriam a se tornar seus futuros amigos e amigas, à consolidação do tão importante sentimento de aceitação e — por que não dizer — de “pertencimento” ao novo grupo; do sentido de responsabilidade e da maturidade, que se desenvolveram com a idade, inculcados pelos novos mestres e pela nova vivência escolar, até o atual e por vezes angustiante confronto pessoal, nesse ritual de passagem que se chama Vestibular.

Por outro lado, ao longo desses três anos, desenvolvíamos uma rica experiência, entre “pãe” e filha, na qual carinho e respeito tornaram-se as principais balizas de nossa convivência diária, junto com a imposição dos tão necessários limites. Fluiu assim, em harmonia, a percepção e a constatação de que minha filha desenvolvia uma rica experiência de vida.

No Colégio, a continuidade de seu envolvimento com o teatro, a participação na elaboração do “Elefante” e as atividades do Grêmio foram proporcionando um acúmulo de “valores” que corroboram a riqueza mencionada acima. Riqueza que — pais e mestres — continuaremos sempre a perseguir: aquela dos valores morais, éticos e espirituais.

Valores que persistem, mesmo neste nosso mundo já bastante virtual, como os únicos “bens” realmente indestrutíveis e inalienáveis, que cada cidadão e cidadã carregará vida afora e que, mesmo na adversidade, servirão como seu único amparo. Agora mesmo, quando concluo este depoimento, lá longe, em terras de Minas, onde o Brasil desenvolveu uma de suas melhores tradições no campo da Educação, minha filha, seus colegas, alguns professores e Pe. Lauro vivem a “aventura” da convivência mais próxima, que impõe respeito, disciplina, organização.

Lá longe, ainda, no futuro, bastará um simples “clique” para reativar, nas telas da memória, a lembrança, talvez com aquele gostinho de nostalgia, de tão rica experiência. Não só a lembrança da viagem ao Caraça surgirá, como, além de qualquer eventual contratempo que tenha ocorrido, surgirão, mais fortes, os sentimentos de irmandade, fraternidade, solidariedade que, neste exato momento em que escrevo, estarão se desenvolvendo.

Com isso, surgirá também toda a riqueza do ensino e da experiência que lhe terá proporcionado a passagem pelo Colégio São Vicente de Paulo. ■

---

Paulo Villas-Boas  
Pai da Janaína, do 3º B

## MEUS FILHOS NO SÃO VICENTE

Chegou o momento do “Até mais”!

Desde 1988, estamos juntos. O primeiro foi Patrick, hoje quase engenheiro. Agora é Sílvia que, em 2004, começa a trilhar a universidade.

Repassar esses 11 anos de Sílvia no São Vicente é se dar conta de que nesta trajetória ela nunca esteve sozinha. Esteve sempre na companhia de amigos-quase irmãos. E que amigos! Companheiros. Responsáveis. Sensíveis.

Não são anjos virtuosos, mas sempre demonstraram capacidade de reconhecer seus excessos. Com certeza estarão juntos pelo resto de suas vidas.

E assim eu vi esses 11 anos se passarem:

- Já na primeira semana de São Vicente, o final da aula foi comemorado com um banho na “cachoeira” que brotava do telhado depois de um temporal de verão. A intimidade com a Escola veio rápido.

- Na formatura do ensino básico, a homenageada da turma 82 foi a professora da 1ª série, Edna. É que os professores do São Vicente eles nunca esquecem!

- Na volta das viagens, o entusiasmo nos relatos: as ruas e a mina de Ouro Preto; as praias de Arraial do Cabo; os manguezais de Barra do São João; o temporal de São José do Vale do Rio Preto; o deslumbramento no Fórum Mundial de Porto Alegre; e a natureza no Caraça.

- Não faltaram brincadeira e diversão nas viagens. Não faltaram seriedade e responsabilidade ao grupo que assumiu a monitoria para o supletivo. Não faltaram alegria e descoberta na viagem a Cocos.

- Algumas vezes tramaram o que não deviam para, em seguida, falarem muito sério como representantes de turma.

E assim caminha a comunidade do São Vicente.

Direção, coordenação, professores, inspetores, pessoal da administração: Valeu muito! ■

---

Mara Paqueta Pereira  
Mãe da Sílvia, do 3º B

# Ensinando a esperança

**D**e analfabetos nas letras a alfabetizados políticos, capazes de se reunir para discutir o futuro do Brasil. Esse é o resultado do projeto levado adiante por Professores do São Vicente e que atende pelo nome da cidade em que vem sendo desenvolvido: Jaguaruana.

Tudo começou no início de 2000, quando Professores do Colégio se juntaram a um grupo externo para desenvolver ações ligadas à educação e cidadania nessa pequena cidade do interior do Ceará. Do São Vicente, estiveram atuantes, desde sempre, os professores José Carlos, de Ciências e Edna, do Ensino Fundamental. O desafio era capacitar Professores da região, que teriam a responsabilidade de alfabetizar jovens e adultos da Comunidade da Jurema. “Naquela época, eu recebia as fichas com as impressões digitais. Hoje, todos já sabem assinar o nome”, lembra Edna, orgulhosa.

Ao longo desses três anos, tanto as dificuldades quanto as conquistas foram muitas. A evasão escolar era um problema, causado, principalmente, pela dificuldade dos Alunos, adultos, de ter com quem deixar os filhos. Como solução, as três Professoras redistribuíram o trabalho: hoje, duas delas dão aula para os adultos e a terceira faz atividades de recreação com os filhos deles.

Com a perda do patrocínio da Varig, que, no começo, pagava as passagens do grupo para Jaguaruana, as viagens ficaram mais espaçadas. Mas as sementes plantadas germinaram e, hoje, pelo menos 15 Alunos podem ser considerados totalmente alfabetizados, o que inclui, como eles fazem questão de ressaltar, uma formação política e social que os motivou, na época das eleições presidenciais, a juntar recortes de jornais e revistas doados e montar uma mesa redonda para debater os rumos do país. Do mais, todos os que passaram pelas aulas aprenderam a ler e a escrever e estão vendo a vida mudar. “Eu era analfabeta. Não tinha nem documentos. Somente meus amigos e meus parentes, além de Jesus, sabiam que eu existia. Agora sei ler e escrever, já tirei meus documentos e assinei todos eles. Me sinto muito orgulhosa e feliz. Não quero que isso acabe. Quero ir além”, disse Maria de Lourdes da Rocha.

Com o apoio financeiro da Associação de Pais e Mestres (APM) do São Vicente, que pagou a passagem aérea, José Carlos foi a Jaguaruana em julho deste ano e firmou um convênio com a prefeitura do Município, que vinha investindo em cursos de Educação de Jovens e Adultos (EJA). Por esse acordo, o Fundec garantiu refeições para os Alunos e uma quantia fixa para pagamento dos Professores. O grupo do São Vicente se comprometeu a arcar com o pagamento das três profissionais que já trabalhavam na comunidade de Jurema.

O projeto continua procurando parceiros e apoios, com o objetivo de arrecadar recursos para manter esse trabalho de “formiguinha”, como define José Carlos, que tem levado tanta esperança para a população local. “Eu era um agricultor ignorante e sem vontade de melhorar nada na minha vida. Hoje, sei que posso melhorar. Nunca mais vou aceitar identificar um documento com o polegar. Já sei ler e posso assinar meu nome como qualquer pessoa. É um mundo novo esse que as professoras e o Projeto Jaguaruana me ensinaram a ver. Não deixem isso acabar”, desabafou o aluno José Wilson na última reunião do grupo. ■

José Carlos e as trabalhadoras da Educação em Jaguaruana



## Cocos e Guimarães Rosa

Fui à Bahia (sudeste), numa equipe de Professores, para prestar um serviço de formação de Educadores de uma cidadezinha muito bonita chamada Cocos. Fica entre Minas, Bahia e Goiás. Nessa região começam os “Gerais”, o grande sertão que é cenário para Guimarães Rosa. E eu juro que vi as histórias do Rosa na conversa das pessoas desse lugar. Lá é tão isolado que a língua daquela gente nos faz voltar no tempo. Não, definitivamente aquelas pessoas não falam errado: sua pronúncia e seu vocabulário é de um português que já existiu. Tanta história que ouvimos que fomos pra ensinar e, de repente, aprendemos.

*Grande Sertão: Veredas, Sagarana, Primeiras histórias.* Louvo ao Rosa por mostrar ao Brasil e ao mundo que o sertão é dentro da gente. Louvo-o por apontar a terceira margem do rio; louvo-o, ainda, por nos fazer caminhar com uma singela história de um burrinho pedrês. E nem estivemos nos “Gerais” propriamente ditos, só conhecemos pessoas dos arredores.

Descobri que lá existe também outro tesouro, talvez pré-histórico, prova do registro do homem há milhares de anos nesta Terra Papagali. Nas formações rochosas do cerrado, há grutas onde se vêem sinais pictóricos. E ouvindo a gente da região, parece que há muito a estudar lá.

Quero me enveredar mais vezes por aquelas bandas, porque eu acho que descobri (ou redescobri) uma banda de mim que há muito tranquei no quarto escuro da vida. Como é bom pisar na terra, sentir o cheiro do mato, conversar com os animais, tomar banho de rio e banhar-se de histórias... ■

---

Claudicélio Rodrigues da Silva  
Professor de Língua Portuguesa (EJA)

---

# Nossa caminhada em Nova Sepetiba no ano de 2003



Dentro do Projeto da Globalização da Caridade, a Família Vicentina foi presença marcante em Nova Sepetiba no ano de 2003. Aos poucos estamos descobrindo o caminho a ser seguido para, de fato, sermos uma presença transformadora naquele meio, junto aos nossos irmãos.

A realidade, já conhecida de todos, nos traz não raras vezes muitas novidades. Situações difíceis chegam e se instalam com enorme rapidez e precisamos dar respostas quase sempre de maneira urgente.

No ano de 2003 conseguimos dar apenas alguns passos, pequenos mas significativos. A fome é grande e ainda perdura em nosso meio. Arrecadamos milhares de cestas básicas e muitas outras doações. Fomos presença nas situações difíceis vividas pelas famílias que lá residem, ouvimos suas queixas, seus lamentos, começamos a fazer parte de suas vidas. Estamos lá como uma presença solidária, amiga, de pessoas que, a exemplo de São Vicente de Paulo, no seguimento de Jesus Cristo Evangelizador dos Pobres, acreditam na construção de uma sociedade nova, sinal do *Reino Definitivo*.

Para erradicar a fome, estamos trabalhando em várias frentes, uma vez que fome, por lá, não é somente de pão. Temos fome de trabalho, de felicidade, de auto-estima, de esperança, de educação, etc... Além das muitas cestas básicas distribuídas mensalmente, com poucos recursos, resolvemos iniciar cursos com vistas à formação de cooperativas para geração de renda. Pelo menos 70 mulheres, divididas em grupos, aprenderam a fazer crochê, pintura em tecido, bordado, cestaria em jornal e fuxico. Durante a realização dos cursos, temos oportunidade para boas conversas e acompanhamento das famílias, troca de experiências e informações sobre a difícil realidade daquelas pessoas.

Aos domingos, oferecemos o sopão. Muitas famílias ajudam doando alimentos, descascando legumes, colaborando na distribuição. O sopão é realizado em dois lugares diferentes e é, para muitas famílias, a alimentação do domingo. Também aos domingos, distribuimos o leite forte e a multimistura, feitos por voluntários da Pastoral da Criança. O leite forte é gostoso e a criançada o “batizou” de Farinha Láctea. Ainda, a Pastoral da Criança se reúne com as famílias pelo menos três vezes por mês para a pesagem, o lanche e uma conversa bem instrutiva. Todas as famílias recebem um bom acompanhamento e muitas crianças têm recuperado sua saúde e seu desenvolvimento de maneira normal.

O índice de analfabetismo é grande. Iniciamos, com monitores, a Educação de Jovens e Adultos – Nova Sepetiba. Pelo menos 40 pessoas freqüentaram as aulas durante este ano. Todos nós nos emocionamos cada vez que um (a) Aluno(a) consegue juntar as letrinhas, as sílabas e formar uma palavra. Ou a emoção é ainda maior quando algum estudante que recebe a cesta básica mensal nos diz: “Espere um pouco, agora posso assinar meu nome no recibo”.

Para as nossas atividades ordinárias, iniciamos e já estamos quase concluindo a construção de um barracão no terreno onde será construída a Igreja. Uma construção simples, porém ampla. O barracão será utilizado para muitas atividades, desde celebrações e catequese, até o sopão aos domingos. Para nós uma grande conquista, uma vez que todas as atividades funcionam de forma improvisada nos mais diversos locais dentro do assentamento.

Esses pequenos passos foram possíveis porque muitas pessoas somaram seus esforços. Os dirigentes e agentes de pastoral da Paróquia Santa Edwiges e São Pedro, voluntários e membros dos ramos da Família Vicentina, todos unidos em torno de uma causa comum. Muitos passos ainda precisam ser dados. Para o Natal, precisamos de roupas, brinquedos, alimentação, e, evidentemente, da presença de muitas outras pessoas para as visitas domiciliares, as conversas com as famílias, o entretenimento para as crianças. Caso queira fazer alguma doação ou conhecer melhor o Projeto, estamos à sua disposição no Colégio São Vicente de Paulo. ■

Pe. Geraldo Mól, CM

# São Vicente de Paulo, exemplo de amor e justiça

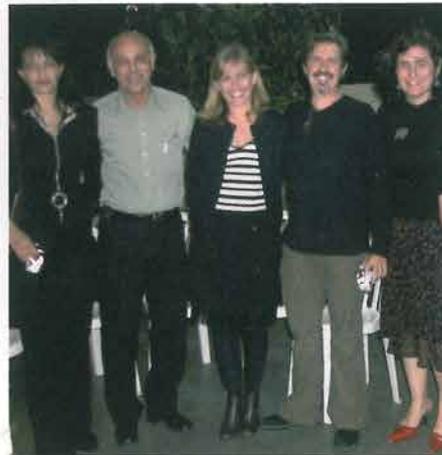
**D**ia 27 de setembro é o dia de São Vicente de Paulo, uma data apropriada para grandes celebrações que sirvam tanto para homenagear o santo patrono do Colégio quanto para avivar em todos a espiritualidade vicentina que anima e inspira os melhores sentimentos e ações.

São Vicente acreditava ser possível modificar a mentalidade das pessoas, a fim de que elas quisessem trabalhar em favor dos pobres. Sua forte convicção pessoal lhe deu um grande poder de convencimento para organizar as boas vontades e formar multiplicadores de sua ação. São Vicente foi um santo de ações transformadoras.

A festa de 2003 repetiu a idéia do Tríduo Vicentino e a comemoração, que começou com uma missa e uma pequena confraternização, realizadas no dia 26 de setembro, se estendeu pelos dias 27 e 28, quando aconteceram, respectivamente, o Sábado Vocal, com várias atividades de canto e apresentação de corais, e o Domingo Vicentino, do qual participaram cerca de 300 crianças de cinco Instituições que recebem algum tipo de apoio do Colégio.

## Uma missa diferente e emocionante

Mais uma vez, os organizadores da celebração de São Vicente surpreenderam todos os presentes e conseguiram, como disse Pe. Lauro Palú, ao final da missa presidida pelo Pe. Agnaldo, “deixar todos com o coração rindo, cantando e feliz; contentes por terem vivenciado um momento tão



À esquerda, Pe. Lauro corta o bolo de São Vicente. À direita, a diretoria da APM comemora o dia do Santo Patrono

forte, denso e bonito, um momento de profunda espiritualidade e união”.

A emoção começou com a escolha das músicas, a maioria de autoria de padres da Congregação da Missão, dentre eles, Pe. Lauro Palú e Pe. Lucas de Paula Almeida, e continuou com a presença do coral que, sob regência de Patrícia Costa, animou os cantos e a cerimônia.

Mas isso não foi tudo. Uma nova surpresa aconteceu quando o professor José Eduardo anunciou que a primeira leitura não seria acompanhada apenas com os ouvidos, mas com o olhar.

“Tu vens, Tu vens... Eu já escuto os Teus sinais...”

E foi ao som alegre da música *Anunciação*, de Alceu Valença, que o grupo de teatro começou a encenar as palavras do profeta Isaías. “O maior desa-

fio da humanidade: humanizar-se” e “É hora de chamar a paz pelo seu nome próprio: justiça social”, diziam os instigantes painéis exibidos pelos Alunos.

Após a leitura do evangelho, feita pelo Pe. Lauro, os presentes de olhos e ouvidos atentos, acompanharam a homilia de Pe. Agnaldo (ver box). O clima da celebração ficava mais emocionante a cada minuto. E haja coração para assistir aos vídeos feitos pelos Alunos para a Campanha da Globalização da Caridade. “Se deixarmos um cordeiro com fome”, alertava um dos vídeos, “ele se transforma em lobo”.

Ao final da celebração, com muito o que pensar e muito o que refletir, todos foram convidados a se dirigir ao pátio para completar a festa com bolo e bate-papo. Sem dúvida alguma, a festa fez jus ao homenageado.



# a pobreza como ideal de vida

Em sua homilia, Pe. Agnaldo fez com os presentes uma profunda reflexão sobre como três realidades extremamente distantes no espaço e no tempo — a representada pelos textos bíblicos lidos na liturgia, a vida de São Vicente e a vida da Comunidade Educadora do Colégio — se fundem numa única e mesma realidade por conta de seus anseios e projetos por um mundo novo, por uma nova sociedade e por um novo homem. Levando em consideração a historicidade dos textos bíblicos, que não podem ser dissociados do contexto e da realidade que os geraram, Pe. Agnaldo mostrou como se pode aprender com maior profundidade a eterna, perene, radical e revolucionária proposta apresentada em diferentes situações.

Na primeira leitura, de Isaias, o profeta é enviado para proclamar a boa notícia da libertação aos pobres, que estão abertos à fraternidade e à partilha. Para que a libertação se torne realidade, no entanto, é preciso que dentro da nação triunfe a justiça nas relações entre os cidadãos e que externamente cessem a injustiça e a opressão contra o país. De acordo com a leitura, a obra de construção de um mundo mais justo e fraterno é iniciativa de Deus, mas depende da contribuição e do compromisso de cada um.

No segundo texto, o sermão das bem aventuranças, São Mateus narra a passagem em que Jesus, trazendo uma nova Lei, afirma que “felizes os pobres em espírito, porque deles é o reino dos céus”, ou seja, que os aflitos, os mansos, os que têm fome e sede de justiça, os misericordiosos, os puros de coração, os promotores da paz, os insultados, os que sofrem qualquer tipo de calúnia podem se alegrar, pois receberão a recompensa de um mundo melhor, de mais vida para todos.

“O que isso tem a ver com São Vicente de Paulo, cuja solenidade estamos celebrando?”, perguntou Pe. Agnaldo, respondendo em seguida: “Tudo, pois ele foi um homem conhecedor de seus limites e dons, um homem inserido na realidade de seu tempo e comprometido com o seu povo, um homem que experimentou um íntimo encontro com os pobres, por perceber que só assim é possível encontrar verdadeiramente Deus e que, por isso tudo, foi santo”. Para Pe. Agnaldo, a partir de tudo isso e lembrando que Jesus optou por uma vida na pobreza, é que devemos pensar no que significa a pobreza para nós. Segundo ele, Jesus foi a primeira pessoa que apresentou a condição de pobre como ideal de vida e isso fica muito claro quando ele diz que bem aventurados os pobres porque deles será o reino dos céus e não porque deixarão de ser pobres.

De acordo com Pe. Agnaldo, a campanha vicentina da *Globalização da Caridade: luta contra a fome e pela erradicação da malária* deve ser vivida como uma ação que ultrapassa os projetos assistencialistas ou as manifestações alienantes de uma caridade não comprometida com uma autêntica, verdadeira e profunda transformação social. Citando o documento da CNBB intitulado *Exigências evangélicas e éticas de superação da miséria e da fome*, ele foi enfático ao dizer que “partilhar com o outro o seu sofrimento, a exemplo de Jesus, não é dar coisas, mas é dar-se; é colocar-se a serviço, gastar tempo, estar ao lado de quem sofre e ceder ao outro as próprias forças para que ele possa abrir os olhos, organizar-se, resgatar a auto-estima, a identidade e seus valores mais profundos a fim de poder erguer a cabeça, levantar-se e seguir adiante”. Para terminar, Pe. Agnaldo ressaltou ainda que é preciso pensar na pobreza como uma exigência de simplicidade de vida, pois é mais que sabido que o estilo de vida de hoje, que muitos acreditam ser ideal, não é possível. “Quando apresentamos a pobreza como um ideal de vida é porque a riqueza não é possível. Buscar a pobreza é uma questão de sobrevivência biológica da espécie humana. Precisamos ter consciência de que o atual padrão de consumo de alguns setores privilegiados da sociedade não pode ser estendido a todos. Não se pode socializar a riqueza. Essa idéia não se sustenta nem social e nem ecologicamente falando”, explicou o celebrante, concluindo: “No nosso trabalho da Globalização da Caridade e tendo como exemplo São Vicente de Paulo, devemos redescobrir um novo estilo de vida, sem nos deixar levar pela proposta ilusória de que algum dia, seja pelo estudo seja pelo trabalho, todos poderemos ser ricos. Isso seria a destruição de todo o planeta”.



Todos os coros se juntam num canto pela paz

## Sábado de canto

O segundo dia do Tríduo Vicentino homenageou São Vicente de Paulo com músicas e performances impressionantes apresentadas pelos coros do próprio Colégio e visitantes.

A tarde começou com o canto do *Loas e Luas*, coro do Ensino Fundamental, regido por Norma Nogueira, que formava um conjunto colorido alegrando o palco do auditório. Começaram com uma apresentação *a cappella*, de músicas que se referiam a diversas brincadeiras de criança. Em outra das canções do repertório, fizeram um apelo infantil, cantando: “Está todo mundo tão tristonho, estão querendo destruir os nossos sonhos”.

O segundo grupo a se apresentar foi o Coral Juvenil da Escola de Música da Rocinha, regido por Valéria Correia, que ofereceu ao público um verdadeiro espetáculo de vozes. Esse coro é um projeto educacional que busca melhorar a qualidade de vida de crianças e jovens moradores da Rocinha.

Em seguida, veio o Coral do Ensino Médio do São Vicente, que cantou *Sossego*, de Tim Maia, *Acalanto*, de Dorival Caymmi, numa verdadeira apresentação de canções de ninar, e, numa grande exposição de criatividade, uma sucessão de jingles antigos, que fizeram o público lembrar das propagandas de produtos como Cera Dominó e Vaquinha Mococa.

O outro grupo convidado foi o Coral Meninos de Luz, que também faz parte de um projeto social nas comunidades Pavão-Pavãozinho e Cantagalo. Formado por crianças, o coro destacava a menorzinha de todos os artistas-mirins, que levava na cabeça uma faixa com a bandeira do Brasil. O repertório deles deu destaque a músicas do folclore brasileiro e argentino.

Naquela que seria a última apresentação do evento, subiu ao palco o Orfeão Carlos Gomes, coro do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro (Iserj), regido por José d'Assumpção Júnior, que também é Professor do São Vicente. Fechando um espetáculo marcado por muito movimento no palco, o grupo fez o auditório vibrar com o arranjo de *Samba do approach*, feito pelo próprio d'Assumpção. A música, a dança e a desinibição do cantor principal, que desceu do palco e interagiu com a platéia, fez desse um espetáculo inesquecível. E, no encerramento do Sabadão, o público teve uma surpresa. Todos os coros mais os Alunos da 5ª série, que não tinham se apresentado naquele dia, subiram ao palco e cantaram a música *A paz*, de Gilberto Gil.



Acima, São Vicente a Cappella; ao lado, Coro da Escola de Música da Rocinha; abaixo, Coral Meninos de Luz



São Vicente recebe crianças no Domingão

### Recebendo os irmãos

O tradicional Domingão Vicentino fechou o fim de semana triplo de São Vicente. Logo pela manhã, o Colégio estava prontinho para receber a visita de crianças vindas de algumas das instituições com as quais o Graúna e o Grauninha colaboram, como a Casa do Ronald MacDonald e a Creche Cristo Redentor.

Durante toda uma manhã de sol, os pequenos puderam participar de oficinas de pintura, com papel, tinta e canetinha à vontade; ouvir história narradas e interpretadas pelos contadores do São Vicente; criar personagens e objetos na oficina de massinha; se enfeitar com a pintura de rosto e de mão; se divertir com diversos jogos no laboratório de informática; participar de jogos no ginásio; e aplicar flúor nos dentes, orientados por uma especialista no assunto. E, quando chegou a hora do almoço, sentaram lado a lado para comer um bom prato de macarrão com salsicha.

Mais importante do que tudo isso, as crianças receberam atenção e carinho de Alunos, Pais, Funcionários e Professores do São Vicente, voluntários que dedicaram seu domingo a fazer aquelas crianças mais felizes. São Vicente deve ter gostado do que viu. ■



ETC  
E

# tamanho não é DOCUMENTO, COMPETÊNCIA SIM

Ele completou nove anos no dia quinze de outubro. A pouca idade, no entanto, não foi impedimento para que André Gaspar Chalhoub encarasse o desafio de entrar no V Concurso de Fotografias, realizado, em junho, pela Sociedade de Amigos do Jardim Botânico do Rio de Janeiro e, o que é melhor, ser um dos premiados.

A história toda começou quando os Pais de André receberam a programação da Sociedade, da qual fazem parte, anunciando o concurso, como conta Vera, mãe do jovem fotógrafo: “Eu sugeri ao André que levasse o anúncio para o Pe. Lauro, porque ele fotografa muito bem e poderia se interessar. Passado um tempo, eu percebi que o André ainda não tinha entregado a correspondência como eu pedi e reclamei. A resposta me surpreendeu: ‘Mãe, eu quero participar desse concurso, mas se o Pe. Lauro entrar, ele vai ganhar e eu não terei nenhuma chance’”.

## Escolha difícil, mas acertada

Com a decisão tomada, muita determinação e de posse de uma câmera emprestada pelo namorado da irmã, André partiu para o Jardim Botânico acompanhado da mãe, preocupada com o equipamento. “Ele gastou três filmes numa tarde e eu por perto, mais para salvaguardar a câmera”.

O resultado da incursão foi uma grande quantidade de boas fotos. Como só era possível inscrever duas por autor, o passo seguinte foi a realização de uma pré-seleção familiar, com algumas sugestões do Pe. Lauro. “Eu queria que ele visse que as suas exposições já estavam dando frutos”, explica Vera.

Escolhidas as fotos *Uma palmeira diferente* e *A ponte*, só restava esperar o resultado que chegou cerca de um mês depois, por meio de um convite para a exposição das 100 fotos selecionadas entre as mais de 500 inscritas, que integrou a mostra do Espaço Aberto Jardim Botânico por 15 dias. “Quando cheguei lá e vi as minhas duas fotos, eu fiquei superfeliz. Eu estava torcendo para ganhar, mas não tinha muita esperança”, conta André, orgulhoso, principalmente, porque seus concorrentes eram todos adultos.

Como prêmios, um certificado e o prazer de ter as suas fotos incorporadas ao acervo do Jardim Botânico. A única decepção veio por conta de uma promessa não cumprida pelo representante da Nikon no Brasil, de dar ao menino uma máquina, mas que foi logo esquecida quando André ganhou dos Pais duas máquinas novas que, mais do que meros equipamentos, significam apoio e confiança.

## Uma parceria importante

Para Vera, foi muito gratificante ver André, na exposição, observando as pessoas que admiravam o seu trabalho, e se apresentando a elas, assumindo a autoria das fotos. “A gente fica ‘babando’, fica feliz e compreende melhor a nossa função de promover o crescimento, de abrir caminhos”, afirma, acrescentando a importância do incentivo que as exposições do Pe. Lauro dão aos Alunos: “Elas acabam se constituindo numa força motriz para a sensibilidade das crianças, porque mostram outras possibilidades de olhar as coisas e, conseqüentemente, a vida”. Por outro lado, ela destaca o papel dos Pais, que devem se dar conta de que um objeto caro como uma máquina fotográfica pode ser



André Gaspar Chalhoub, o pequeno grande artista

*“Eu via o namorado da minha irmã fotografando e gostava. As exposições no Colégio também me davam vontade de fotografar as coisas que eu acho bonitas e coloridas, principalmente na natureza.”*



bem administrado por uma criança e que é preciso dar liberdade de criação a elas de, por exemplo, fotografarem o que desejam. “Nada é bobagem”, diz, lembrando que numa viagem ao Nordeste, há algum tempo, André fez várias fotografias que, quando reveladas, mostraram, em vez de parentes e amigos, incríveis detalhamentos de objetos de decoração e da arquitetura do hotel. “Essa é a verdadeira parceria que família e escola devem praticar em benefício das crianças. A gente tem que apostar nisso”, garante ela. ■

As duas fotos premiadas: *A ponte* e *Uma palmeira diferente*



# Uma boa alimentação é o melhor remédio

**S**egundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), existe no mundo mais de 1 bilhão de adultos acima do peso, 300 milhões dos quais clinicamente obesos. O problema, que já é considerado de saúde pública, tende a ficar ainda mais sério quando se constata que também entre as crianças a obesidade tem crescido em ritmo acelerado. No Brasil, por exemplo, o percentual de crianças obesas saltou de 3% para 14% nos últimos 20 anos. Os dados são alarmantes, principalmente quando se sabe que crianças obesas têm muito mais possibilidades de adquirirem doenças típicas de adultos, como a hipertensão arterial e a diabete tipo 2.

Dentre as razões apontadas pelos especialistas para o excesso de peso nas crianças estão, além dos fatores genéticos, alguns conhecidos fatores ambientais, como a falta de exercícios e a má alimentação. “O problema é que dar às crianças um lanche altamente calórico e deixá-las em frente à TV ou ao computador é mais fácil do que lhes ensinar bons hábitos alimentares e a prática de atividades físicas”, afirmou a especialista da Escola de Ciências Biomédicas da Faculdade de Buffalo (EUA), Teresa Quattrin, em entrevista ao jornal O Globo, em setembro deste ano.

## Formar hábitos saudáveis: função da escola ou da família?

Para Teresa, as campanhas educativas são fundamentais, mas a maior responsabilidade é dos pais. “Os pais precisam de tempo para a paternidade, para preencher o dia dos filhos com atividades significativas”, diz ela, reconhecendo que isso se torna um grande desafio quando ambos trabalham.

Essa opinião, no entanto, não é unânime e desperta grande polêmica sobre o papel da escola e da família na formação de hábitos alimentares saudáveis nas crianças.

A questão é mais complicada do que parece e envolve até mesmo aspectos legais, com as inúmeras propostas de leis que regulamentam os tipos de alimentos a serem vendidos nas escolas. No Rio de Janeiro, por exemplo, desde abril deste ano, existe um decreto do prefeito Cesar Maia proibindo a

venda de doces nas escolas municipais. Em São Paulo, o promotor de Justiça do Consumidor, João Lopes Guimarães Júnior, pediu a Assembléia Legislativa que discuta a possibilidade de se criar uma lei que proíba alguns alimentos no cardápio de escolas públicas e particulares, como já existe em Santa Catarina, desde o final de 2001. Segundo ele, é na cantina das escolas que as crianças estão mais sujeitas a consumir alimentos impróprios. “Lá, elas estão longe da fiscalização dos pais”, justifica o promotor.

Existem também os que pensam que proibir não é o caminho correto e que a melhor solução seriam campanhas educativas de saúde pública que alertem para os perigos do *fast food*, nos mesmos moldes que as campanhas antitabagistas.

Apesar de a tendência ser a de muitas vezes se polarizar a discussão, creditando a cada uma das partes — família e escola — a responsabilidade exclusiva pela educação e formação de crianças e jovens, até mesmo no que diz respeito à alimentação, o ideal é que as ações sejam complementares. Quando família e escolas se tornam parceiras, todos ganham: crianças, pais, família e sociedade.

## Cantina natural: uma opção para o lanche

Além de trabalhar a questão da alimentação em várias disciplinas, o Colégio inaugurou, no dia 31 de março deste ano, uma cantina natural, que fica entre o campo de futebol e a quadra de vôlei. O movimento



Tomás Amorim e Ian Costa Capillé (T. 52), se deliciam com o *brownie* da nova cantina

ainda é pequeno, mas as coisas começam a mudar a reboque do já famoso *brownie* caseiro de chocolate, preparado diariamente por Anilúcia, a responsável pela cantina. O cardápio, que inclui sucos, vitaminas, salada de frutas, sanduíches naturais, salgados de forno, preparados com farinha integral, salada verde e de feijão fradinho, empadões e *quiches* de queijo, espinafre, palmito, frango etc., pode ser uma boa opção para quem quer fugir dos lanches industrializados, das frituras e dos refrigerantes. Entre os Professores já existem fregueses diários. Entre os Alunos, a idéia está começando a pegar e por algumas boas razões. “Os alimentos da outra cantina são muito gordurosos e aqui tem o *brownie* que é mais gostoso”, diz Ian, da turma 52. ■

## MUDANÇA DE HÁBITO

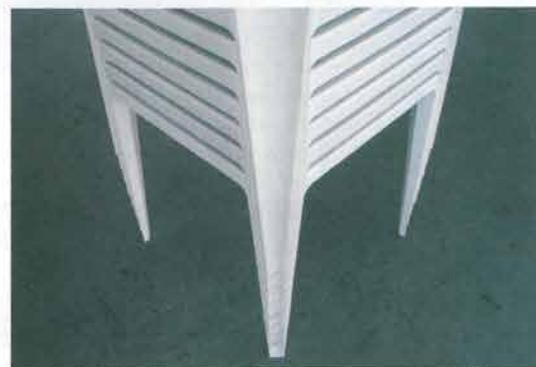
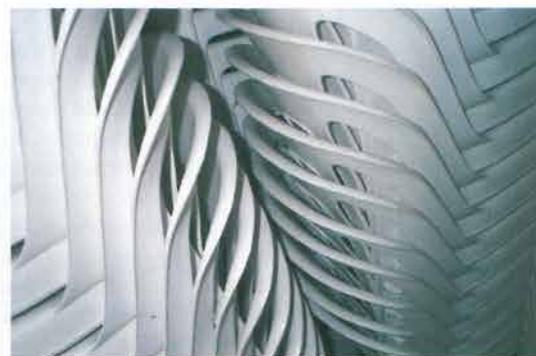
Como ensinar uma alimentação adequada às crianças diante de tantas opções de guloseimas tentadoras, porém pouco nutritivas e muito calóricas? De acordo com médicos e nutricionistas, o que podemos e devemos fazer é estabelecer regras, nunca proibições, lembrando que as crianças estão abertas a todos os tipos de aprendizado, mas que cabe aos pais decidir sobre o que é nutritivo e essencial para um bom desenvolvimento e ter esses alimentos sempre disponíveis. Também é importante avaliar a alimentação dos pais, pois se estes não derem o exemplo, dificilmente os filhos seguirão suas recomendações.

Definir a regularidade com que as crianças podem comer “porcarias”, eliminando-as da rotina e tornando-as exceção, e ter sempre à mão frutas prontas para o consumo pode ser parte de uma boa estratégia que deve incluir também conversar sobre a importância de se comer bem. O importante, nesse caso, é nunca utilizar explicações depreciativas, como “se você comer isso, vai ficar gordo e feio”. Envolver as crianças no preparo dos alimentos também pode ser uma boa idéia e nunca esquecer de que a aparência é fundamental para despertar a curiosidade e a vontade de provar a comida.

## Grêmios: tomam posse as novas diretorias

Nos dias 12 de junho e 10 de julho tomaram posse, respectivamente, as novas diretorias do Gregi (de 5ª a 7ª série do Ensino Fundamental) e do Mini-Grêmio (de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental), completando o ciclo iniciado no dia 2 de maio, quando a nova diretoria do Greco (8ª série e Ensino Médio) assumiu o seu mandato. A posse dos eleitos ocorreu, como sempre, depois da constituição do Tribunal Eleitoral, formado por representantes de turmas, e de concorridas campanhas. Nas três cerimônias, Pe. Lauro Palú parabenizou os eleitos, os concorrentes e os eleitores e ressaltou, entre outras coisas, a importância do uso do dinheiro dos Alunos, posto sob responsabilidade dos Grêmios, para promoções de interesse comum, comparando o uso do dinheiro dos outros com o uso responsável do tempo dos próprios eleitos. “Em geral, os que lideraram os Grêmios, nas várias gerações do São Vicente, foram Alunos que se destacaram pela consciência política e

pela seriedade nos estudos, mostrando que as atividades extra-classe não são uma perda de tempo, mas um bom aprendizado, uma boa escola de liderança, responsabilidade e engajamento”, lembrou o diretor do Colégio, que também provocou as Diretorias eleitas para que elas fossem espertas e convocassem as chapas concorrentes para colaborarem na realização dos projetos. Pe. Lauro reafirmou também a disposição de toda a Comunidade Educativa do Colégio de apoiar as diretorias eleitas e o papel da Coordenação Comunitária, Pastoral e Social (ComPasSo) como instância prática de recurso nas necessidades dos Grêmios. “Na militância no Grêmio, nas promoções do Intercolegial de Grêmios, no engajamento políticos, Ames, UNE, etc. é que se formam lideranças consistentes capazes de chegar um dia à Presidência da República e cidadãos capazes de promover verdadeiras transformações neste país”, concluiu Pe. Lauro.



## Cadeiras e mesas em exposição

Na noite cultural realizada pelos Professores em 16 de junho, uma exposição fotográfica diferente chamou a atenção de todos. De autoria de Pe. Lauro Palú e formada por 44 fotos das mesas e cadeiras que o Colégio às vezes aluga para suas festas, a mostra recebeu o provocativo título “Fim de festa. Fim de festa?”. O texto explicativo dizia: “Festa acabada, músicos a pé, diz o povo. Cadeiras amontoadas, mesas empilhadas. Vassouras, latas de lixo, o vozerio que diminui, os homens trabalhando. Esta exposição é dedicada aos zeladores do Colégio São Vicente, que sabem preparar, depois de cada festa, estas arquiteturas de neve, estes jardins congelados, estes palácios de luar, estes arco-íris brancos” (alusões do fotógrafo às formas geométricas e aos ângulos escolhidos). “Quando termina a festa, empilham-se as cadeiras e as mesas. As vassouras varrem ciscos e memórias, paixões bravias, amores, esquecimentos, traições, risadas, amizades, os últimos ecos do canto e das palmas. Os ratos roem de noite as últimas lembranças e, depois, as mesas e cadeiras vão para o depósito. E no escuro elas sonham convívios, esperam novas datas vermelhas, descansam e planejam futuros encontros”, continuava poeticamente o texto de Pe. Lauro, que descobriu na beleza das formas amontoadas, nas suas geometrias, e perspectivas e na luz que ressalta as curvas do plástico, a festa que começa depois da festa.



## Festas Juninas: novidade e tradição

Para a turma 32, os festejos juninos foram bem diferentes. Durante uma semana, no chamado Momento Junino, a turma trabalhou o tema, a partir das curiosidades da festa, da busca da origem dos festejos e dos ensaios para a festa do Colégio. No final da semana, no dia 27 de junho, foi realizado um lanche coletivo com comidas típicas e com a presença tão aguardada do cantor e compositor Lenine, que é pai do Bernardo Pimentel, e que, de violão em punho, botou alunos, professores, coordenadores e até os padres Agnaldo e Lauro para cantar.

No dia 28 de junho, foi realizada a Festa Junina do Colégio. Das 12h às 20h, Alunos, Professores, Funcionários, familiares e amigos, muitos vestidos a caráter, puderam brincar e se divertir em meio a barraquinhas de comidas típicas. A já tradicional gincana entre os Alunos de 5ª à 7ª série e da 8ª série ao Ensino Médio recolheu alimentos que foram encaminhados às entidades ajudadas pelo Colégio. A partir das 18h30min, a animação foi geral com *Zé da Onça* e seu grupo de forró.

No dia 3 de julho, foi a vez de a EJA comemorar os santos juninos. Na festa, realizada no Ginásio do Colégio, era possível comer canjica, queijo de coalho, milho cozido, caldo verde e muitas outras delícias. Nas barraquinhas organizadas por Alunos e Professores, também não faltaram o quentão e os jogos. Animados, todos "forrozaram" até às 22h.



## Passeios integram professores e funcionários

A Equipe ComPasSo tem trabalhado duro para estimular a integração entre professores e funcionários do Colégio. E o esforço tem valido a pena.

A primeira excursão, realizada de 4 a 6 de julho, foi a Conservatória, a cidade das serestas, e contou com a presença de 40 participantes, cuja animação derrotou de goleada o frio de 10° C. Além de muita música e bate-papo, houve ainda um instrutivo "passeio-aula" comandado pelos professores Marco Antônio, de Geografia, Jandira, de Matemática, e Vera, de Português. A turma tirou nota 10!

No primeiro final de semana de setembro, foi a vez de Penedo, onde o grupo andou de "jipão" e pode degustar um rodízio de *fondue*, acompanhado de muita música e dança no Clube Finlandês, e um delicioso *brunch* no domingo. Outros passeios virão, participe e divirta-se!



## Alunos no Caraça

Animados pela Rosana (Ciências), acompanhados pela Roseli (Geografia), José Eduardo (Formação Religiosa), José Assumpção (Formação Musical), Cordélia (Orientação Educacional, no primeiro grupo) e pelo Pe. Lauro, diretor do Colégio, cerca de 90 alunos da 5ª série foram ao Caraça nos meses de junho (de 18 a 22) e de julho (de 11 a 15). No Caraça, visitaram a igreja neogótica, as catacumbas e o museu. Além disso, e apesar do frio matinal de cerca de 3° C, realizaram passeios à Cascatina, ao Banho do Imperador e aos Taboões, onde houve "Olimpíadas" de salto em altura e em distância e demorados banhos de lama preta, prevenindo, quem sabe, futuros reumatismos. Na ida ao Banho do Belchior, os grupos passaram pelos Pinheiros, de onde se vê a caraça que deu nome ao santuário e à região. Na colina do Calvário, o professor José Eduardo comentou a Via Sacra, procurando trazê-la para os nossos dias e fazê-la envolver todos que estavam presentes. Na visita à Igreja Nossa Senhora da

Conceição de Catas Altas e nos passeios ao Tanquinho e ao Tanque Grande, Pe. Lauro contou histórias de quando, ainda menino, estudou lá. Por meio do diretor, os alunos também conheceram a história do Caraça e aprenderam nomes dos insetos, das flores, das árvores, das montanhas e, à noite, das principais estrelas, dos planetas e até dos satélites de Júpiter. Apesar da torcida e do silêncio que todos se esforçaram em fazer para não espantar o lobo guará, ele não apareceu uma noite sequer, deixando os Alunos apenas na expectativa. Como bons profissionais da imagem, os Alunos registraram em fotos suas lembranças e emoções, que foram, posteriormente, compartilhadas por todos do Colégio.

## Homenagem ao Deputado Biscaia

Com a apresentação da peça *Perdemos Todos*, sobre violência, os Alunos do Curso de Teatro participaram, no dia 11 de agosto, de uma homenagem da Assembléia Legislativa do Rio de Janeiro ao deputado Antônio Carlos Biscaia, que recebeu a Medalha Tiradentes. Os Alunos, convidados pela Assessoria do deputado, repetiram a apresentação feita durante a Feira de Linguagem, na qual Antonio Biscaia realizou uma palestra sobre o mesmo tema.



## Reciclando os colegas de trabalho

Após concluir o Curso de Segurança Predial no Batalhão da PM, o funcionário Antônio Rosa ficou responsável por transmitir a seus colegas de trabalho informações importantes para quem trabalha nas portarias e no estacionamento do Colégio. As reuniões de reciclagem foram realizadas nos dias 18 e 19 de agosto e a experiência de Antônio foi multiplicada de forma bastante produtiva.

## Alunos recebem o ator Roberto Bomtempo

No dia 22 de agosto, os alunos que fazem Curso de Teatro com o Professor Mario Sergio e Curso de Filosofia e Cinema com o Professor Patrick assistiram ao filme *Dois perdidos numa noite suja*, uma nova versão da peça com o mesmo nome. Após a sessão, houve um debate com o ator Roberto Bomtempo, ex-Aluno do São Vicente e participante do filme. O 3º ano do Ensino Médio foi convidado para assistir à peça.



O ator Roberto Bomtempo, ex-Aluno, volta ao Colégio para debate.

## Festa do Folclore anima o Ensino Fundamental

No dia 23 de agosto, encerrando um mês de pesquisa sobre folclore, que envolveu atividades de Artes, Música e Biblioteca, as Turmas de 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental assistiram à peça *O macaco maluco*, encenada por Alunas da 3ª série do Ensino Fundamental. Após a peça, houve apresentação de música, dança, quadrinhas e trava-línguas para os Alunos da 1ª série e oficinas de sucata, brincadeiras antigas e contação de lendas para os Alunos da 2ª série. As crianças também trouxeram biscoitos para doar à Creche Cristo Redentor, dentro do Projeto de Globalização da Caridade.



## Olimpíadas 2003

No dia 18 de setembro, ocorreu a abertura das Olimpíadas 2003 do CSVP, que foi realizada em duas etapas distintas: de 18 a 25 de setembro, competiram os Alunos da 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental; de 29 de setembro a 8 de outubro, foi a vez dos Alunos da 5ª à 8ª série. Na cerimônia de abertura dos jogos houve a entrada das bandeiras do Brasil e do Colégio, seguidas das bandeiras com as cores das equipes participantes. Após o Hino Nacional, falaram as Coordenadoras dos cursos, o Pe. Lauro declarou abertas as Olimpíadas e um Aluno leu o juramento olímpico. Para encerrar a festa, houve uma apresentação de dança de Alunos das 3ª e 4ª séries, que ensaiaram com a professora Rose, de Educação Física. O símbolo das Olimpíadas 2003 foi criado pelo aluno Mateus Costa de Mattos, da turma 21.

## Educação continuada

No VI *Simpósio Brasileiro de Orientação Vocacional e Ocupacional*, realizado em Florianópolis, de 10 a 13 de setembro, estiveram presentes três orientadoras da Escola — Heloisa, Maria Clara e Eleonora — que, além de participarem de cursos, palestras e mesas redondas também apresentaram o painel *Feira do Trabalho: opção de vida e cidadania*. O sucesso foi grande e deixou muitos participantes do simpósio interessados no processo de organização da feira, que aconteceu no Colégio, no dia 12 de abril.

## As seis pescadoras bobocas

No dia 7 de outubro, comemorando o Dia da Criança, os Alunos do Teatro Infantil apresentaram, sob direção do professor Lauro Basile, a peça *As seis pescadoras bobocas*, que marcou a estréia dos Alunos de 1ª série. A entrada do teatro foram biscoitos para a Creche Cristo Redentor.



## Crianças e deputados falam sobre fome e miséria

Com o objetivo de aprofundar as discussões sobre as causas e conseqüências da fome no Brasil, as Professoras da 1ª série do Ensino Fundamental organizaram, no dia 3 de novembro, um encontro das crianças com o senador Sérgio Cabral Filho e Maurício Ribeiro, da Administração Regional de Copacabana, Maria Ângela e Ronaldo Pimentel, ambos pais de Alunos do Colégio. O evento está inserido no contexto da campanha da *Globalização da Caridade: luta contra a fome e a malária*, lançado pela Família Vicentina no mundo, e da campanha *Fome Zero*, do Governo Federal.

# A CHAMA QUE NÃO SE APAGA

“... e que o passado abra os presentes pro futuro que não dormiu e preparou o amanhecer”

*Taiгуana*

Falar do São Vicente é falar de um tempo em que a gente brincava de ser “feliz para sempre”. É falar de brincadeiras, de um clima onde o colégio, seus professores e inspetores faziam parte de uma família maior.

É falar também de acolhimento... de aprender a conviver com diferenças na maior das harmonias. Meus irmãos já estudavam lá e nós, pequenas ainda, fomos ao quarto andar olhar o viveiro de bicos-de-lacre, paixão do padre Horta que rapidamente se transformou em nossa também, com uma irmã pequenininha chamando aquelas aves de “passarinhos de batom”. É lembrar do padre Paiva dormindo na rede com dor na coluna e do ortopedista mandando ele trocar o colchão da inútil cama próxima à janela do simples e aconchegante quarto e do médico, furioso, rasgando a receita.

Mais tarde, eu fui rejeitada pelo colégio de freiras e minha mãe foi conversar com o padre Marçal Versiani, então diretor do São Vicente. O ano era 1968 e a minha rebeldia esbarrou com a generosidade. O colégio ia aceitar meninas sim, mas no ano seguinte. O padre Marçal imediatamente abriu a exceção. E esse foi o ato mais significativo para aquela pré-adolescente. Nossa família estava com quatro dos cinco filhos matriculados ali e mais tarde viria a quinta filha. Em cada um de nós, e em todos, um afeto definitivo nessa colcha de retalhos particular e multicolorida.

O Darcy, que ainda está no colégio, era o “mágico” que nos ajudava a descobrir como trabalhar madeira no subsolo, onde era a antiga sede do grêmio. Lá fora, os tempos duros começavam.... Do portão do São Vicente para dentro, gente disposta a dar de si muito além do ensinamento formal, amenizando a dureza, gente capaz de jamais perder a ternura.

Era a travessura do meu irmão mais velho acordar de madrugada o padre Dario para abrigá-lo de uma bronca paterna, depois de fugir e bater com o carro. Eram duas da manhã e foi lá que o Fábio foi pedir socorro.

Era aprender francês de nunca mais esquecer com o Tedesco, professor além dos livros, sacerdote da educação, que vinculava a língua à cultura e à vivência

e, claro, despertou a primeira paixão, tantos anos depois revelada.

Era ter amigos para a vida toda, alguns deles permanecem até hoje e outros no coração.

A Solange, que está ainda hoje no Colégio, era sempre (e sei que é ainda) uma amiga preciosa, cheia de afeto e juventude na alma, que de tanto amor dispensado ao longo desses anos consegue multiplicá-lo mais ainda.

Uma outra lembrança: as aulas de biologia com o Sérgio Escarlante. Imperdíveis! Ele tornava a ciência algo vivo e tão atraente que nós aprendíamos nos divertindo. O Jorge Luís com seus imensos e profundos olhos azulados penetrava através de nossos olhos os fundamentos da física.

E a ecologia? Muito antes de se falar em preservação ambiental, a matemática e a geografia por meio do Duílio e do Clóvis Dottori promoveram um reflorestamento no morro atrás da casa dos padres. E tinha o De Paula, brincando de nos fazer pensar com as aulas de química mais engraçadas de que se ouviu falar.

E depois, havia a nossa liberdade para crescer, existindo... Em nós, a semente não só de sonhar com um mundo melhor, mas a consciência de que devíamos fazer a nossa parte, começava a germinar.

Era o Pau Ferro, ensinando a cuidar das plantas e explicando como cresciam as espécies, que completava com seu jeito simples as primeiras noções de botânica que tínhamos na sala de aula.

Era o Guimarães, o Mozart e o Trovão sabendo lidar com a maior sabedoria com nossas “bagunças” de gente crescendo. Era tanta coisa misturada às emoções, que ao longo da vida muitas vezes a gente esquece. E muitos outros que passaram e deixaram marcas definitivas, como Aluázio, Celita, Migdon, padre Márcio...

Mas o São Vicente é daquelas coisas que marca e fica para sempre. De profissão, me fiz jornalista, e já vão 27 anos! Hoje levo o meu principal tesouro, a pessoa mais importante da minha vida para estudar no São Vicente: minha filha,



a Bárbara da 3ª série, turma 31, que foi batizada na capela do subsolo pelo saudoso padre Almeida, amigo querido para sempre. A escolha é óbvia, não sei se mais pelo amor ao colégio ou pela confiança que nele tenho. Quando vi o nome dela no mural depois da prova e, recentemente, as fotos da Chapa do Futuro, eleita para o minigrêmio, não pude evitar as lágrimas quentes descendo pelo rosto. Neste terceiro milênio, o São Vicente dela evoluiu e é diferente na forma, porém não na essência.

Para mim, é um privilégio ver que ela está tendo a oportunidade de aprender a crescer como sujeito de sua própria educação, responsável e sobretudo feliz entre as mesmas paredes que fizeram história e a ela dão continuidade.

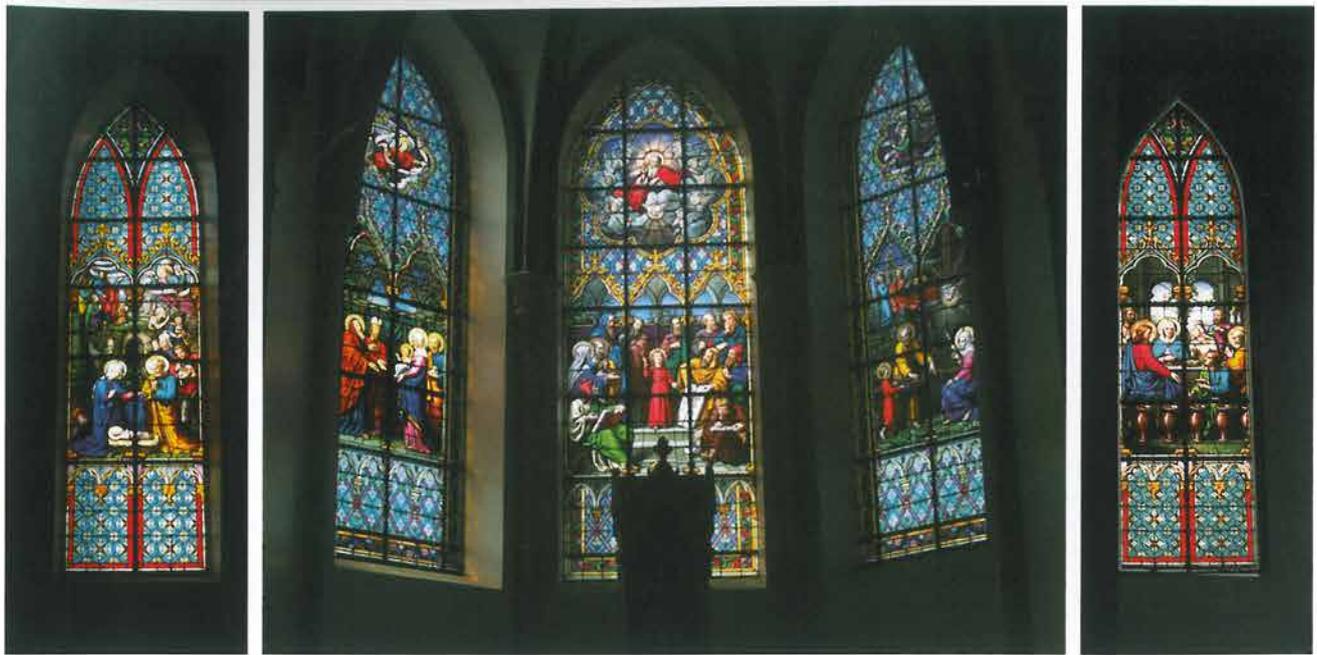
Agora mesmo, tenho que me policiar e manter uma certa distância para respeitar esse novo espaço, que é dela enquanto aluna, mas que usufruo com ela como mãe e com todos os meus sentidos, reacendendo a cada dia essa chama de amor e carinho que carrego em mim por toda a vida.

Quando leio as poesias do padre Lauro, me emociono também, reflito, volto a acreditar na vida e deixo que a esperança vença meus medos. Afinal, chegou a vez da Chapa do Futuro, um verdadeiro presente para mim que resgato um passado gostoso intenso e inesquecível. Lições para a vida toda que carrego na alma com uma fé maior no que virá.

Com amor,

Lília Coelho

*(ex-aluna: primeira matrícula de menina no São Vicente, em 1968)*



## VITRAIS

### Vitral da esquerda

O nascimento de Jesus. Havia um silêncio, nasceu um canto. Havia um escuro, nasceu uma luz. Havia uma seca, nasceu uma fonte. Havia uma solidão, nasceu um amor. Havia um rancor, nasceu o perdão. Havia Nossa Senhora, menina, feliz e inocente, e dela nasceu o Menino Jesus, Filho de Deus, nosso irmão e salvador. Com os pastores e os magos, vamos adorá-lo.

### Segundo vitral

A apresentação de Jesus no Templo. Entre as altas colunas, caminhavam a Mãe e São José. Frente aos muros de pedra, freem as esperanças dos séculos e as promessas do futuro. Sob a cúpula dourada, elevavam-se as nuvens de incenso e os cantos dos humildes. Nossa Senhora leva nos braços o Menino e o apresenta ao Pai, em adoração e obediência.

### Vitral do centro

O encontro de Jesus entre os doutores no Templo. Entre tantas crianças da romaria, nenhuma era Jesus e por isso Maria e José voltam aflitos, procurando o Menino. Ele, no Templo, falava com os doutores da lei e os sacerdotes, contando as coisas de Deus, explicando os profetas, lendo para eles o futuro. Menino, quem te ensinou tudo isso? E nós aflitos te procurando na rua, nos caminhos, entre os bandos, Menino!

### Quarto vitral

A casa de Nazaré. Nossa Senhora fiando lãs e profecias, tecendo blusas e bordando o futuro desse Menino, Adolescente e Moço, que trabalha como carpinteiro. José acha que não merece aquela Mulher e aquele Menino em sua casa. Casa cercada de anjos, coberta de bênçãos, imagem do céu e bem plantada na terra, iluminada pelo sol e por uma luz que vinha de dentro deles.

### Vitral da direita

O casamento em Caná. Com Nossa Senhora, a festa ficou mais alegre. Com Cristo, ainda mais alegre. Com vocês a meu lado, a vida fica sempre mais alegre. O bom da festa é esperar por ela. É ter saudades dela. O bom é que nunca termina. Festa muda água em vinho, em força, em glória. O bom da festa é Jesus ao lado de Maria, o Menino ainda obedecendo à Mãe.

Ofereço esses vitrais do Caraça a cada um dos amigos do Colégio São Vicente, cada Família, cada Menino, cada Menina, todos na mesma Luz, neste Natal de 2003, semeando esperanças para 2004.

